

CADERNO Nº 3

CADERNO Nº 3

Conferências do Pe. Manuel Nunes Formigão
às suas religiosas sobre a Eucaristia,
os votos e outros assuntos referentes
à vida religiosa

Ilusões sobre a Obediência

Ilusões sobre a Pobreza

Ilusões sobre a Castidade

Sobre ao Retiros

Ilusões sobre os perigos da Vida Religiosa

Ilusões sobre o Valor Pessoal

Natureza e Fundamento da Humildade

Ilusões sobre a Perfeição

Obrigação da Religiosa - SOFRER

Eucaristia

I - ILUSÕES SOBRE A OEDIÊNCIA

Como terei de falar mais tarde da natureza da obediência como virtude e como voto, das suas qualidades e dos bens que proporciona à alma, falarei agora somente:

- 1º. Da origem das ilusões sobre a obediência;
- 2º. Da natureza das ilusões sobre a obediência;
- 3º. Dos tristes efeitos da desobediência.

2º. Natureza das ilusões sobre a obediência.

Primeira ilusão: *O objecto da obediência não é perfeitamente definido.* O objecto da obediência é, em geral, tudo o que é ordenado pelo Superior, quer verbalmente, quer por uma lei fixa e determinada; mas, para a inteligência perfeita deste princípio, é preciso distinguir, com os teólogos, várias espécies de preceitos: uns que seriam *contra a regra*, outros que seriam *acima da regra*, outros que são *segundo a regra*, outros, finalmente, que seriam *abaixo da regra*.

I – Um preceito *contra a regra* e que ordenasse coisas expressamente proibidas pela regra seria nulo e iníquo, como, por exemplo, o dum Superior que ordenasse a um cartuxo que comesse carne. O poder do Superior é-lhe dado para edificação e não para destruição; e, como neste caso, abusaria da sua autoridade, os inferiores, longe de serem obrigados a obedecer-lhe, devem resistir-lhe. Mas estes casos são raros e quase quiméricos.

II – Um preceito *acima da regra*: prescrevendo, por exemplo, austeridades maiores que as da regra, como não usar roupa branca, levantar da cama à meia noite, abster-se de vinho ou de carne, nas ordens em que esses rigores não estão na regra, é injusto, contra a razão, e não obriga, em consciência, a não ser que fosse imposto a uma religiosa em particular para a punir por alguma falta grave. Que a ordem ou a proibição não vá nunca além dos limites da profissão, e que o Superior se contente de exercitar e não de forçar ao mais perfeito.

III – Um preceito *segundo a regra* obriga, em consciência; se um Superior, com efeito, tem o direito de se fazer obedecer, é certamente no caso em que o seu preceito é

justo e razoável; ora, que há de mais justo e razoável do que aquilo que é ordenado em harmonia com a regra e com as constituições, o que nela está compreendido implícita ou explicitamente, o que é necessário ou conveniente para a boa ordem da casa, para nela se conservar a regularidade e o espírito do Instituto? Tudo isso, dizem os teólogos, está contido na regra, tudo isso é da regra, tudo isso é segundo a regra e, se o Superior o prescreve, é um dever fazê-lo.

Assim, um Superior tem o direito de punir os culpados, de proibir um jogo ou divertimento que cause dissipação, ordenar preces por necessidades urgentes, obrigar os inferiores, mesmo com perigo da sua vida, a servir os doentes da casa atacados de peste. Assim é que se obrigavam os religiosos à clausura, embora não tivessem feito voto disso, porque se julgou necessário que eles fossem, desse modo, separados do mundo para perseverarem mais puros por estarem menos expostos ao contacto do mundo.

IV – Um preceito *abaixo da regra*, isto é, que ordene o que quer que seja de ridículo, de completamente inútil, ou mesmo de indiferente sob todos os aspectos de vista, não obrigaria, por si mesmo, em consciência. Mas o inferior não deve persuadir-se facilmente de que aquilo que se lhe ordena é indiferente ou inútil, ainda que da sua natureza o fosse; o Superior, que tem por fim exercitar a obediência dos seus inferiores, enobrece dessa forma o seu acto e refere-o assim a um fim razoável e digno.

Segunda ilusão: *a regra não obriga sob pena de pecado.*

Pode-se abusar facilmente destas palavras, exactas em si mesmas; examinemo-las com cuidado.

É verdade que, de ordinário, as regras das comunidades religiosas não obrigam, por si mesmas, sob pena de pecado. Para não multiplicar as faltas, os fundadores e legisladores das Congregações não quiseram fazer, da observância de cada uma das regras que eles traçaram, uma obrigação de consciência. Muitas vezes, as próprias constituições o advertem. Assim sucede especialmente com as regras disciplinares, que têm por objecto a ordem e a vida quotidiana da comunidade.

Todavia, (e as religiosas que se baseiam neste princípio para desculpar as suas faltas fingem esquecê-lo) é muito difícil transgredir voluntariamente e sem razão, qualquer ponto das regras e não cometer, pelo menos, nem pecado venial, porque, como nos diz S. Francisco de Sales, “*embora não haja nenhuma espécie de pecado, em virtude da transgressão da regra, pode, contudo, havê-lo em razão da negligência,*

descuido, precipitação ou outros defeitos semelhantes, porque acontece raras vezes que, sendo um bem próprio para o vosso adiantamento, e nomeadamente sendo chamados e convidados a praticá-lo, nós o deixemos voluntariamente, sem ofender a Deus”. Ousar-se-ia dizer, por exemplo, que uma religiosa que falta ao silêncio sem motivo, que, sem necessidade, fica na sua cela quando a regra lhe pede que vá ao coro, que não deixa a sala de visitas quando a sineta a chama para um exercício, ousar-se-ia dizer que essa religiosa fez uma acção, ou omissão, boa em si mesma, boa em seu fim, boa nas circunstâncias e que possa referir-se a Deus?

Além disso, a religiosa que, sem motivo e de propósito deliberado, transgredir a sua regra, despreza um meio que lhe é oferecido de tender para a perfeição, priva-se da graça ligada à fidelidade aos seus regulamentos; se as suas faltas são conhecidas, são um mau exemplo que prejudica a boa ordem da comunidade; se são frequentes, expõem aquela que as permite a si mesma a um relaxamento geral que pode ter as mais graves consequências.

Acresce que há regras, e em grande número, que não se poderiam transgredir sem pecado e, às vezes, sem pecado grave. São aquelas que dizem respeito aos votos e aquelas que não fazem senão formular uma obrigação já imposta pelos mandamentos da lei de Deus: regras de caridade, de humildade, de abnegação, de fuga das ocasiões. São ainda regras, doravante mais numerosas, impostas às comunidades religiosas pelo Direito Canónico. Transgredindo essas diversas regras, é evidente que se violam compromissos ou leis obrigatórias sob pena de pecado, e a falta é mortal ou venial conforme a matéria é grave ou leve.

Não falo das religiosas que desprezam a regra. Mais tarde se dirá qual é a gravidade do desprezo formal que uma pessoa consagrada a Deus faria da sua regra.

Avalia-se agora o valor desse pretexto, alegado mais duma vez para desculpar a infidelidade às regras da comunidade: a regra não obriga sob pena de pecado.

Terceira ilusão. *A obediência não é possível com a minha superiora.*

É uma das ilusões mais desastrosas: vamos estudá-la nas suas particularidades.

1º. *Ela leva-nos a examinar a conduta da nossa Superiora, a sua maneira de proceder, o seu exterior, as suas palavras, o seu carácter.*

Poder-se-ia responder em geral que, se o Evangelho nos proíbe julgar, sob pena de nós mesmos sermos julgados rigorosamente, se S. Paulo não quer que julguemos o

servo de outrem, se julgar os outros sem ter recebido de Deus autoridade para isso é usurpar a soberania divina, se a caridade exige que não pensemos mal de ninguém, é preparar para nós, no tribunal de Deus, uma sentença bastante rigorosa, julgar temerariamente, implacavelmente, e muitas vezes falsamente, uma pessoa estabelecida por Deus para nos julgar a nós, e de quem Ele disse: *“aquele que a fere é como se ferisse a pupila dos meus olhos”*.

Mas respondi vós a estas perguntas do simples bom senso:

- A vossa Superiora está confiada aos vossos cuidados?
- Estais encarregadas de a dirigir?
- Recebestes alguma autoridade sobre ela?
- Deveis, diante de Deus, no último dia, responder por ela, alma por alma, como ela deve responder por vós?
- Que vos importa, pois, o seu exterior mais ou menos gracioso, a sua palavra mais ou menos mansa, o seu génio mais ou menos amável?
- Quando um mensageiro vos levava as ordens do vosso pai, da vossa mãe, examináveis, para trocar dessas ordens, se esse mensageiro era alto ou baixo, gordo ou magro, se falava com facilidade, se tinha um espírito superior? E a vossa Superiora não é a mensageira de Deus, transmitindo-vos as suas vontades?

2º. A ilusão leva-nos a exagerar as imperfeições e as faltas que a Superiora pode cometer.

Se a vossa Superiora tem defeitos, se ela cai em certas faltas de impaciência, e até de cólera, não deveis desculpá-la com mais caridade do que a qualquer outra? Ela está assoberbada com tanto trabalho, ela está exposta a tantas ocasiões, ela está ocupada com tantos assuntos, ela é puxada a todas as horas por tantas pessoas, ela é presa de tantos contraditores, ela tem tantos aborrecimentos, que é quase impossível, ainda que fosse uma santa, que não caia nalguma falta. Vós sois, portanto, injustas em não terdes nenhuma atenção pela sua posição; injustas e más em censurá-la sem piedade, porque, se ocupásseis o seu lugar, quantas faltas muito mais graves não cometeríeis vós? Recordais-vos destas palavras dum imperador romano, Constantino Magno, que, decerto, vos era superior em bom senso, discernimento e critério: *“se eu visse um sacerdote cometer uma falta, cobri-lo-ia com o meu manto real, para que ninguém conhecesse essa falta”*. Não deveríeis proceder assim para com a vossa Superiora?

E, além disso, os defeitos pessoais dos Superiores, por mais reais e verdadeiros que eles sejam, não impedem que eles façam as vezes de Deus junto de nós. Quando Deus quis sujeitar-nos aos homens, não sabia que eles tinham defeitos? Pode Ele autorizar-nos a separar, em prejuízo da obediência, a pessoa e as suas qualidades, do lugar e do carácter? Não disse Ele, falando dos escribas: *“Não façais o que eles fazem, mas fazei o que eles vos dizem?”* E S. Pedro não recomendava que se obedecesse aos superiores, não só aos bons e moderados mas aos mais difíceis?

Ainda uma consideração importante: os defeitos dos superiores entram nos desígnios de Deus; Ele quis assim dar mérito à nossa fé e à nossa paciência. Que mérito haveria, pois, em obedecer, se aqueles que mandam fossem sempre bons, sempre amáveis, sempre santos? Cairiam numa espécie de idolatria, diz Santo Agostinho, amá-los-íamos demasiado, e, para tornar a nossa obediência sobrenatural e meritória, servos-iam precisos esforços que seríamos muitas vezes incapazes de fazer. A conduta de Deus a respeito da obediência é a mesma que para as outras virtudes: é sob os véus enganadores do pão e do vinho que Ele quer ser adorado na Eucaristia; é sob os andrajos do pobre que Ele quer ser servido; é na pessoa dum inimigo que Ele quer ser amado; é também na pessoa duma Superiora, que me é antipática e que não me inspira confiança, que Ele quer ser obedecido.

3º. A ilusão leva-nos a dissimular as virtudes da nossa Superiora; ela no-las torna suspeitas por mil razões, que o orgulho, a inveja, o ciúme ou o despeito nos sugerem.

Vós suspeitais das suas virtudes; vós interpretais as suas intenções nesta ou naquela mudança que ela faz, nesta ou naquela ordem que ela dá; vós censurais a sua conduta para com esta ou aquela irmã; mas vós conheceis as suas intenções? Ela está obrigada a dar-vos conta dos motivos dos seus actos? Poderia ela, às vezes, sem faltar à discrição e à prudência, dizer porque daria um emprego a uma irmã, ou mesmo, sem vos fazer corar, dizer-vos publicamente porque vos impõe um ofício que vos humilha? Sede pois mais cristãos e mais humildes.

4º. A ilusão mostra-vos que foi a intriga, ou o espírito de partido, ou outras vistas humanas, que fizeram que fosse eleita a Superiora.

Talvez vos acheis embaraçadas para provar esta asserção e para vos inocentardes de todo o espírito de partido; mas suponhamos que é verdade o que vós dizeis: que

importa à vossa salvação? Isso diz respeito unicamente à vossa Superiora e àquelas que a elegeram, mas não a vós. Cuidai de serdes boas religiosas, regulares, obedientes, caritativas; considerai a vossa Superiora como o canal pelo qual Deus vos transmite as suas ordens; não vos ocupeis nem das suas qualidades, nem da maneira como ela foi eleita: basta-vos que a autoridade eclesiástica tenha aprovado a sua eleição.

Eis algumas **regras práticas** que facilitarão o cumprimento sempre um pouco penoso do **dever da obediência**:

1. *Evitai as familiaridades e as conversas com aquelas vossas irmãs que são naturalmente inclinadas a estar descontentes; caracteres melancólicos, elas gostam de se queixar, de se lastimar; censoras mordentes, comprazem-se em criticar tudo o que emana da autoridade; espíritos desnorteados, insinuam-se facilmente no espírito das outras e, em pouco tempo, vós vos tornareis como elas.*

2. *Imaginai algumas vezes que vós mesmas sois superiores, mas não separeis as contradições e as penas daquilo que a vossa imaginação vos mostra honroso e vantajoso.*

Diz-se que para mandar bem é preciso ter sabido obedecer durante muito tempo: poder-se-ia dizer, com tanto e mais verdade, que para obedecer bem seria útil, pelo menos às pessoas razoáveis, ter tido durante algum tempo o cargo de superiora.

3. *Habituai-vos a obedecer, sem ostentação, unicamente por espírito de humildade.* Como é ordinariamente o vosso orgulho e o vosso mau génio que causam as vossas revoltas, o hábito de vos dominardes, de vos vencerdes, tornará mais fácil a obediência aos superiores. Não se tratando de coisa que ofenda a Deus, sede sempre complacentes e estai sempre prontas a ceder e a fazer o que se deseja da vossa afeição.

Uma vez admitido este princípio, que os superiores fazem as vezes de Deus, segue-se que, se os inferiores lhes faltam ao respeito e à obediência, Deus considera essa falta como uma injúria feita à sua pessoa. Por isso, Jesus Cristo, depois de ter dito, dos Apóstolos e dos Superiores, “*Quem vos ouve, a mim ouve*”, acrescenta como consequência: “*quem vos despreza, a mim despreza*”¹. E S. Paulo, depois de ter recordado que é preciso estar sujeito às potências superiores, porque todo o poder vem de Deus, acrescenta: “*Aquele que resiste ao poder, resiste à ordem de Deus*”².

¹ Lc. 10,16

² Rom 13, 2

Obedecei, pois, às vossas Superiores e, para viverdes felizes, pedi a Deus a graça de as amardes a todas, e sempre sobrenaturalmente.

“Há, diz o P. Champagnat, duas pessoas de quem depende a felicidade de toda a religiosa. Para estardes contentes e felizes na vossa vocação, é absolutamente necessário que estejais bem com elas. Essas duas pessoas são: Deus Nosso Senhor e a vossa Superiora.

“Para estardes bem com Deus, duas coisas vos são precisas: “temer o pecado e evitá-lo com cuidado; serdes fiéis a todos os vossos exercícios de piedade e faze-los com todo o fervor possível”.

Para estardes bem com a vossa Superiora, duas coisas são igualmente precisas: a abertura do coração, plena e inteira, e a docilidade”.

Dai-me uma religiosa que esteja bem com Deus e com a sua Superiora e que não se sinta feliz na sua vocação e no seu emprego; eu não creio que exista uma só que seja. Dai-me uma religiosa que tenha poucas relações com a sua Superiora, que lhe esconda o seu coração, os seus defeitos, as suas fraquezas, uma religiosa que tenha algum rancor contra a sua Superiora, que se julgue tratada por ela como não merece, e que seja feliz, contente e solidamente virtuosa: percorrereis toda a terra e não encontrareis uma só.

Para uma religiosa, obediência, felicidade, virtude sólida são três palavras (?)³; quem não tiver a primeira, não terá nunca as outras duas.

Quarta ilusão: *A obediência deve ser racional.*

Sim, sem dúvida, e decerto é muito racional obedecer a uma autoridade legítima, a uma Superiora que é para vós a representante de Deus e que não vos ordena nada contra os mandamentos de Deus e contra a regra.

É muito racional manter, com a sua submissão simples, pronta, inteira, a boa ordem e a paz na comunidade; e não haveria confusão nem anarquia se fosse permitido a cada particular raciocinar sobre as ordens do soberano e discutir as suas leis?

A obediência deve ser racional. Mas, qual é o sentido que dais a estas palavras? Não é o de (?)⁴ a comparecer perante o tribunal da vossa razão as ordens que vos são dadas? De examinar se estão em harmonia com a vossa maneira de ser, e de as aprovar somente quando vós mesmas, se fôsseis superiores, as daríeis? Mas, então, é a vontade

³ Palavra ilegível.

⁴ Palavra ilegível.

da vossa Superiora que vós fazeis ou a vossa? E para proceder assim, era necessário fazer um voto?

Em vez duma obediência racional, é uma obediência racionada, ou melhor, uma obediência racionadora que vós quereis.

A obediência deve ser racional. Direis vós que às vezes se ordenam coisas contra o bom senso, e citareis a ordem de regar todos os dias, a hora fixa, um pau seco?

Este preceito não é mais contra o bom senso do que o do chefe militar que obriga, durante vários meses, os seus soldados a mover, duma maneira ridícula em si mesma, os braços e as pernas. Este exercício, que para um ignorante á ocasião de riso, tem por fim tornar ágeis e maleáveis os membros?

O acto prescrito pelo Superior, e que faz sorrir o ignorante das coisas de Deus, tem por fim tornar maleável, dócil, a vontade da noviça que, durante um certo tempo o tiver cumprido fiel e piedosamente; tornar-se-á uma professa humilde, generosa, a quem os seus Superiores poderão pedir os sacrifícios mais heróicos, e esses sacrifícios ela os cumprirá com fidelidade.

Nota: A obediência não consiste tanto em fazer tudo o que é prescrito, como em querer sempre fazê-lo e tentar procurar fazê-lo.

Quando uma ordem nos é dada para proceder, por exemplo, de tal maneira, em tal emprego, é permitido, sem dúvida, fazer as observações que nos parecem justas, se, sobretudo, estamos há muito tempo nesse emprego; mas, se a nossa Superiora insiste, se ela não admite as nossas razões, devemos aceitar a ordem e estar inteiramente resolvidos e executá-la. Chegado o momento da acção, se não podemos realmente fazer como nos foi mandado, não nos inquietemos e façamos como pudermos. Depois, demos contas da nossa maneira de proceder. Talvez nos ralhem; julgarão que tivemos má vontade, insistirão de novo; prometamos ainda, sinceramente, tentemos mais uma vez; ou Deus dará luzes à nossa Superiora e ela mudará de opinião, ou Deus nos dará a nós o *savoir-faire* que nos faltava.

Nós teremos sido humilhados, terão suscitado de nós, mas nós não teremos murmurado, nem desobedecido: e Deus terá sido glorificado.

Quinta ilusão. *Eu subtraí-me (escapei) à obediência, não me deram nenhuma ordem.*

Estais bem em segurança de consciência, unicamente porque não vos deram nenhuma ordem? Procurai os motivos desse silêncio da vossa Superiora:

1º. Não é porque a vossa Superiora vos acha ordinariamente tão altiva para com ela, tão raciocinadora, tão pouco animada de boa vontade que já não ousa mandar-vos nada? Vós lhe tendes tantas vezes desobedecido, vós tendes tantas vezes escandalizado a comunidade que, para o bem da paz, ela prefere dirigir-se a outra. Diante de Deus, podeis dizer-vos submissa, quando sois vós que forçais a vossa Superiora a submeter-se aos vossos caprichos?

2º Não é porque, prevendo que a vossa Superiora vos vai ordenar ou proibir alguma coisa, vós andastes com rodeios, vós empregastes, sem que ela o suspeitasse, todas as indústrias da vossa imaginação e da vossa habilidade para que esse preceito fosse imposto a outra? Vós vos escondestes, quando ela procurava alguém, com o receio de que pensasse em vós; vós dissestes que sentíeis um pouco de cansaço; vós exagerastes a competência ou o jeito duma irmã para que a empregassem... Diante de Deus, podeis dizer que sois submissas, quando sois vós que forçais a vossa Superiora a submeter-se à vossa cobardia?

3º Não é porque obtivestes uma dispensa, dando razões não talvez inteiramente falsas, mas semi-verdadeiras; ampliando uma licença para além do tempo ou do objecto para o qual foi dada; interpretando-a segundo os vossos desejos ou os vossos caprichos; colocando a vossa Superiora na impossibilidade de recusar o que vós desejais, porque já o fizestes em parte, ou porque empregastes pessoas que ela não pode excluir? E diante de Deus podeis dizer que sois submissas, quando sois vós que forçais a vossa Superiora a submeter-se à vossa duplicidade?

Sexta ilusão. *A obediência é para mim muito penosa.*

A obediência é realmente penosa ao orgulho, à sensualidade, à independência; porque, sacrificar a própria vontade e o próprio juízo para depender de outrem, não só na sua maneira de agir mas ainda na sua maneira de pensar e de julgar, e isso em coisas de pouca consequência, mas no que parece dizer respeito à salvação e à santidade. Sacrificar a própria razão e dirigir-se pelas luzes de outrem, não se permitindo nada nem a aprovação de outra pessoa, fazer às cegas tudo o que ela aconselha sem lhe opôr a menor resistência, mesmo interior, é para o homem alguma coisa de mais difícil que as privações, os prejuízos e as austeridades.

Mas, quando esse sacrifício é feito para Deus ou em nome de Deus, perde uma grande parte do que o tornava penoso e torna-se glorioso.

É o orgulho, a sensualidade e a cobardia que encontram sempre protestos para se queixarem e para murmurarem.

1º Trata-se dos empregos?

I. Pretexto de fraqueza.

Este emprego é muito penoso, prejudicará a minha saúde e eu sucumbirei. Tens a certeza disso? Conheces, com exactidão as dificuldades do emprego que te confiam e a força de resistência do teu temperamento? Mas a tua saúde é-te mais cara que a tua salvação e que a vontade de Deus, e estás na religião por causa da tua saúde? Lembra-te, pois, de que não é necessário que passes bem de saúde, mas que salves a tua alma. É a tua Superiora que responde pela tua saúde diante de Deus, não és tu: tu respondes pela tua obediência. Não, certamente, nós não queremos que tu sofras, nós queremos apenas que tu te salves; e, se Deus permitir que te esqueçam, que te oprimam até, expõe com simplicidade as tuas dificuldades; mas, se depois de teres dado parte da tua fraqueza, do teu cansaço, das tuas dores, não te ouvirem, não te atenderem, não te acreditarem, não fizerem caso de ti... vai para o martírio, vai chorando mas não vás murmurando.

Nota: Os teólogos excluem da obediência os casos em que a coisa mandada é duma execução muito difícil ou perigosa, como se, obedecendo, o inferior se expusesse ou expusesse alguma outra pessoa a um grave perigo de perder a vida, ou a honra, ou a reputação, ou os bens da fortuna. Em casos tão críticos, o inferior não é obrigado a privar-se do direito certo que tem de conservar bens tão importantes, quando o direito de lhe impor semelhantes sacrifícios não é bem claro naquele que o impõe. Pode-se até dizer que, de ordinário, os Superiores não têm direito de prescrever actos heróicos; a própria Igreja se abstém de obrigar com este rigor.

E vós, que envelhecesteis sob o fardo do trabalho, arrastai-vos ainda para cumprir a regra tanto quanto puderdes. Não vos valhais nunca da vossa antiguidade, dos vossos trabalhos, dos cargos que exercestes, para vos isentardes sem licença das observâncias comuns. Oh! que bem que vós fareis quando vos virem, curvadas sob o peso da idade e das enfermidades, amar a regra e não faltar a nenhum exercício.

II. Pretexto de antipatia

Eu terei por companheira esta irmã que me desagrada; a sua presença será para mim uma origem de faltas e uma ocasião de quedas: ela paralisará o trabalho, ela porá a minha salvação em perigo. Que lindas palavras de que tu sentes bem o exagero e até a falsidade. Quem sabe se, nos desígnios da Providência, a aproximação e a convivência com essa irmã não é para ti uma ocasião de multiplicares os teus méritos e de fazer reviver a tua caridade? Quem sabe se Deus não ligou a este sacrifício as suas graças mais abundantes e até a tua salvação?

III. Pretexto de incapacidade

Eu não tenho as aptidões necessárias para este emprego; eu não serei bem sucedida e a vergonha recairá sobre a comunidade! Isso é realmente verdade? É a vergonha e a humilhação, para a casa ou para ti, que tu temes? E, suponhamos que o que tu dizes é a expressão da verdade; Deus não recompensará a tua submissão com graças de bom êxito se, depois de teres exposto os teus receios, tu fores para o trabalho com dedicação e generosidade?

2º Trata-se dos exercícios de comunidade e da pontualidade em comparecer nesses exercícios?

Aqui ainda quantos pretextos! Já não se pode mais; está-se oprimido; a recitação do ofício excita o sistema nervoso; a meditação enerva; o recreio produz violentas dores de cabeça. Um dia, diz S. Teresa, que conhecia bem todos estes pretextos: um dia nós não fazemos oração mental porque temos dor de cabeça; no dia seguinte, porque na véspera tivemos essa dor de cabeça; dois ou três dias depois, com medo de tornarmos a ter a dor de cabeça. Oh, pobres irmãs! Em vez de dizeres contigo mesma, ao toque da sineta, “o Senhor chama-me”, porque te pões a ouvir o Demónio; porque te conservas hesitante, tibia, pusilânime? Deixas escapar o primeiro momento, sempre tão precioso, esse primeiro momento do coração que responde a Deus “Eis-me aqui”, e que deleita o Coração de Deus, e tu privas-te das graças que Deus concede à exactidão e ao fervor.

A obediência é também penosa para essas religiosas tenazes nas suas orações exageradas, nas suas práticas de piedade. Tomando a sua teimosia por regularidade, elas cansam-se a si mesmas e cansam sobretudo a sua Superiora. Querem-nas dispensar dalgum ponto da regra, porque se julga que não podem cumpri-la? Elas reclamam: elas não têm a necessidade dos alívios que se lhes quer proporcionar, elas não estão tão

doentes como se pensa, elas julgariam cometer um pecado, mesmo um pecado mortal, não dizendo o seu ofício, quebrando o jejum, não ouvindo a Missa ao Domingo.

“Já há algum tempo, escrevia S. Francisco de Sales, que tenho sentido um pouco de febre. O nosso médico não quis prescrever outro remédio senão o repouso, e eu obedeci-lhe. Vós sabeis que é também o remédio que eu receito de boa vontade, a tranquilidade, e que eu proíbo sempre a pressa. Deixemos por um pouco a meditação, por causa da vossa dor de cabeça... Que importa que sejamos de Deus duma maneira ou doutra?” Eis o exemplo a seguir.

É muito difícil convencer esses espíritos, muitas vezes menos escrupulosos do que acanhados e doentes... Tentemos dar algumas regras que podem ser-lhes úteis, desde que se tornem um pouco humildes:

1ª É certo que há coisas que uma Superiora não pode nunca mandar e a que os inferiores não se devem submeter: *aquelas que são contra os mandamentos da lei de Deus e aquelas que são, evidentemente, contra a regra.*

2ª É certo que pode ser permitido, em certas ocasiões, fazer certas coisas, proibidas em geral pela regra, pela Igreja ou mesmo pelo Direito Divino positivo, ou omitir outras que essas mesmas autoridades ordenam: *o jejum da Quaresma, a obrigação de ouvir Missa, de não trabalhar ao Domingo, a recitação do ofício divino*; essas leis podem sofrer exceções; há circunstâncias em que elas não obrigam, e, na dúvida, a autoridade do Superior, que explica a lei, deve tranquilizar a consciência dos inferiores. Quando se trata dum mandamento da Igreja, uma Superiora não pode dispensar, porque esses mandamentos não caem sob a sua jurisdição, mas ela pode julgar, como pessoa prudente e desinteressada, que, visto o estado de determinada religiosa que lhe está confiada, esse mandamento não a obriga nesse caso particular. E é a esse juízo que a religiosa se deve submeter.

Mas, dir-se-á: uma Superiora não poderá enganar-se?

Sim, sem dúvida, mas uma inferior, obedecendo-lhe, não se enganará. Mas não se pode julgar, aquela que se dispensa, mais doente do que está na realidade? Sim, sem dúvida, e essa doente deve dizer com simplicidade o seu pensamento, e, quando ela expõe o seu estado, deve obedecer e formar a sua consciência sobre a da sua Superiora, desprezando completamente as suas dúvidas e as suas inquietações.

Esta regra aplica-se a outra ordem de coisas, mais íntima e mais rara, mas em que a obediência custa mais: quero referir-me às visões e às revelações. Não trato agora aqui deste assunto delicado mas posso dizer que, também nessa matéria, qualquer que seja a convicção da pessoa a quem foi concedida uma visão ou uma revelação, essa pessoa deve dizer como Santa Teresa: *“Eu faço mais caso duma palavra do meu Superior ou do meu confessor que de mil revelações, e é pelos ditames daqueles que são para mim as vozes de Deus que eu devo reger-me e governar-me”*. Admitindo, acrescenta ela no Livro das Fundações, *que o confessor não se engana, o mais seguro para a pessoa que se crê favorecida com uma revelação é não se afastar em nada da sua direcção, ainda que fosse um Anjo do Céu que lhe tivesse falado. Porque Nosso Senhor, ou dará luz ao seu ministro, ou disporá as coisas de tal maneira que a alma não possa cair em falta, obedecendo”*. Não há nenhum perigo em proceder desse modo, ao passo que uma conduta contrária é cheia de perigos e de inconvenientes. Nós devemos recordar-nos de que a fraqueza natural é muito grande, particularmente nas mulheres.

Não te aflijas, dizia Jesus Cristo a Santa Teresa, que, por ordem do seu confessor, tinha repellido esse Divino Salvador que se lhe mostrava; não te aflijas, tu fazes bem em obedecer; eu farei conhecer a verdade.

Mas não é permitido fazer à Superiora observações e reclamações?

Sim, decerto, porque a obediência religiosa não é uma escravidão; mas em toda a reclamação é preciso observar as regras seguintes:

1º Examinar, diante de Deus, se não é de modo nenhum o amor-próprio, ou o nosso interesse, ou a nossa cobardia, ou o nosso orgulho que impele o reclamar.

2º Propor as suas razões com a mesma sinceridade com que se faria a Jesus Cristo, de quem o nosso Superior faz as vezes, acautelando-se contra a paixão, que não deve ser o princípio da acção duma religiosa, e ficando sempre nos limites da delicadeza, da doçura e da amizade cristã.

3º Conservarem-se numa grande indiferença, prontas a aceitar com resignação a decisão da Superiora, quer ela aceite as suas razões, quer ela as rejeite, e ver na sua decisão a vontade de Deus Nosso Senhor.

Acalmar, no fundo da própria alma, com uma oração lenta e tranquila, a impressão penosa que uma recusa fez nascer nela, e, se é possível, não falar nisso a ninguém.

3º Tristes efeitos da desobediência

São tristes, muito tristes os efeitos da desobediência. Falando da origem, da fonte das ilusões acerca da obediência, já indicámos a presunção, a arrogância, a revolta, como produzidas pelo orgulho; contudo esses defeitos que perturbam uma comunidade inteira não são felizmente habituais; aqueles de que vamos falar são muito mais frequentes:

1º A desobediência habitual torna muito difícil e quase impossível a prática dos votos. *“Segundo Santo Tomás, diz o P. Meynard, as constituições são, para os três votos, o que os três votos são para a caridade; isto é: como os três votos servem de baluarte contra as três concupiscências e conservam em nós a caridade, a qual somente pode merecer-nos o Céu, do mesmo modo as constituições afastam as tentações e asseguram a prática dos votos”.*

Santo Agostinho chama à obediência a mãe, o princípio e a guarda de todas as virtudes. O voto de obediência é o mais extenso de todos os votos, aquele que encerra, implicitamente, todos os outros, que resume, por assim dizer, só em si, todo o estado religioso. Quando se vivesse na pobreza e na castidade voluntárias, ou mesmo quando se tivesse feito voto de pobreza e de castidade, nem por isso se seria religioso, nem se estaria no estado de perfeição da vida religiosa, se não se tivesse feito voto de obediência. Faltar habitualmente à obediência é, dalguma sorte, deixar cair os outros votos de que ele é o sustentáculo. Eis porque, diz S. Bernardo, àquele que infringe as regras leves, tornar-se-á, pouco a pouco, como que impossível cumprir as regras mais importantes e que se ligam à observância dos votos.

2º A desobediência habitual põe em oposição com a vontade de Deus e, por consequência, impede de tender para a perfeição.

A perfeição consiste, como havemos de ver, em querer sempre o que Deus quer; ora, a religiosa desobediente não está em oposição com a vontade de Deus? A cada uma

das acções que ela faz fora da regra, e, sobretudo, contra a regra, não pode ela dizer: Eu faço o que Deus não quereria que eu fizesse? Oh!, se ela pensasse nisso!...

E que ela não diga: Eu desobedeço em coisas pouco importantes; qualquer que seja a pouca gravidade da sua desobediência, essa desobediência desagrade a Deus, tira à sua acção o mérito que teria tido para o céu, impede essa religiosa de fazer todo o bem que teria podido fazer na comunidade, suspende uma graça que Deus lhe preparava em virtude dessa acção.

E, quando a desobediência é de todos os dias, quando ela se tornou habitual, oh! que vácuo nos dias duma religiosa!

A obediência numa alma é como a seiva numa árvore; é a seiva que dá às flores o seu brilho, aos frutos o seu sabor; tirai a obediência duma alma: todas as suas acções são sem valor para o céu.

A regra, diz Hugo de S. Vítor, é o espelho do religioso; ela mostra-nos tais como nós somos: belos ou feios, justos ou pecadores, agradáveis a Deus ou dignos de sermos repelidos por ele, segundo a nossa vida é conforme ou não a todos os pontos que ela nos impõe. Nas comunidades, diz (?)⁵ notam-se duas constantes: a primeira é que ninguém se santifica sem observar as regras; a segunda, é que ninguém observa a regra como é preciso, sem fazer graves progressos na perfeição.

3º A desobediência habitual prejudica gravemente a comunidade.

Prejudica a comunidade pela desordem material e pela desordem moral que introduz nela:

A. Uma comunidade regular forma um todo, no qual cada membro tem o seu lugar marcado e o seu emprego designado; um membro não pode habitualmente tirar-se do seu lugar ou cessar de exercer o seu emprego sem ocasionar, no conjunto, uma verdadeira desordem. Uma comunidade é um corpo vivo, dizem os santos: as regras são os nervos que o mantêm na sua vida; ela é uma casa: as regras são as pedras dos fundamentos e as colunas que sustentam o tecto; ela é uma cidade: as regras são as portas e os muros que a protegem contra uma invasão.

Violar as regras, habitualmente, sobretudo, é quebrar os nervos do corpo e deixá-lo sem vida e sem força; é tirar as pedras dos alicerces, é partir as colunas que sustentam o

⁵ Palavra ilegível.

edifício e deixá-lo desabar; é derrubar os muros da cidade e deixar a entrada livre ao inimigo.

B. A esta desobediência material na comunidade junta-se uma desordem moral ainda mais desastrosa, se é possível, desordem produzida pelo escândalo.

Ah! o escândalo! É um crime horrível no mundo, como ele se torna mais criminoso numa comunidade! Ele atinge as almas mais amadas de Jesus Cristo, aquelas a quem Jesus Cristo prodigalizou graças sem número; aquelas que Ele escolheu para suas esposas; aquelas que Ele guarda com precauções infinitas.

E, se Jesus Cristo deixou escapar do seu Coração dilacerado um terrível anátema contra aqueles que escandalizassem uma criancinha, ai, ai de vós! Mais valera para vós que vos atassem uma mó de moinho ao pescoço e que vos lançassem no mar. E que palavras terríveis não dirá contra aqueles que tiverem desviado uma das suas esposas da fidelidade que ela Lhe devia?

4º. A desobediência habitual pode facilmente conduzir ao desprezo formal das regras e, portanto, ao pecado mortal.

Sem dúvida, o hábito de faltar às constituições não excede, em si mesmo, os limites do pecado venial; todavia, segundo S. Tomás, essa inobservância habitual pode levar ao desprezo, por via da disposição. O que havemos de dizer, mais tarde, dos efeitos da tibieza, pode aplicar-se aqui e, com certeza, é bem um sinal de tibieza esse hábito de irregularidade.

A irregularidade habitual produz o desgosto da regra; ela pesa, ela é fatigante quando se quer recomeçar a cumpri-la; o desgosto produz o descuido; do descuido ao desprezo há muito pouca distância. Eis, segundo S. Francisco de Sales, (1ª entr.), como se reconhece que a desobediência às regras encerra o desprezo.

1. Quando a religiosa, sendo repreendida, faz mofa da correcção e não se arrepende de modo nenhum da sua falta.

2. Quando continua a desobedecer sem vontade de se emendar.

3. Quando ataca a própria regra ou o preceito, julgando-os e condenando-os.

4. Quando procura arrastar as outras às mesmas faltas, dizendo que não é nada.

5. A desobediência habitual expõe a perder a vocação. Perder a vocação é a maior desgraça que pode suceder a uma religiosa.

Perder a vocação é fazer como Judas, deixar voluntariamente a família de Jesus Cristo, em que Ele mesmo vos tinha introduzido por amor de vós, e em que Ele vos tinha prodigalizado os seus cuidados mais afectuosos. Feliz ainda a religiosa que, depois de ter imitado Judas na sua fuga, não o imita na sua morte. Perder a vocação, e, por consequência, deixar a comunidade ou fazer-se despedir da comunidade, é ser perjuro e sacrílego, é profanar faculdades que foram consagradas ao Senhor, é cometer a rapina no holocausto, é escandalizar o próximo da maneira mais desastrosa, é dilacerar o coração da Igreja, é lançar a perturbação, a inquietação, a dor, na alma daquelas que ainda ontem chamávamos nossas irmãs, é abalar e arruinar a casa que nos recebeu no seu seio e que não nos permitiu a nossa consagração senão cedendo às nossas súplicas.

Perder a vocação é um crime sem desculpas, um crime odioso e profligado por todos aqueles que conservam ainda algum sentimento de honra, é abandonar cobardemente irmãs, no meio das quais e pelas quais tínhamos jurado morrer. *“Ai, diz o Divino Espírito Santo, ai do homem enganador que não cumpre o que prometeu!”*⁶ E a perda da vocação começa sempre pela violação voluntária das regras, continua por essa violação multiplicada, afrouxa, recomeça à medida que se recomeça ou se deixa de cumprir as regras; consuma-se, enfim, quando a desobediência, tornada um hábito, arrasta ao desprezo, à arrogância, à revolta.

Aquele que se descuida na observância das suas regras, diz o Directório dos Trapistas, não pode tardar a ter também desgosto pela lei que lhas prescreve, e a considerar como um jugo odioso a estabilidade que o prende irrevogavelmente a obrigações tornadas para ele onerosas. É então que, no meio dos inefáveis enfados que se sofrem por culpa própria, se fazem ouvir palavras como estas: “Se eu tivesse de fazer agora a minha profissão, eu não a faria. Se eu tivesse suspeitado que haveria, no nosso estado, tantas penas e tais pessoas a suportar, nunca me teria comprometido a isso”... Sabia-se isso; a diferença é que se era fervoroso então, amava-se o estado que se abraçara e o amor tornava o sacrifício agradável; são sacrifícios sem amor que conduzem agora ao desânimo. Um edifício que não é amparado, desmorona-se; a infidelidade produz a instabilidade. Orai, pois, dir-vos-ei com Santo Afonso, vós, que sentis no fundo da vossa alma a revolta invadir-vos; só o Demónio pode inspirar os

⁶ Cf. Mt1,14

pensamentos que vos preocupam: “Querer renunciar ao estado feliz a que a misericórdia Divina vos chamou, é querer renunciar à vossa salvação”.

Orai, e, com toda a energia da vossa vontade, entregai-vos à obediência; a obediência é a única fortaleza em que o Demónio não tem acesso.

II - ILUSÕES SOBRE A POBREZA

O voto de pobreza é aquele sobre o qual é mais difícil uma religiosa iludir-se e formar uma consciência falsa.

“A pobreza, diz um autor antigo, é o artigo delicado dos mosteiros, a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se de ordinário os bons desejos das religiosas e a rede daquelas que trabalham na sua salvação”. Num retiro, elas ouvirão de bom grado o homem de Deus que lhes recorda os seus diferentes deveres, mas se ele quer entrar nas particularidades das suas obrigações sobre a pobreza, se ele lhes lembra as exigências desse voto, elas criticam-no, acusam-no de severidade e já não o ouvem. Por isso explicaremos com cuidado:

- 1º A natureza do voto de pobreza
- 2º A natureza da virtude da pobreza
- 3º A extensão do voto e da virtude da pobreza
- 4º A maneira de pecar contra o voto de pobreza
- 5º A maneira de pecar contra a virtude da pobreza
- 6º A origem das ilusões sobre a pobreza
- 7º As diferentes ilusões sobre a pobreza

1º. Natureza do voto de pobreza

Em geral, pelo voto de pobreza, a religiosa obriga-se a não usar dos bens deste mundo senão segundo uma certa medida.

O voto de pobreza pode ser solene ou *simples*, sendo muito grande a diferença entre estes votos e sendo os deveres que deles derivam diferentes uns dos outros num grande número de pontos, é necessário conhecer bem a natureza dum e doutro.

1. Pelo voto *simples* de pobreza as irmãs renunciam ao direito de dispor licitamente do que quer que seja sem permissão dos superiores legítimos.

Este voto simples não lhes tira o domínio radical dos seus bens: elas podem permanecer ou tornar-se legítimas proprietárias; os bens que elas tinham no momento da sua profissão continuam a pertencer-lhes; poderão receber outros, que serão igualmente propriedade sua, mas não podem, sem ser legitimamente autorizadas a isso, fazer actos

de propriedade, por exemplo, alienar os seus bens, atribuir os rendimentos em seu proveito ou distribuí-los por outros.

Antes da profissão dos votos simples, a noviça teve por dever de dispor do uso e do usufruto dos seus bens e ceder a administração deles para todo o tempo que estiver ligada por esses votos.

Se a noviça tivesse deixado de fazer esses actos por não ter bens alguns, e esses bens lhe advenham depois inesperadamente, ou se, tendo-os feito, tivesse de fazer outros novos por causa de outros bens que lhe tivessem advindo, deve fazê-los ou renová-los segundo as regras que acabamos de recordar.

A noviça deve também por dever, antes da sua profissão, fazer livremente o seu testamento por todos os bens que ela possui ou que poderiam advir-lhe.

2. O voto *solene* de pobreza é um voto pelo qual uma religiosa se despoja da faculdade de adquirir e de possuir algum bem temporal. Antes de emitir esses votos, aquela que deve fazê-los teve de renunciar a todos os bens que possuía. Se, com o tempo, lhe vêm a caber, esses bens são adquiridos para a Ordem ou para a Santa Sé, segundo os casos. (C.581,582). Esse voto torna-a radicalmente inábil para possuir e para adquirir, e os actos de propriedade que uma religiosa fizesse, depois desse voto, seriam nulos e culpáveis.

A religiosa que viola o voto solene de pobreza, comete duas faltas ao mesmo tempo: uma oposta à virtude da religião, porque viola um voto que a obriga tão rigorosamente como o voto de obediência e de castidade, o outro, contrário à justiça, porque, tendo-se despojado de tudo, não pode dispor de nada sem cometer um roubo.

A religiosa que viola o voto simples de pobreza não peca de modo nenhum contra a justiça, dispondo dos seus bens, porque lhe pertencem, mas peca contra a virtude da religião, violando o voto que fez de não dispor de nada sem licença.

2º. Natureza da virtude da pobreza

A *virtude da pobreza* consiste em desprender-nos de toda a afeição aos bens terrenos.

O *voto de pobreza* tem por objecto imediato e directo o desprendimento afectivo, a pobreza exterior e material.

A virtude tem por objecto immediato e directo o desprendimento afectivo, a pobreza de espírito, o desprendimento interior. O voto de pobreza tem limites precisos, a virtude não os tem, de algum modo, no seu desejo de desprendimento completo; é ela que diz com S. Cipriano: *“Quando se possui Deus, não se tem necessidade doutra coisa, porque aquele que tem Deus, tem tudo”*. Deus, numa alma que possui a virtude da pobreza, toma o lugar que teria ocupado tudo aquilo de que ela se privou por seu amor.

Nem toda a transgressão da virtude da pobreza é uma violação do voto, mas toda a violação do voto é uma transgressão da virtude.

Uma religiosa possui a virtude da pobreza, quando, sendo privada, ou pela Superiora ou por um desastre, de certas coisas que estavam a seu uso, suporta essa privação sem se queixar, sem murmurar e com muita paz, ainda mesmo que essa privação lhe seja muito sensível.

Uma religiosa não possui a virtude da pobreza, quando se prende com afeição a uma coisa, quando gosta de pensar nela, quando a deseja, quando a procura com ansiedade, quando teme perdê-la, quando murmura e se perturba depois de a ter perdido. A falta de virtude da pobreza manifesta-se sobretudo, pode-se dizer, no apego às coisas pequenas: a um vestido, a um móvel, a um objecto de piedade, a um livro, a uma estampa. (Coelhinho).

A virtude da pobreza é o complemento do voto de pobreza, ela dá-lhe o seu valor. *“A palavra só por si, diz S. Bernardo, não é uma virtude, mas o amor da pobreza é mais que uma virtude, é uma bem-aventurança, e a primeira das bem-aventuranças. Grandes promessas são feitas às outras: esta é introduzida na posse do Reino do Céu: ele não só lhe é prometido, mas, já desde este mundo, lhe é dado”*.

O fim que se propôs, fazendo o voto de pobreza, foi afastar os embaraços que acompanham sempre a posse dos bens da terra, a fim de se servir a Deus com a liberdade que dispõe para a união divina e chegar assim à perfeição; ora, é evidente que a religiosa, que não tem a virtude da pobreza, não atingirá senão imperfeitamente o fim do seu voto, visto que só a virtude da pobreza a pode desprender interiormente dos bens deste mundo.

3º. Extensão do voto e da virtude da pobreza

A virtude da pobreza estende-se a tudo e em toda a parte, e a religiosa que quer ser fiel à sua vocação não deve pôr limites à renúncia das afeições e dos desejos de seu coração. Essa disposição fará que ela observe com fidelidade e, sobretudo, com mérito, todas as observâncias do seu voto.

O voto de pobreza não se estende além do que é indicado pelas constituições e determinado pelos costumes do Instituto. Uma religiosa deve, pois, instruir-se nas regras e fazer-se explicar a maneira de viver da casa em que está, e conformar-se cuidadosamente com tudo o que se lhe diz. O Concílio de Trento recomenda com o mais vivo empenho a vida comum, e não se conformar com ela pode tornar-se às vezes uma falta grave em si mesma, mas sobretudo, e as mais das vezes, em pecado de escândalo, cujas consequências são muito funestas.

Sede, portanto, pobres nas vossas celas, nos vossos quartos, não conservando neles senão a mesa, o genuflexório, o número de cadeiras, os objectos de piedade que a regra permite e o uso autoriza. Não guardeis senão os livros que vos foram indicados e levai-os à biblioteca, armário ou estante comum, desde que tenhais feito deles o uso para os quais vo-los confiaram. Nada de provisões exageradas de papel, de canetas, de sobrescritos: se vos permitiram conservar alguns deles, que seja em pequeno número. Nada de outra roupa branca que não seja aquela que toda a irmã pode ter. Nunca gaveta, caixa ou mala fechadas à chave. Uma Superiora deve ter sempre facilidade de entrar nas celas e de ver tudo o que nelas se encontra.

Sede pobres nos objectos do vosso uso. Não haja relógio de ouro, se o uso da casa autorizar a ter um relógio, nem mesmo relógio vosso em particular, se as vossas irmãs não o tiverem e se a vossa Superiora não tiver reconhecido que ele é necessário para exercerdes o vosso emprego. Não haja molduras douradas na vossa cela; nem fio ou corrente de prata para suspender mesmo as vossas medalhas, que também elas não serão de prata, a não ser que isso seja formalmente permitido e que elas não sejam de grande valor. Não haja brincos, a não ser com uma ordem formal do médico. Não haja livros de capa dourada. *“Minha filha, escrevia Santa Chantal a uma das suas religiosas, recordai-vos disto soda a vossa vida; onde a prata bastar, não ponhais ouro; onde o estanho bastar, não ponhais prata; onde o chumbo puder ser suficiente, não ponhais estanho; porque a verdadeira filha da Visitação não deve procurar as coisas ricas,*

bonitas, elegantes, mas as grosseiras, sólidas e somente as estritamente necessárias”. (Dentro do espírito são, da obra e dos tempos (?)⁷).

Sede pobres nos vossos vestidos. Que eles sejam todos uniformes quanto à matéria, quanto ao talho, quanto à cor. Mas que o não sejam, que sejam diferentes, relativamente a tudo isso, se essa for a prescrição da regra ou a vontade dos Superiores. Que eles sejam simples, quanto à maneira de serem trazidos, sem nada de rebuscado, sem novidade, a não ser que a regra ou os Superiores exijam que se vista à moda, aliás com decência e modéstia, por motivos especiais de que só eles são os juízes (as religiosas espanholas que foram à Idanha depois da implantação da República em Espanha e que até se perfumaram, sobretudo sem afectação e sem vaidade O uso dos espelhos é proibido nas casas religiosas; que se saiba passar sem eles no arranjo do vestuário ou do cabelo e que não se supra fraudulentamente a sua falta, ai!, por uma mesquinha complacência consigo mesma, contemplando-se no vidro dum quadro ou na vidraça duma janela. Que eles sejam limpos, asseados; se a vaidade é o fruto do orgulho, diz S. Bernardo, falta de limpeza é o fruto da preguiça e do desleixo. A pobreza e o asseio caminham sempre juntos numa casa religiosa bem regrada. A pobreza pára onde começa a negligência e a sujidade. (Excepções: S. Bento José Labre não fazer juízos: desordem pode ser sinal de altíssima contemplação)

Sede pobres nos vossos alimentos. Contentai-vos, em princípio, com alimentos servidos a todas, e que seja quando impelidas por uma verdadeira necessidade que forçais um ordinário à parte; as vossas Superiores têm a obrigação de ser largas, generosas, para as vossas necessidades materiais; vós, sede prudentes nos pedidos que fazeis. Não peçais nunca com um tom imperioso, pedi como pede um pobre; não useis de rodeios para fazerdes pedir por meio de vossos pais nem por meio do médico, e, logo que vos seja permitido retornar à vida comum, retomai-a.

Não conserveis nada escondido no vosso quarto; a não ser nalgum caso particular; é na enfermaria que se deve tomar o alimento particular e as suavizações necessárias. Não se pode, em comunidade, ser bom de mais e generoso de mais: para com as doentes, mas é preciso que as doentes sejam muito santas e muito virtuosas.

⁷ Palavra ilegível.

4º. Maneira de pecar contra o voto de pobreza

Pode-se pecar de duas maneiras contra o voto de pobreza:

1º Apropriando-se duma coisa,

2º Dispondo dela sem permissão dos Superiores.

1º Apropriando-se duma coisa

1. Apropriar-se é colocar-se na posse daquilo que pode ser a matéria do voto.

Assim: apoderar-se dos bens de outrem ou dos da comunidade para fazer deles a sua propriedade pessoal ou para seu uso exclusivo, ainda mesmo que se tratem de coisas necessárias: a necessidade dá o direito de pedir e não o de roubar ou de furtar, excepto se essa necessidade fosse absoluta (necessidade grave ou extrema). Quando houve roubo ou furto, a restituição deve fazer-se com bens pessoais, se os houver, ou por compensação, como a restrição alimentar, trabalho extraordinário... ou, o que é mais simples e não pede senão um pouco de humildade, pela confissão do seu roubo e o perdão da parte dos Superiores.

2. Receber o que quer que seja, de quem quer que seja, por qualquer título e para qualquer destino que seja. Uma religiosa não pode receber depósitos nem aceitar presentes para si; mas pode uma e outra coisa para a comunidade, em virtude duma permissão provinda das Superiores, a quem os entrega fiel e prontamente. Segundo uma permissão, quase geral em algumas comunidades, as religiosas podem dar umas às outras estampas, medalhas, objectos de devoção de módico valor...Mas pode haver nisso verdadeiros abusos (amizades particulares, etc.); Os abusos e os perigos seriam mais para recluir, se, sem permissão renovada quase de cada vez, se fizessem esses pequenos presentes às pessoas de fora e se se recebessem delas sob pretexto de lembrança.

3. Comprar, trocar, emprestar, ou para seu uso pessoal ou para a comunidade, fazer que seus pais lhe comprem ou lhe emprestem alguma coisa sem os Superiores o saberem.

As religiosas, que exercem o seu ministério junto de doentes e longe da sua comunidade, têm uma permissão tácita para tudo o que lhes pode ser necessário, com a condição de prestarem contas de tudo no seu regresso.

4. Apropriar-se do fruto das suas economias ou do seu trabalho. Tudo o que uma religiosa adquire ou ganha, tudo o que lhe é dado como honorários de funções espirituais, tudo o que lhe é oferecido como presente, como dádiva, todo o supérfluo, em cuja posse ela se encontra, deve ser entregue à sua Superiora.

2º Dispondo dela sem permissão dos superiores

Dispondo dos bens, cuja propriedade se conservou, é agir em relação a eles como se fosse intrinsecamente livre, sem pensar que o voto de pobreza restringiu o uso dessa propriedade; assim:

1º Dar sem licença seja o que for e a quem quer que seja, por exemplo, dar em seu nome e dos seus bens, esmolas, presentes, perdões de pensão, cedências de direitos, dispor das economias realizadas sobre o seu trabalho, sobre o seu consumo pessoal, sobre um dinheiro dado para uma viagem, ou levar para outra casa o que se tinha para uso próprio naquela que se deixa. A falta seria mais grave se se desse a estranhos, do que se desse às pessoas da casa.

2º Emprestar sem licença, mesmo a uma companheira, é um acto de propriedade que uma religiosa deve evitar com cuidado, a não ser que o objecto seja de pouco valor ou que a companheira tenha uma necessidade urgente dele; emprestar, de passagem, uma folha de papel, uma caneta, uma linha, entra nas relações ordinárias da vida e é um acto de complacência de que não se deve, todavia, abusar. Emprestar a estranhos objectos que têm um valor real, livros, por exemplo, é uma falta mais grave, porque os interesses da casa são assim facilmente comprometidos.

As relíquias são propriedade pessoal da religiosa que as possui. Ela pode dá-las, emprestá-las; não pode vendê-las, nem mesmo trocá-las por coisas que valham dinheiro; nesse caso, tornar-se-iam matéria do voto de pobreza. Uma religiosa tem também a propriedade dos escritos de que é autora, mas ela não poderia, contudo, publicá-los sem a autorização dos seus Superiores.

3º Trabalhar sem licença, mesmo a título gratuito, em proveito de estranhos; vender o fruto do seu trabalho, dá-lo mesmo em esmola, ainda que se tratasse duma arte liberal: pintura, música.

4º Deixar, por sua culpa, deteriorar-se ou perder-se aquilo de que se tem a administração ou o uso, quer no seu emprego, quer no seu serviço pessoal.

O voto de pobreza obriga uma religiosa a mostrar-se mais cuidadosa na sua comunidade de que o era no seio da família. Na sua família ela podia ter o direito de usar, e de alguma sorte de abusar, sem fazer mal a ninguém; na sua comunidade ela não tem senão o direito de usar, e faria mal à casa se fosse negligente. Não sejais menos cuidadosas no serviço material de Nosso Senhor Jesus Cristo, e isso por respeito e por amor, do que o seríeis em casa dum senhor da terra, por espírito de ordem, por amor-próprio ou por interesse.

Nós indicamos os princípios gerais; os detalhes poderiam ser muito numerosos. Uma religiosa fará bem em se mostrar delicada sobre esses mil pequenos detalhes que podem, mais ou menos, ferir a pobreza, e que se apresentam todos os dias, quer com as suas irmãs, para com quem ela quer ser boa e a quem quer dar gosto, quer para com os seus pais, sempre inclinados a oferecer-lhe, a dar-lhe alguma coisa, a executar os seus desejos, quer com as suas amigas, que são para ela cheias de benevolência, de respeito, de reconhecimento, oferecendo-lhe ou pedindo-lhe lembranças, quer com os pobres, que comovem o seu coração e a favor dos quais ela se privaria de tão boa vontade.

Há casos, sem dúvida, em que o seu bom senso cristão lhe dirá que ela pode agir, porque certamente, se a sua Superiora estivesse presente, ela a autorizaria a (?)⁸ ou a dar; mas que vá, logo que esteja livre, dar contas à sua Superiora de tudo o que se passou, que ela não esconda nada, que ela não dissimule nada; sem isso ela falsearia depressa a sua consciência.

5º - Maneira de pecar contra o voto de pobreza

Pode-se pecar de três maneiras:

1º Por pesares ou desejos contrários a esta virtude da pobreza;

2º Por um apego desregrado às coisas que nos são necessárias. Se esses desejos ou esses apegos aos bens temporais fazem até cometer alguma grave injustiça ou faltas notáveis à caridade, à temperança..., haveria certamente pecado mortal. Fora dessas circunstâncias, as faltas contra a virtude da pobreza são pecados veniais;

3º Pelo uso dos objectos de luxo ou das superfluidades, o que é muito oposto ao estado religioso e pode às vezes ir até falta grave; é tão fácil afeiçoar-se uma pessoa às coisas supérfluas com um sentimento culpável de avareza, de sensualidade ou de

⁸ Palavra ilegível.

vaidade! Seria, todavia, preciso um excesso notável para fazer um pecado mortal, quando se guardam coisas supérfluas com a permissão expressa ou tácita dos Superiores; haveria sempre, porém, pecado venial, porque não se pode ir contra a vontade da Igreja nesta matéria, sem dar provas duma afeição desordenada (Meynard).

6º - Origens das ilusões sobre a pobreza

As origens das ilusões sobre a pobreza, são:

I. A pouca reflexão sobre as obrigações impostas pelo voto de pobreza.

Essas obrigações são tão rigorosas como as dos votos de castidade e obediência. Os três votos de religião encerram compromissos formais que não podem ser violados sem pecado; sabe-se isso, sem dúvida, mas, quando se trata da pobreza, procede-se com uma leviandade assombrosa. Trata-se do voto de castidade, por exemplo? É-se a esse respeito duma delicadeza que vai até temer não só o pecado mas até a sombra de pecado. Longe de nós certamente o condenar essa delicadeza, que faz honra à pureza da religiosa, mas o que é condenável é o pouco respeito que se tem pela pobreza, quer como voto, quer como virtude.

Habitamo-nos, pouco a pouco, a considerá-la nos detalhes de todos os dias como uma espécie de formalidade, assaz insignificante; confessamo-nos das faltas que parecem mais graves e ainda nos justificamos muitas vezes dando razões para explicar essa falta de que não temos nenhum arrependimento, mas, mal se fala da falta de guardar na cela uma coisa de que não se tem nenhuma necessidade, de ter apego duma maneira desregrada a um objecto quer se considere como próprio, que não se dispensaria senão com dificuldade e que não se entregaria à Superiora senão murmurando muito, de deixar deteriorar-se um objecto porque não se está directamente encarregado dele, de passar longos quartos de hora sem fazer nada ou em ocupar-se de futilidades... Essas faltas podem ser leves, elas não ferem sempre directamente o voto de pobreza; mas não comprometem o espírito religioso? Mas não são elas a causa dessa vida irregular que se vos exprobra? E não sabeis que aquela que despreza as pequenas faltas cairá, pouco a pouco, nas maiores? Não estais vós obrigadas, por estado, a tender para a perfeição, e tender para a perfeição não é evitar mesmo as mais fracas imperfeições? Não sentis que o amor da propriedade se insinua pouco a pouco no vosso

espírito? Porque é que vos perturbaís e vos irritais quando vos tiram um objecto ao qual parecia que não tínheis apego?

II. A pouca reflexão sobre a natureza e os efeitos da pobreza

Fazer o voto de pobreza é obrigar-se a tornar-se como os pobres.

1º. Os efeitos da pobreza são: o desprezo e o desdém das pessoas do mundo por causa dessa falta do necessário, o trabalho para procurar esse necessário, o reconhecimento para com aqueles que dão esse necessário, o sofrimento e a resignação quando falta realmente esse necessário, o pedido para obter esse necessário.

2º. A conduta do bom pobre, isto é, do pobre que quer ir para o céu, deve ser a vossa conduta. A única conduta entre o pobre e vós, é que o pobre está nesse estado por necessidade e vós, religiosas, estais nesse estado voluntariamente, por um espírito de mortificação, e vos assemelhai a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um pobre recebe sem murmuração e sem queixume o alimento que lhe é dado.

Um pobre na escolha do seu vestuário; procura o que há de mais simples; é feliz em usar o que lhe dão.

Um pobre presta a si mesmo todos os serviços de que tem necessidade sem os exigir de ninguém; não tem criados. Um pobre suporta sem se queixar demasiado a intempérie das estações; não é cioso do bem-estar dos outros.

Um pobre trabalha tanto quanto pode, porque sabe que está obrigado a isso.

Um pobre, quando pede alguma coisa, fá-lo com timidez e humildade; sente que os outros não têm obrigação de lhe dar nada; não murmura quando o mandam embora com as mãos vazias e, quando lhe dão alguma coisa, é do fundo do coração que diz um muito obrigado, um Deus lhe pague, cheio de reconhecimento.

Um pobre, quando está doente, contenta-se com os auxílios e os cuidados que lhe dão e que considera como não lhe sendo devidos; ele não se queixa das demoras, acomoda-se aos tons e às maneiras das pessoas que os tratam.

Um pobre é sempre agradável e reconhecido para com as pessoas que têm a bondade de se ocupar dele.

Ó minhas irmãs, enquanto vós não tiverdes chegado a este ponto, vós não realizareis a perfeição do vosso voto de pobreza.

III - A pouca reflexão sobre o valor da pobreza

1º A pobreza tem a promessa das mais magníficas recompensas. É porque se fizeram pobres por Ele que Jesus Cristo promete aos seus apóstolos um cêntuplo de graças e as consolações do Céu nesta vida, o direito de julgar o mundo no fim dos séculos e um lugar de distinção no reino da eternidade.

Mas, para ter parte nessas recompensas, para serdes colocadas no Céu, no número e na classe daqueles a quem Deus faz como que uma ampla restituição de tudo aquilo de que eles se despojaram por ele sobre a terra, é preciso que haja, na realidade, um verdadeiro despojo e um verdadeiro desnudamento. Sem isso, como faríeis valer o vosso título de pobre e que é que Deus teria a restituir-vos?

2º A pobreza tem o exemplo de Jesus Cristo, que a eleva, a enobrece, a glorifica, e que, Senhor do céu e da terra, possuindo todas as riquezas, Se fez pobre por amor de nós, a fim de que “nos tornássemos ricos por sua pobreza”.⁹

Jesus Cristo, que podia nascer rico e honrado, quis nascer pobre e desdenhado.

Jesus Cristo, que teria podido viver na abundância e no repouso, quis viver na nudez e no trabalho.

Jesus Cristo, que podia agregar a si, como companheiros dos seus trabalhos, homens distintos pelo seu nascimento e pelos seus talentos, quis escolher os seus discípulos, os seus cooperadores, os seus sucessores, entre os pobres, os pequenos, os ignorantes.

Jesus Cristo, finalmente, que teria podido morrer no meio do esplendor e do bem estar, quis morrer pobre, despojado; e sofrer na sua morte o insulto e o abandono que sofrem os pobres.

Diante deste exemplo de Jesus Cristo, quem, pois, ousará queixar-se? Quem, pois, não será feliz em ter falta dalguma coisa por amor de Jesus Cristo, sobretudo quando puder dizer que essa privação momentânea lhe valerá, no Céu, uma abundância que ultrapassará todos os seus desejos?

3º A pobreza faz da alma, que a abraça generosamente, a filha da Providência em tudo o que esta palavra tem de mais extenso; ela obriga Deus a prover às suas necessidades, como uma mãe é obrigada a prover às necessidades do seu filho, incapaz de se bastar a si mesmo. E, se jamais se viu o pobre do mundo, que se conservou

⁹ 2Cor 8,9

piedoso e submisso, ter falta do necessário, como é possível que o pobre voluntário, o pobre de Deus, que se conserva piedoso, bom, submisso, não tenha tudo o que lhe é preciso? Não sois vós que ouvis Jesus Cristo, proibindo-vos que vos inquieteis com o vosso alimento e com o vosso vestuário? Vós, que pondeis em prática este preceito: procurar antes de tudo o reino dos céus, e que tendes o direito de esperar, que tudo o mais vos seja dado por acréscimo?

7º - Diferentes ilusões sobre a pobreza

Primeira ilusão: O que pertence à comunidade pertence-me também a mim.

Não. O que pertence à comunidade não te pertence; tens o uso, de facto, sobre as coisas que a Superiora põe à tua disposição, mas não tens o direito de uso sobre nada; não podes apoderar-te de nada por ti mesma, a não ser no caso duma necessidade absoluta, - não podes usar das coisas senão segundo a vontade da tua Superiora, não podes emprestar essas coisas a outrem, - não tens senão o direito dos pobres: “pedir, fazer servir, o mais tempo que é possível, o que é do teu uso, e estar disposta a restituir o que te emprestarem, desde que te tornarem a pedi-lo”.

Segunda ilusão: O que eu dou ou aceito, e aquilo de que me sirvo sem licença, é pouca coisa e de módico valor.

Triste razão essa. Então não devia bastar a uma religiosa saber que todo o acto de propriedade lhe é defeso, que lhe é proibido, para se abster do mais pequeno acto que fere, que vai de encontro a essa proibição? A religiosa, que, nesta matéria como em qualquer outra, procura averiguar até onde pode ir sem cometer um pecado grave, prova desse modo que tem bem pouco espírito da sua vocação. Por outro lado, não é de requear que a ambição a arraste pouco a pouco, e lhe faça considerar como veniais faltas que podem ser mortais?

O voto de pobreza, mesmo quando ele não é senão simples, obriga, de sua natureza, sob pena de pecado mortal. A violação pode, contudo, não ser senão leve em razão das circunstâncias, ou da passividade da matéria. Mas, qual é a quantidade requerida para que uma religiosa peque mortalmente, dispondo sem licença e sem razão suficiente dos bens da comunidade? Os teólogos concordam geralmente em que a quantidade que basta para um pecado mortal em matéria de roubo, basta para o mesmo pecado em matéria do voto. Alguns ensinam, com bastante probabilidade, que é preciso

ajuizar dos furtos que as religiosas fazem às suas comunidades como dos furtos que os filhos fazem aos seus pais; isto é, que, para um pecado mortal, é preciso provavelmente uma matéria pouco mais ou menos o dobro daquela que é requerida nos furtos feitos a estranhos.

Não se pode, de resto, dar a este respeito uma regra fixa e exacta; é necessário para isso conhecer as circunstâncias que acompanham a falta cometida contra o voto. Assim, para formar uma matéria grave, é precisa uma quantidade menor, quando se trata duma quantia tirada à comunidade, do que quando se trata de coisas que se consomem ou se deterioram, como o uso de alimentos, roupas. Se ao roubo, mesmo duma coisa mínima, se juntar o exemplo que, directa ou indirectamente, arrasta as outras religiosas a roubar por sua vez, o pecado pode, por esta razão, tornar-se grave. Ai, diz Santo Afonso, ai da religiosa que introduz o relaxamento na prática da pobreza!

De resto, não chames pouca coisa, coisa de pouca monta, coisa sem importância àquilo que faz que pratiques o voto de pobreza, e conserva em ti o espírito do teu estado. Discorrendo e procedendo como pobres, o voto de pobreza não custaria nada; ora, se um voto não custa sacrifícios quotidianos, pode-se dizer que se observa duma maneira verdadeiramente meritória?

Terceira ilusão: Eu não tiro nada, eu não recebo nada, eu não desperdiço nada; mas não trabalho tanto como poderia fazê-lo. Sou, porventura, obrigada a viver como uma mercenária, como uma criada?

Esta palavra mercenária, criada parece que te humilha; não corresponde ela ao espírito da tua vocação? Jesus Cristo, durante trinta anos, não trabalhou no ofício penoso dum artista? São Paulo, que podia viver à custa daqueles a quem pregava o Evangelho, não dá de si mesmo esse glorioso testemunho, de que não esteve a cargo de ninguém e que as suas mãos proveram o seu sustento e o das pessoas que estavam com ele?

O estado religioso, sendo um novo compromisso para o exercício da penitência e da pobreza, não dispensa de “ganhar o pão com o suor do seu rosto”. Alguns sábios pretenderam até que o trabalho dos irmãos era da essência do estado monástico; é pelo menos certo que o trabalho tem, em todo o tempo, sido recomendado às religiosas duma maneira particular.

Santa Teresa de Jesus, encarregada do governo de toda uma ordem religiosa e da direcção de trinta e dois mosteiros que ela tinha fundado, applicava-se a uma obra manual nos intervalos que lhe deixavam as suas doenças, as suas occupações e as suas orações; e ela recomendava esse trabalho em várias passagens das suas obras.

Esse trabalho é necessário para evitar as tentações e conservar-se nas virtudes. A ociosidade não é, porventura, a mãe de todos os vícios e, por isso mesmo, não é a causa da perda de numerosas vocações? A religiosa que se deixa arrastar por ela, desgosta-se facilmente do seu estado e, por não ter querido ser mercenária, torna-se infiel à sua vocação.

Esse trabalho é necessário para manter a boa ordem e a regularidade na comunidade. A boa ordem, a regularidade e, por conseguinte, a paz e a caridade, não podem reinar numa comunidade senão enquanto cada um dos seus membros exerce comunitariamente o emprego que lhe está confiado. Sucede com os empregos numa comunidade bem regulada como com os anéis duma cadeia: um só, que venha a faltar ou a relaxar-se, perturba, desarranja forçosamente todos os outros.

Este trabalho é preciso às vezes para prover às necessidades da comunidade; e, nesse caso, aquela que não faz tudo o que pode é causa de sofrimento, que as suas irmãs experimentam; e, se ela própria não sofre, é à custa das outras que nada lhe falta. Se a comunidade tem recursos abundantes, o trabalho das irmãs é útil, quer para dar esmolas, quer para fornecer um dote às postulantes excessivamente pobres.

Não falamos do trabalho intelectual para as Irmãs obrigadas a dar aulas; esse é tão evidentemente necessário para que, voluntariamente, haja descuido nele. O excessivo ardor pelo estudo seria antes para censurar, sobretudo quando leva a estudos estranhos à aula ou às aulas que nos estão confiadas.

Quarta ilusão: Se eu tenho alguma coisa a mais que as outras e se eu peço alguma coisa a mais, é que tenho precisão.

Esta razão à muito vaga e pode estender-se a muitas coisas. Oh! Sem dúvida, expõe as vossas necessidades, mas não peçais com demasiada insistência. Doentes, deixai que o médico receite os remédios que julgar convenientes, deixai à vossa Superiora e à enfermeira o cuidado de mandar vir esses remédios e de os preparar. Aceitai-os com reconhecimento, mas não murmureis se não vo-los derem. Não exijais

os lenitivos que talvez não poderíeis ter no seio da família e que, sobretudo, um pobre não poderia proporcionar a si próprio.

Há religiosas pouco animadas do espírito do seu estado; lê-se num antigo tratado que, na sua doença, querem experimentar todos os remédios por mais caros que eles sejam; querem consultar todos os médicos duma região; não receiam esquecer a clausura para pedirem uma viagem e fazerem uma cura de águas; as atenções que elas exigem nunca acabam; as suas exigências e esquisitices em matéria de alimentação e de bem-estar são infinitas; cansam as enfermeiras e morrem, finalmente, como vivem, como verdadeiras mundanas.

E nas celas? Quantas coisas de que se poderia e deveria prescindir! Que elas sejam asseadas, mas que sejam nuas como as celas dos pobres, e que Deus Nosso Senhor não veja lá senão o que a regra lá permite colocar.

Quinta ilusão: Eu uso apenas do pecúlio que é permitido em religião. O pecúlio é permitido?

1º O pecúlio não é outra coisa mais do que uma quantia presumida por uma religiosa, que a tem de reserva para o caso de necessidade. O pecúlio que se chama comumente a pequena bolsa, é formado ordinariamente com as rendas patrimoniais e com as dádivas dos pais.

O pecúlio, considerado em si, não é contrário ao voto simples de pobreza, porque esse voto não priva do direito de possuir nem do de dispor, mediante as permissões requeridas, dos bens que se possuem. Todavia, numerosas Constituições religiosas proíbem-no expressamente e, nesse caso, o seu uso seria contrário ao voto de pobreza, porque a extensão desse voto é determinada pelas Constituições.

2º Mesmo no caso em que ele fosse permitido, ou pelas Constituições ou por um costume legítimo, seria preciso, pelo menos, não utilizar o dinheiro do pecúlio senão com licença, conformar-se exactamente com a licença obtida sem a exceder nem a torcer, e nunca usar dela para fins contrários ao voto de pobreza.

3º Essas condições não suprimem os múltiplos inconvenientes que o pecúlio apresenta. O dinheiro, perigoso para todos, é-o mais para aqueles que fizeram voto de pobreza; ele prende com uma facilidade e uma tenacidade surpreendentes.

As religiosas são, mais duma vez, tentadas, ou a dispor dele sem as permissões exigidas, ou a empregá-lo em algumas coisas supérfluas que não procuram senão alimentar a sua vaidade, a sua curiosidade ou a sua sensualidade.

Na mesma comunidade, sob a mesma regra, poder-se-á ver irmãs pagar todas as suas fantasias e caprichos, ao passo que ao lado delas outras serão reduzidas ao estritamente necessário, e tudo isso com grande detrimento da caridade e da união dos corações.

4º Esses inconvenientes não escaparam à clarividência da Igreja e, se às vezes ela julgou dever tolerar o uso do pecúlio onde ele se tinha introduzido, muito mais vezes ela se esforçou por suprimi-lo.

A nova legislação canónica parece dever dar-lhe um golpe mortal. “Antes da profissão dos votos simples” diz o cân. 569, o noviço deve, para todo o tempo que estiver ligado pelos votos, ceder a administração dos seus bens e dispor do seu uso e usufruto.

Segundo o mesmo cânone, se ele não tiver tomado estas disposições, ou se ele for obrigado a tomar outras novas, deve fazê-lo quando as circunstâncias o exigem.

Assim se estancou a fonte em que se alimentava o pecúlio, assim desaparecerá, como é de esperar, um uso cujas vantagens têm estado longe de igualar os inconvenientes. A boa ordem, a prosperidade e o fervor das comunidades religiosas não perdem nada com isso.

Sexta ilusão: Eu tenho licença.

Sem dúvida, esta palavra é própria para acalmar as inquietações da consciência, mas ainda é preciso que a licença tenha podido ser dada e tenha sido seriamente obtida.

1º Uma Superiora não pode dar senão licenças úteis ao bem geral da comunidade e ao bem particular da religiosa; ela não pode, por exemplo, autorizar a posse e o uso das coisas supérfluas. “*Que a licença que o Superior dá para os usos dos religiosos seja tal, que as coisas permitidas convenham ao seu estado de pobreza e que não haja nada de supérfluo*”. (Conc. de Trento, p. XXV, 2). Ela não pode tão-pouco dar licenças vagas; permitir, por exemplo, a uma religiosa tomar ou dar tudo o que ela quiser ou empregar à sua vontade o dinheiro da sua pensão.

2º O silêncio duma Superiora que vê e que não diz nada, nem sempre deve ser considerado como uma licença, porque às vezes o receio de inconvenientes maiores

obriga-a a dissimular o que não poderia corrigir senão excitando murmurações e comprometendo a sua autoridade. Já falámos disso a propósito da obediência.

3º Uma licença expressa é necessária quando se trata duma coisa considerável, e não há uma razão grave que impeça de recorrer à Superiora.

4º Alguns teólogos condenam, na prática, toda a licença presumida, por causa dos abusos que poderia provocar, sem interpretação demasiado favorável das intenções da Superiora. Uma licença presumida é, todavia, para as coisas de pouca importância, quando a Superiora não está presente; mas com a condição de que se lhe dirá depois o que se fez e do que se pode simplesmente pensar que ela não recusaria o seu consentimento.

5º A licença deve ser voluntária da parte da Superiora; obtida, sem fraude, sem erro; de tal sorte que, se a inferior a arranca com pedidos importunos, com queixas amargas, com lágrimas, é uma tolerância antes que uma licença; se essa licença se obtém, supondo uma necessidade que não existe ou calando uma razão que provavelmente levaria a Superiora a recusá-la, essa fraude na exposição torna a licença nula.

6º Algumas religiosas abusam, julgando poder prescindir das licenças expressas sob pretexto:

1º De que é o costume noutras circunstâncias;

2º De que algumas das suas irmãs piedosas e instruídas procedem assim;

3º De que a Superiora, sendo fácil e indulgente, concede facilmente o que se lhe pede;

4º De que, por outro lado, ela está obrigada a ter em linha de conta o mérito e os serviços daquela que toma assim a licença;

5º Finalmente, de que o que se quer fazer é vantajoso para a casa. Uma religiosa engana-se facilmente raciocinando assim, diz o Pe. Cornier, porque todas as decisões podem andar com os tempos, os lugares e as pessoas. De facto, o que é permitido numa religião, nem sempre o é noutra, cujas leis são mais rigorosas no que diz respeito à pobreza. A prática dum religioso virtuoso não pode tão-pouco servir de desculpa a outro. O primeiro tem talvez razões particulares para proceder como procede. Se não as tem, procede mal; e, qualquer que sejam os seus antecedentes, não é nisso nem virtuoso nem digno de imitação. Se um Superior é condescendente por carácter ou quer mostrar-

se reconhecido pelos serviços que se presta à comunidade, não pode, contudo, ir até ao ponto de permitir tudo; e não há razão para julgar se ele concederia essa permissão no caso presente. Finalmente, ainda que o Superior procure as vantagens do convento e considere os homens de mérito, não deve, porém, conceder tudo, nem dispensar seja quem for de se mostrar bom religioso, pedindo as licenças prescritas pelas leis da Ordem.

III - ILUSÕES SOBRE A CASTIDADE

Exporemos sobre este ponto tão importante e delicado:

1. A natureza e a extensão da virtude e do voto de castidade
2. A beleza e as vantagens da castidade
3. As precauções para conservar a castidade
4. As diferentes ilusões sobre a castidade.

1º – Natureza e extensão da virtude e do voto de castidade

1. A castidade, em geral, é uma virtude pela qual nos abtemos de tudo o que é contrário ao voto e ao nono mandamento de Deus.

A castidade religiosa é uma virtude pela qual se renuncia voluntariamente e por voto a todos os prazeres carnaís, mesmo permitidos num estado menos santo. Por esse voto, a religiosa dá-se a Jesus Cristo, como uma donzela se dá a um esposo. Por isso, a Igreja chama às religiosas as esposas de Jesus Cristo. Uma religiosa não pode faltar à virtude da castidade sem faltar ao voto de castidade, porque o objecto da virtude e o do voto são os mesmos, e porque o voto, longe de restringir a virtude da castidade, junta uma obrigação nova, e mais rigorosa, à lei geral; donde resulta que uma religiosa, faltando à virtude da castidade, viola ao mesmo tempo o seu voto e faz dois pecados.

Os pecados contra a castidade, ferindo directamente esta virtude e cometidos com plena deliberação e pleno consentimento da vontade, são, segundo o sentimento comum, pecados mortais; não há gravidade de matéria como nos outros pecados. Os pecados que ferem indirectamente a castidade olhares demasiado livres, leituras perigosas, amizades particulares, familiaridades... são pecados mais ou menos graves, segundo expõem ao perigo mais ou menos próximo de consentirmos prazeres carnaís.

2. Pelo voto de castidade a religiosa obriga-se:

1º A não casar.

2º A evitar todo o acto exterior e interior já proibido pelo sexto e nono mandamentos da Lei de Deus.

Se o voto de castidade é simples, o casamento contraído não seria nulo mas ilícito, isto é culpável e proibido pelas leis da Igreja e pelas santas regras da comunidade

em que se fez a profissão. Nos dois casos, a falta encerra um sacrilégio e, ordinariamente, seria grande escândalo para a sociedade cristã, e a última das desgraças para uma religiosa.

É verdade, acrescenta o directório espiritual para uso dos Trapistas, que a infeliz que leva o esquecimento dos seus deveres até esse ponto, solicita dispensas para cobrir a sua infidelidade e acalmar os seus remorsos. Mas, como é difícil ter razões suficientes para os justificar! Uma dispensa obtida por surpresa, longe de libertar, não faz senão sobrecarregar a consciência; a culpada bem o sente e o mundo não se engana a esse respeito. A Igreja não a condena senão com uma grande repugnância.

Já o voto de castidade perpétua, feito no século e sem nenhuma relação com a vida religiosa, pareceu aos olhos da Igreja um estado de vida tão respeitável e tão santa, que os Sumos Pontífices reservaram para si a dispensa dele e não a dão, senão por graves motivos; por maioria de razão, quando à santidade própria do voto se junta a da profissão e a infidelidade a Deus, é acompanhada duma desobediência formal e escandalosa à Igreja. (Se o voto no século é perpétuo e absoluto, é reservado ao Sumo Pontífice, se é temporário ou condicional, não cai sob esta reserva. Pode suceder que, por circunstâncias independentes da sua vontade, alguns religiosos sejam reduzidos à vida secular e dispensados dos votos de pobreza e de obediência por causa da impossibilidade material em que se encontrariam de cumprir as respectivas obrigações, mas permanecem sempre obrigados ao voto de castidade perpétua; as dispensas ordinárias dos votos não atingem esse, e é precisa uma licença especial para contrair matrimónio, - tanto a Igreja respeita o compromisso irrevogável deste voto, - tanto ela se mostra ciosa de conservar ao seu divino Esposo os corações que se deram livremente a Ele para sempre

3º. A castidade, diz Mons. Gay numa bela página que reproduzimos, “é uma virtude austera, forte, máscula, ciosa, delicada, difícil e, ao mesmo tempo, cheia de delícias” Ela é austera, porque manter a paz e a harmonia neste corpo dividido e tempestuoso que o pecado nos faz, é positivamente domá-lo, e isso não se consegue sem o tratar com dureza, é forçoso dizê-lo, sem o maltratar. É também uma vontade forte; e isso é preciso para que ela seja austera e cumpra o seu rude ofício. E é preciso, além disso, para que resista às seduções de que vive rodeada; porque ela tem isto de perigoso: que quase que não é atacada senão por meio da adulação e da lisonja, e a arma mais

terrível que o seu inimigo tem o costume de empregar contra ela são ternuras e carícias. E daí vem que ela é uma virtude máscula. O que é tantas vezes recomendado na Sagrada Escritura, ser homem é proceder varonilmente, é aqui duma aplicação directa. É ainda uma virtude ciosa: ciosa por causa de Deus, cujos interesses defende, cuja obra faz, cujo império mantém: o seu olhar é como uma chama, a sua mão como um archote inflamando: ela tem o que quer que seja desse Querubim que guarda a entrada do paraíso terrestre. E, ao mesmo tempo, ela é duma delicadeza incrível. Armada dos pés à cabeça como a vemos, e sempre pronta a lutar, ela assemelha-se às pombas que fogem só com o ouvir o ruído de passos; dir-se-ia uma flor que uma viração agita, cuja fronte um raio de sol mais vivo faz pender, e que morre sob a pressão da mais pequena gota de geada.

É tímida e cora facilmente; gosta da sombra e conserva-se de parte; vive de discrição, de precaução, de regime. Sob este ponto de vista, não há virtudes que ela mais goste de frequentar do que a humildade, a mortificação e a prudência. Mas isso prova que, como nós dizíamos, ela é muito difícil. Em primeiro lugar, é uma virtude complexa, que supõe muitas outras e não pode nem prescindir do seu concurso nem viver fora da sua companhia. Além disso, obriga o homem a esforços constantes. Não pode ser uma virtude que descanse e que adormeça. S. João Clímaco chama-lhe “uma sublime negação da natureza, ou antes uma vitória alcançada sobre ela e um nobre desafio, lançado por um corpo mortal a esses espíritos celestes que não podem morrer”; tudo isso não indica nada de fácil nem de cómodo.

Todavia, apesar desse trabalho, ao qual bem se compreende que o sofrimento vem muitas vezes juntar-se, é uma virtude cheia de delícias. Justamente, porque ela faz repudiar e desdenhar os prazeres da terra, faz merecer os do Céu e prepara a alma para os sentir e saborear.

2º - Beleza e vantagens da castidade

1. Mesmo aos olhos do mundo, que pratica tão pouco a castidade, esta virtude cerca aquela que a guarda com cuidado duma auréola que inspira o respeito. A Roma pagã venerava as virgens, que formavam para ela uma classe à parte e em que ela via o que quer que fosse de divino; encarregava-as de alimentar o fogo sagrado e, ao

encontrá-las nas ruas, o maior dos romanos, ainda que fosse Imperador ou Conquistador, descia do seu carro em sinal de veneração. Se um condenado à morte tivesse a felicidade de encontrar uma virgem no caminho que o conduzia ao suplício, a virgem tocava-lhe e esse condenado obtinha o perdão. Esse respeito, no dizer dum antigo, provinha de que os romanos supunham que a divindade habitava naquelas que eram virgens.

2. E, aos olhos da fé católica, como é então bela e resplandecente de beleza e de santidade essa castidade que não tem todo o seu esplendor e toda a sua integridade senão no seio da Igreja! *“Oh! exclamava Salomão, como é bela a geração das almas castas! A sua memória é eterna, ela está sempre presente ao coração de Deus e ao coração dos homens!”*¹⁰

A virgem cristã é a única que oferece à majestade de Deus três vezes santo o sacrifício completo de todo o seu ser, da sua alma, do seu corpo, do seu coração, - sacrifício renovado cada dia, - sacrifício que ela perpetua às vezes no meio dos assaltos mais terríveis até ao seu último suspiro.

A virgem cristã é a esposa de Jesus Cristo, que lhe dá voluntariamente o que ela teria podido dar a outra criatura: os seus pensamentos, o seu amor, a sua vida, e que, para lhe permanecer fiel, eleva entre si e as criaturas um muro de separação que nenhum poder humano é capaz de abalar; e, para se pôr na feliz necessidade de não pensar senão n'Ele, de não se ocupar senão Dele, abandona tudo o que poderia afastá-la um só instante que fosse do seu amor.

A virgem cristã é a irmã dos Anjos do Céu, pela sua vontade de ser pura como eles, pelos seus esforços em domar as exigências do seu corpo, pelas funções que ela exerce, dedicada a Deus para cumprir todas as suas ordens. *“E, diz S. Bernardo, se a castidade do Anjo é mais feliz, a da virgem tem mais mérito”*.

A virgem cristã é o ser mais agradável a Deus que existe sobre a terra, porque é aquele que mais tende a ser semelhante a Ele; ela é a sacerdotisa de Deus, que lhe oferece um sacrifício perpétuo, ela é o templo de Deus, que não admite em si nada que não seja puro; ela é o altar de Deus, sobre o qual se imola como vítima; Deus provou-lhe a sua afeição dando a seu Filho uma virgem por mãe, aquilo que, no seu amor, podia dar-Lhe de mais santo e de mais belo.

¹⁰ Sb. 4,1

A virgem cristã é a associada da Santíssima Virgem Maria, ela é a sua filha predilecta, ela é a sua protegida, ela é aquela sobre a qual Maria espalha de preferência os seus favores, porque se lhe assemelha no que, sobretudo, faz dela uma criatura à parte, independentemente da maternidade divina.

Foi Maria a primeira que fez voto de profissão de castidade absoluta e perpétua; ao mesmo tempo virgem e mãe, e mãe do esposo das virgens, Ela teve por esposo um homem virgem, por filho adoptivo e por apoio da sua viuvez o discípulo virgem; a pureza parece ser o domínio próprio de Maria.

3º - Precauções para conservar a castidade

A castidade é delicada, é um vaso frágil que transportamos nas mãos, através duma multidão que se agita, que só comprime em volta de nós, e que procura, mesmo directamente, fazê-lo cair dos nossos braços, quebrá-lo, pelo menos, sujá-lo.

É preciso, portanto, cercarmo-nos de precauções. Estas precauções, como depois veremos, resumem-se sobretudo no cumprimento fiel de todos os nossos deveres, e esse cumprimento não se pode realizar senão por meio duma exacta vigilância.

Vigilância sobre os nossos hábitos de oração e de frequência dos sacramentos.
A pureza é um dom do Céu.

A Eucaristia é o pão dos Anjos e o vinho que faz germinar as virgens. A devoção a Maria é o baluarte que detém os dardos do Demónio. A fuga das ocasiões é necessária para evitar o pecado contra a pureza, mas não basta; a penitência é necessária, mas não basta; só a graça de Deus, diz o Apóstolo, pode libertar-nos das leis da carne, e, para obter essa graça, é preciso pedi-la por Maria.

Vigilância para não nos deixarmos dominar pelo Demónio do orgulho,
impedindo-nos de falar das nossas tentações ao nosso confessor, sob o pretexto de que não somos culpados. Sem dúvida, não há obrigação, em confissão, senão de dizer os pecados, mas como pode um confessor ajudar-nos, fortificar-nos, acautelar-nos, se ele não conhece as nossas inclinações e se não queremos dizer-lhe senão o que é matéria de absolvição? Raras vezes são fortes e virtuosos aqueles que se concentram em si mesmos, quer por amor-próprio, quer, como eles dizem, por falta de confiança. Uma das grandes graças que uma religiosa, provada pelas tentações, deveria pedir a Deus, seria a

de estar à vontade com o seu confessor. É uma graça que Deus concede, quando é pedida com vontade sincera de ser virtuosa e de ser obediente.

Vigilância sobre os nossos pensamentos, para não admitirmos nenhum que possa dar o mais pequeno golpe na nossa inocência, nenhum, mesmo interiormente, inútil, nenhum vago; pensamentos sem objectivo que flutuam incertos e arrastam ao devaneio.

Vigilância sobre os nossos desejos para não querermos nada que possa ferir o Espírito Santo que está em nós.

Vigilância sobre as nossas afeições para não consentirmos nada de impuro nem mesmo de estranho num coração que já não pertence senão Àquele que é o nosso Esposo, o Divino Salvador Jesus. Toda a afeição que preocupe, ainda que ela seja santa, pode tornar-se perigosa.

Vigilância sobre os nossos olhares, para impedir a impressão dos objectos exteriores e o perigo de sedução. A castidade está na nossa alma como num santuário; o nosso corpo é o recinto que o cerca, os nossos olhos são a porta desse recinto. Tenhamos cuidado, o inimigo está sempre lá.

Vigilância sobre a clausura que, mal guardada, tornar-se-ia uma fonte de tentações. Ela é mal guardada, quando as janelas não estão rigorosamente fechadas e permitem ver para fora; ela é mal guardada, quando os muros do jardim, muito pouco altos, permitem aos estranhos mergulhar os seus olhares sobre nós.

Vigilância sobre as salas de visita, com os nossos próprios pais, com o receio de que as notícias que nos dão, de que as perguntas que nós fazemos, de que o deixar correr tão natural da nossa afeição para com eles, sejam a causa de delicadas e penosas tentações. Quantas perturbações de consciência tiveram por origem uma conversa na sala de visitas excessivamente prolongada, excessivamente afectuosa, excessivamente cheia de coisas fúteis!

Vigilância sobre as nossas leituras; não façamos leituras sem licença, não façamos nenhuma que não tenha um fim realmente útil, não façamos nenhuma que se prolongue além do tempo designado. Não leiamos jornais sem licença, não apanhemos nunca para os lermos as folhas rasgadas que podemos encontrar ao nosso alcance.

Vigilância nas tentações para combatermos atractivos do prazer com uma resistência calma, pronta, forte, generosa.

Vigilância nas conversas para nos vedarmos a nós mesmos toda a palavra, por pouco que seja contrária à decência e à delicadeza, toda a pergunta curiosa sobre coisas que não devemos saber, todo o gracejo que desperte uma imagem que cheire a mundanismo, a galantearia, a trivialidade, a espírito do mundo.

Vigilância sobre os sentimentos de complacência, que podem fazer nascer em nós o nosso rosto, a nossa habilidade, os nossos talentos, a nossa família, a nossa própria piedade... A virgindade nas almas, diz Santo Agostinho, é um grande dom, mas quanto mais precioso é este dom, tanto mais eu temo o escolho da vã complacência. A desconfiança de nós mesmos impede as quedas deploráveis de que a própria solidão nos tem dado tão lamentáveis exemplos.

Vigilância no trabalho. A ociosidade é a mãe de todos os vícios, sobretudo do vício contrário à pureza. O trabalho preserva do devaneio, doma a carne com o sacrifício, o incômodo que lhe está anexo, afasta as tentações, ocupando o espírito as dissipa facilmente.

Vigilância na nossa atitude; vigilância em tudo, vigilância em toda a parte, vigilância com todos, com as nossas companheiras, com a nossa Superiora, com o nosso confessor, com os nossos pais; vigilância, sobretudo com as pessoas que, por estado, nós temos de tratar ou de educar: são doentes, são pobres, são crianças. Ah! Sem dúvida são esses para nós fontes de graças, mas também fontes de tentações. Não nos aproximemos nunca deles senão com respeito devido ao seu Anjo da Guarda que os protege e que nos contempla.

4º – Diferentes ilusões sobre a castidade

Primeira ilusão. *Uma religiosa julga que é casta porque não tem inclinações para o matrimónio.*

A repugnância natural pelo matrimónio não é um motivo suficiente para tranquilizar uma religiosa sobre a sua castidade. Ela pode, infelizmente, sem nenhum desses pensamentos profanos, esquecer o respeito que ela deve a si mesma, esquecendo estes ensinamentos de S. Paulo: “Fazei, pois, morrer os membros do homem terrestre que existe em vós”¹¹ e “não procureis contentar a vossa sensualidade satisfazendo os

¹¹ Col 3, 5

vossos desejos”¹² Nós somos devedores à carne para vivermos segundo a carne: “se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se fizerdes morrer pelo espírito as obras da carne, vivereis”¹³ “Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós; ora, se alguém profanar o templo de Deus, Deus o perderá”¹⁴ Que luz e que instrução nestas últimas palavras! Os nossos corpos são os templos de Deus; portanto, diz Tertuliano, *“o pudor deve ser o guarda e como que o porteiro, velando continuamente para que não se aproxime nenhum pensamento que exponha ao risco de ofender a majestade de Deus que os habita e o obrigue a abandoná-los”*.

Ouvi ainda o mesmo Apóstolo: não só, diz ele, os nossos corpos são o templo da divindade, pela criação, são ainda, pela Encarnação, os membros de Jesus Cristo¹⁵, e, por esta união inefável do Verbo com a natureza humana, adquiriram uma dignidade nova, entraram em sociedade de natureza e de graça com o corpo de Jesus Cristo, e, como o seu foi divinizado, os nossos foram também divinizados. Quem, pois, continua o Apóstolo, ousaria profanar o seu corpo? Seria tirar a Jesus Cristo os seus próprios membros e, de puros e castos que eles são, torná-los impuros e manchados como os duma mulher que violou os seus deveres.

Esta doutrina é comum a todos os cristãos; ela tem para as religiosas uma força toda especial: é que o nosso corpo é mais casto que o corpo dos simples fiéis; o voto de castidade que vós fizestes, dedicou-o dum modo inteiramente particular ao serviço de Deus e deu-lhe uma nova consagração.

Vede que respeito deveis ter pelo vosso corpo, com que honra e reverência o deveis tratar, sobretudo depois que, admitidas mais frequentemente à Sagrada Mesa, vós sois, dalguma sorte, os cibórios vivos de Jesus Cristo.

A modéstia deve ser o vosso carácter dominante e a vossa virtude de predilecção. Diante das vossas companheiras ou nos vossos quartos, sob o olhar de Deus que não vos abandona nunca, de noite como de dia, na saúde como na doença, não permitais a vós mesmas nada que fira a santa virtude, mesmo duma maneira leve: maneira de vestir-vos, cuidados a dar à vossa pessoa ou a dar aos outros (banhos às crianças)... sede sempre guiadas por uma grande reserva e por um profundo sentimento

¹² Rm 13, 14

¹³ Rm 9, 12

¹⁴ 1 Cor 3,16

¹⁵ 1 Cor 6, 15

das conveniências; aquelas que têm falta de delicadeza expõem-se ao perigo de perder a castidade. Não queirais passar por ser largas neste ponto; sede simples, sem dúvida, mas prudentes, e respeitai o vosso Anjo da Guarda tanto como respeitaríeis uma companheira.

É assim que, segundo a bela expressão de S. Paulo, vós glorificais a Deus, levando-O no vosso corpo.¹⁶

Segunda ilusão. Julgar-se casto porque não se é tentado contra esta virtude.

Não vos fieis nessa calma mais aparente do que real; há aí, da parte do Demónio, um estratagema que tem feito numerosas e tristes vítimas.

O Demónio deixa-vos em paz durante seis meses, um ano talvez, a fim de que vos relaxeis na vossa vigilância, a fim de que vos permitais visitas, leituras, um deixar correr, um à-vontade que outrora não teríeis ousado permitir-vos, porque, contentes convosco, vós cedeis a um pensamento de orgulho e Deus vos abandona.

Tende cuidado, o Demónio é um agressor insidioso, traiçoeiro: umas vezes esconde-se e não se mostra senão por metade; depois, como um ladrão, avança a passos contados, protegido pelo sono em que vos mergulhou; outras vezes, ele, que se julgava morto, ressuscita, aparece subitamente e domina-vos, deita-vos por terra. Há efectivamente apoplexias morais e mortes realistas para a alma como para o corpo. Que é preciso para as provocar? Uma imprudência, uma palavra, uma leitura, uma entrevista. Tudo isso, já dez vezes nós o tínhamos feito, nós o tínhamos visto, nós o tínhamos ouvido impunemente... é que o Demónio esperava. O Demónio prepara muito tempo antes a queda duma alma, sobretudo duma alma religiosa; ele trabalha dois, três, quatro, dez anos, se for preciso. Ele prevê os acontecimentos, ele espia as circunstâncias, ele suscita relações, ele desperta (?).¹⁷ Oh! Não vos fieis nem na vossa virtude passada nem na vossa força presente; vigiai e orai para que não entreis em tentação com o consentimento da vossa vontade.

Terceira ilusão. Julgar-se casta, alimentando uma amizade excessivamente afectuosa para com uma companheira.

Já assinalámos, ao falarmos da caridade, o perigo dessas amizades chamadas simplesmente amizades particulares, mas que se poderiam às vezes chamar amizades apaixonadas.

¹⁶ 1 Cor 6, 20

¹⁷ Palavra ilegível.

A princípio, a amizade por uma companheira não é senão afectuosa; mas, porque não é fundada senão sobre a juventude, ou sobre as graças exteriores, ou sobre a amabilidade, ou sobre os talentos que brilham, mas porque ela se anuncia por meio de expressões excessivamente ternas, porque ocupa o pensamento durante a oração, porque se manifesta por meio de olhares assíduos e de familiaridades que não se ousaria ter diante dos outros, ainda que não tenham nada de inconveniente, essa amizade tornou-se uma paixão: já não é a amizade casta e cristã, é o princípio do amor profano e sensual. Por isso, esclarecida pela experiência, uma venerável fundadora do século XVII dizia um pouco cruamente talvez: *“Na religião devemos amar-nos como anjos ou fugirmos umas das outras como demónios”*.

Os apegos do coração, se não se quiser desarraigá-los logo que se fazem sentir, duram às vezes anos e são mais para temer para a castidade do que geralmente se pensa.

A religiosa que tem esses apegos, a princípio dissimula-os a si própria, não quer crer que realmente os possua; impõe silêncio à sua consciência, repele os conselhos, os avisos, as repreensões, as proibições duma Superiora experimentada; e, não se julgando doente, não emprega nenhuma precaução, não toma nenhum remédio para se curar.

A religiosa que tem esses apegos perdoa-os facilmente a si mesma, porque julga ter o direito de os perdoar a si própria; as razões, ou antes os pretextos, não faltam: é uma afeição legítima, ela não tem nada de sensual, ela leva-me para o bem, eu rezo melhor com esta companheira, ao pé dela, pensando nela, eu não posso passar sem esta amizade.

A religiosa que os tem torna-os de dia para dia mais difíceis de quebrar. Estes laços do coração mostram-se a princípio como fios de seda muito delicados na aparência e fáceis de partir; pouco a pouco tomam a consistência dos fios entrelaçados, que formam uma corda; depois tornam-se em corrente de ferro de que fala Santo Agostinho e que lhe custou tanto a partir.

Oh! Minhas irmãs, se vós soubésseis a felicidade, a paz, o repouso de que goza a alma quando está desembaraçada de todos esses laços e está a sós com Jesus.

Tranquilidade, liberdade, doçura, luz, há tudo isso na alma! E Deus faz-se sentir nela, Ele mostra-se, Ele ama; e é então, mas só então, que a vida religiosa é o reflexo da vida do Céu, e que a casa que a abriga, qualquer que ela seja, é a antecâmara do paraíso.

Ouvi sobre este assunto a doutrina de S. Francisco de Sales. Ela aplica-se sobretudo às amizades com as pessoas de fora, mas deve estender-se também às amizades entre religiosas: “Muitas vezes Satanás dá a mudança àqueles que se amam. Começa pelo amor virtuoso, mas, a não ser que se tomem sábias precauções, o amor frívolo misturar-se-á com ele, e depois o amor sensual, e finalmente o amor carnal. Sim há mesmo perigo no amor espiritual, se a alma não sabe bem armar-se de desconfiança e de vigilância. Quando o Demónio empreende corromper esse amor todo espiritual, fá-lo com finura, tentando fazer coar insensivelmente no coração algumas disposições pouco favoráveis à pureza... Eu brado muito alto a quem quiser ouvi-lo: tirai, cortai, arrancai: não vos entretenhais a descoser essas loucas amizades nem a desenvencilhar os seus laços; é preciso prontamente meter nelas o ferro e o fogo; e não se deve poupar um amor que é contra o amor de Deus”.

Quarta ilusão. *Julgar-se casta permitindo-se algumas familiaridades mundanas.*

Nós deixamos aqui a palavra de S. Francisco de Sales dirigindo-se às suas caras Irmãs da Caridade.

“Um dos vícios da cordialidade é não a ter de modo nenhum, parecer rude e desagradável, mostrar uma cara triste e fria, que faz gelar o coração àqueles que se aproximam. O outro vício da cordialidade é o excesso da cordialidade; por exemplo, quando se vê uma religiosa testemunhar à sua irmã com excesso o amor que lhe tem, dizendo: “Veja como eu a estimo”; depois tomá-la pela mão ou pelo corpo e abraçá-la. Tudo isso é vício entre irmãs, mas vício que seria maior ainda se se procedesse assim com as pessoas de fora... Recordai-vos, minhas filhas, do fundamento que nós queremos, que não há virtude que não esteja entre dois vícios. Assim, o excesso em testemunhar a sua afeição a uma pessoa, é certamente uma cordialidade, mas uma cordialidade excessiva, viciosa; mostrar-se triste, fria, não testemunhar nenhuma amizade, é o outro excesso, o outro vício da cordialidade. É preciso, quando conversais com o próximo, que procureis praticar esta cordialidade, como também quando tratais ou servis as doentes. É preciso misturar a cordialidade com o respeito... Lembrando-vos de que estas duas virtudes de respeito e de cordialidade devem encontrar-se nas irmãs da Caridade, sem que uma esteja nelas e a outra não; pela razão de que, se não testemunhais a uma pessoa senão a cordialidade, faltais ao respeito; e se não

testemunhais senão respeito, faltais à cordialidade. Resolvi, pois, testemunhar cordialidade e respeito ao mesmo tempo”.

Noutra conferência, S. Vicente de Paulo dizia: *“É bom que se recreiem, mas modestamente, evitando risos excessivos e gestos impróprios”*. S. Paulo assim o aconselha: *“Regozijai-vos, mas de sorte que a vossa modéstia se manifeste”*, abstendo-se de se tocarem mutuamente. Acautelai-vos com isso, minhas filhas, porque o Demónio colocou por baixo uma armadilha que vós não vedes... Não vos abraceis nunca, a não ser quando a caridade o requer; por exemplo, abraçar aquelas admitidas de novo ou aquelas com que nos reconciliamos quando as contristamos. Esta última prática é muito boa e eu vo-la recomendo, e isto ainda que sintais o vosso coração muito magoado. Oh! Que santo abraço o da reconciliação!”

Quinta ilusão. *Julgar-se casta permitindo-se indistintamente toda a espécie de leituras.*

Há grande perigo nas leituras feitas por uma religiosa sem grande discernimento, sem prudência, e sobretudo sem licença e como que às escondidas.

Nós bem sabemos que não há maus livros nas comunidades e que aqueles que são especiais para a superiora, para a enfermeira, são prudentemente guardados; mas nelas entram directa ou indirectamente jornais, e, mesmo nas folhas católicas, a não ser que sejam Boletins diocesanos, há páginas mortificantes para a delicadeza dum coração que se deu a Deus; e, nas outras folhas, aquelas que chegam às casas religiosas, emprestadas na sala de visitas para ler um artigo que parece útil ou embrulhando (?),¹⁸ há trechos, notícias, narrativas capazes de produzir graves perturbações. Inquietações de consciência e tentações tiveram a sua origem nalgumas colunas dum folhetim que a curiosidade levou a ler.

Sede, portanto, reservadas; o declive é escorregadio e a curiosidade é imperiosa.

Não digais: só isto, nada mais que isto; quase não se pára, quando os sentidos são atraídos e é-se astucioso para obter a continuação duma notícia que interessa!

Rejeitai, pois, diz o Pe. Valéry, esses livros de (?)¹⁹ que se dirigem com uma preferência acentuada à mulher e lhe pregam, num tom adocicado, uma devoção mole e sentimental; tais escritos não farão nunca santos e farão muitas vezes almas sensuais.

¹⁸ Palavra ilegível.

¹⁹ Palavras ilegíveis.

Rejeitai ainda certos romances piedosos que desenvolvem desmedidamente a imaginação e a lançam, longe das realidades e das austeridades da religião e da vida, no mundo das ilusões e das quimeras.

Os novos livros clássicos, sobretudo as histórias, nas (...),²⁰ oferecem também perigos, se não para o coração, ao menos para o espírito; pedi, pois, conselho aos sacerdotes que vos dirigem, antes de introduzir, para as vossas alunas e para vós, um livro novo. A fé tem a sua delicadeza como a pureza, e uma aversão contra a Igreja, um juízo formulado com espírito de hostilidade sobre os actos do Papa, sobre um assunto religioso, sobre uma acção em que a religião está em causa, uma simples observação contra a doutrina do Evangelho e a vida dum determinado santo, pode ocasionar tentações contra a fé, difíceis de destruir.

Não vos fieis completamente quanto aos livros a dar em prémio, mesmo nas livrarias católicas; a maior parte sem má intenção, sem dúvida, têm admitido obras que nós não deixaríamos ler nem às crianças nem a vós. Sede prudentes no exame que tendes de fazer sobre a realidade desses livros; não vades até ao fim duma narrativa que vos pareça de natureza a impressionar vivamente os sentidos. Não há grande mal em o pôr de parte; e pode haver mal em o ler e em o deixar ler.

Sexta ilusão. *Julgar-se casta sem praticar a mortificação.*

A mortificação é o sal que impede a carne de se corromper; é o jugo que a impede de se revoltar; eis porque S. Paulo dizia: “*Castigo o meu corpo e reduzo-o à escravidão*”; e prescrevendo a Timóteo os conselhos que devia dar aos fiéis, recomenda-lhe que pregue às viúvas e, por consequência, às virgens, que se mortifiquem, porque, diz ele, “aquela que vive no bem-estar, ainda que pareça viva, está morta diante de Deus.”²¹

Quando o corpo não é mortificado, dificilmente se submete à lei divina e pouco a pouco domina a alma e arrasta-a.

Ser casta sem castigar o corpo, querer imperar às próprias inclinações sem se impor privações, não é possível; a virtude da castidade não costuma encontrar-se numa carne lisonjeada.

²⁰ Frase ilegível.

²¹ 1 Cor 9, 27

Em religião, não se faz, sem dúvida, voto de mortificação, mas faz-se voto de castidade; um está compreendido no outro: a castidade é o fim, a mortificação é o meio. A religiosa que pretendesse ser casta sem se mortificar, seria uma mentirosa.

Como é pelos sentidos que o Demónio nos tenta, nos impressiona, nos atrai e procura arrastar a nossa vontade, são os nossos sentidos que devem ser objecto duma mortificação quase contínua. Dissemos, aí falarmos da maneira de combater, como devíamos operar com eles. Ponde em prática todos os conselhos e recomendações até aqui dados sobre a castidade e vereis que o que se indicou não tem nada de assustador, quando se faz sob o impulso e o olhar de Deus.

Não pedimos que se destruam os sentidos, mas que se coloquem no seu lugar. É a ordem que nós queremos e não a desordem. Deus é o Senhor da alma, a alma é a senhora dos sentidos, os sentidos são os servos de Deus e da alma; eles devem obedecer-lhe.

Em cada comunidade (muitas vezes), a regra impõe algumas mortificações corporais: a abstinência além da prescrita pela Igreja, o jejum, a disciplina, a recitação duma oração com os braços em cruz. Submetei-vos generosamente a essas prescrições; mas por vossa iniciativa e sem uma licença bem expressa não aumenteis o número dessas mortificações; vós poderíeis prejudicar a vossa saúde e o Demónio servir-se-ia do vosso zelo desmedido para vos inspirar pensamentos de orgulho.

Quereis algumas mortificações, sem perigo nem para o vosso corpo nem para a vossa humildade?

Mortificai-vos no sono, levantando-vos ao primeiro toque da sineta, sacudindo com energia o cansaço, o torpor, muitas vezes factício, que os vossos membros experimentam; é necessária muitas vezes mais força para deixar prontamente o leito do que para dar ao corpo a disciplina.

No trabalho, não perdendo um minuto, apesar do enfado, do desgosto, do pouco resultado, conservar-se atento e como que à cadeia diante dum trabalho que não é do nosso gosto, é penoso e às vezes duro. É impossível, diz Mons. de Ségur, conservar o tesouro da inocência e da castidade se se leva uma vida mole e ociosa. O trabalho quotidiano, o trabalho que começa cedo e que acaba tarde, o trabalho penoso que esgota as forças do corpo, o trabalho que é a grande penitência do homem, a mortificação dos

sentidos, não somente do coração mas do corpo, eis o que conserva a santa castidade, eis o que faz perseverar na inocência da vida.

Na necessidade de falar, que é muitas vezes tão desmedida e cuja regressão vale bem um dia de silêncio. É muito penoso às vezes, mas muito meritório também, reter uma palavra viva, uma pergunta curiosa, uma réplica espirituosa; penoso não responder a uma provocação ou a um dito de espírito e passar por insensível.

Na alimentação, não escolhendo, aceitando com reconhecimento, refreando o apetite, privando-nos de diversas pequenas coisas insignificantes, despercebidas de todas mas que a vossa sensualidade desejaria.

Na posição e nas comodidades do corpo, não tomando nenhuma posição que possa ferir a modéstia ou a delicadeza; o que exige mais esforços do que se supõe. Reprimir a mobilidade excessiva das diferentes partes do corpo, como movimentos dos braços, da cabeça, dos pés, mudanças de lugar, marcha saltitante. Não se lastimar dum vestido mal feito, dum calçado incómodo, duma carne um pouco dura, duma janela mal fechada, duma corrente de ar que é pedida por uma companheira. Oh! Como, sem fazer nada de extraordinário, se chegaria a dominar os sentidos!

Sétima ilusão. *Recear já não ser casta porque é violentamente tentada.*

Tu és tentada, violentamente tentada, incessantemente tentada; bom sinal, dizia um santo: é a prova de que não és do Demónio. Aqueles que lhe pertencem vão inteiramente sós para o mal, o demónio não precisa de os empurrar. Ninguém sitia uma fortaleza que tem em seu poder, diz S. Francisco de Sales; enquanto dura o ataque, pode-se estar certo de que a resistência se mantém e de que não se consentirá. Há pessoas, acrescenta este santo, que julgam que tudo está perdido quando são tentadas com pensamentos de blasfémia e de impiedade, e que imaginam que já não têm fé. Todavia, enquanto esses pensamentos lhes desagradam, não os podem prejudicar, e esses ventos impetuosos não servem senão para lhes fazerem lançar raízes mais profundas na fé. A mesma coisa se deve dizer das tentações contra a santa pureza.

É humilhante, muito humilhante ver a imaginação cheia de imagens inconvenientes, sentir o coração vivamente afectado de sentimentos indignos duma pessoa que se respeita, experimentar nos membros revoltos que fazem corar, mas esse estado humilhante não deve de modo nenhum perturbar-nos. A perturbação é um mal, e um mal que não cura outro; a perturbação é uma fraqueza; é o efeito da cobardia, não do

amor de Deus e da confiança em Deus. Porquê, com efeito, perturbar-se nas tentações contra a castidade? Os maiores santos experimentaram-nas. S. Paulo tinha sido arrebatado ao terceiro Céu; todavia, o agulhão da carne fazia-o gemer; o anjo de Satanás dava-lhe cruéis bofetadas, ele sentia a lei dos seus membros que se opunha à lei do espírito e que queria cativá-lo sob o jugo do pecado.

S. Jerónimo, num deserto medonho, tendo um corpo esgotado pelas vigílias e enfraquecido pelos jejuns, experimentava as revoltas da carne, as mais humilhantes, e no tempo em que ele não tinha companhia senão a dos escorpiões e dos animais selvagens, como ele se exprime, parecia-lhe estar em Roma no meio das sociedades voluptuosas.

S. Bento, esse grande Patriarca das Ordens Religiosas no Ocidente, não se viu obrigado a rolar-se em espinhos para extinguir o sentimento do prazer carnal com o da dor? E S. Francisco de Assis? E Santo Afonso Maria de Ligório?

Porquê perturbar-se nas tentações contra a castidade? Os maus pensamentos não são pecados, a imaginação suja não é um pecado, as impressões e as consequências involuntárias da tentação não são pecados; não há pecado senão na complacência da vontade, e todo o inferno conjurado não pode nada contra a vontade sustentada pela graça e determinada a recusar o seu consentimento a todo o prazer sensual.

Porquê perturbar-se nas tentações contra a castidade? Deus permite-as e nós devemos adorar os seus desígnios: permite-as para nos fazer conhecer a nossa fraqueza e convidar-nos a recorrer a Ele; permite-as para fortificar em nós e aumentar a virtude contrária; permite-as para nos fazer expiar as faltas da juventude, a fim de que a alma, diz S. Agostinho, encontre o seu castigo onde encontrou o seu prazer e faça penitência pelas coisas que ocasionaram as suas quedas passadas; permite-as, mas, por mais violentas que elas possam ser, devemos crer firmemente que porá limites ao pobre do inimigo e que, fiel nas suas promessas, como nos ensina S. Paulo, “*não consentirá que sejamos tentados acima das nossas forças*”.

Porque se há-de perturbar nas tentações contra a castidade? A perturbação é a fonte dos escrúpulos que nascem em seguida; as consciências delicadas não temem ter consentido na tentação senão porque elas se perturbaram e ignoram por consequência o que se passou no seu íntimo no momento em que perderam a paz: de resto, essa perturbação enfraquece as forças da alma, diminui a liberdade de espírito; faz mais,

aumenta mesmo a tentação, porque põe os humores em movimento, quase do mesmo modo que um pau que perturba a água estagnada a torna mais infecta.

É preciso, pois, nas tentações mais humilhantes, conservar sempre a tranquilidade, a liberdade, a paz do coração, a confiança em Deus. Deve-se temer a tentação, mas não se deve temê-la demasiado; deve-se temê-la, para não dar ao Demónio, quer com imprudências, quer com sensualidades, lugar e ocasião de nos tentar; mas, quando fizemos da nossa parte o que convinha na ordem de Deus para não sermos expostos à tentação, é preciso, no momento em que o poder das trevas nos atacar, armarmo-nos de coragem e desprezar o inimigo. O grande Santo Antão exprobrava ao Demónio a sua fraqueza, e, querendo animar os seus religiosos ao combate, dizia-lhes: *“Acreditai-me, meus irmãos, o Demónio é mais fraco do que vós pensais: ele teme as vigílias das almas piedosas, as suas orações, os seus jejuns, a sua pobreza voluntária, a sua misericórdia, a sua humildade, e, sobretudo, o seu amor terno e ardente por Jesus Cristo; e o simples sinal da cruz basta para tornar os seus esforços inúteis e para o pôr em fuga”*.

Não vos perturbeis, tão-pouco ao confessar-vos. Sede breves e sede claras. Vós não tendes o dever de dizer senão uma destas três coisas quando tiverdes exposto o género de tentação: Meu pai, eu consenti tantas vezes, ou eu não consenti ou eu não posso conhecer se consenti ou não e eu acuso-me como Deus Nosso Senhor me reconhece culpada.

Longos exames antes da confissão para saber se se consentiu, têm perigos muito grandes: irritam a imaginação, chamam as tentações, alimentam o ardor da concupiscência. Elas até diminuem, com a continuação, o horror ao pecado mortal e fazem perder o santo pudor da alma; se, no dizer de S. Paulo, não se deve nomear o vício impuro, por maioria de razão se deve demorar nele o pensamento.

Oitava ilusão. *Julgar-se obrigada a combater directamente as tentações contra a pureza.*

Um grande número de almas delicadas crêem ter consentido nas tentações contra a pureza, se não as combaterem directamente. Ilusão. Não se consente numa tentação senão por uma complacência livre e voluntária; nunca se é culpado de a desprezar. É mesmo esse o conselho mais prudente na prática. Alguns Padres do deserto, conferindo entre si, perguntavam mutuamente como combatiam as tentações violentas que os

assediavam. Eu, disse um deles, considero a fealdade do pecado. Eu, disse outro, imploro a protecção da Santíssima Virgem Maria. Eu, disse um terceiro, desprezo o Demónio e continuo mais assiduamente o meu trabalho na presença de Deus. Esta prática é a melhor, disse aquele que presidia: ela vos conserva numa inteira liberdade de espírito, não fatiga nenhuma das vossas faculdades e está sempre ao vosso alcance.

Todos os Mestres da vida espiritual, e o autor do combate espiritual em particular, ensinam-nos como boa prática atacar directamente a tentação quando ela nos impele ao orgulho ou à vingança: recomendam-nos que nos coloquemos em frente desse pensamento de orgulho ou de vingança, que vejamos toda a sua mesquinhez, toda a sua fealdade, toda a sua hediondez, que examinemos as suas consequências na nossa alma e no conceito dos outros, mas, quando se trate de tentações contra a pureza, *“todos nos proíbem expressamente examiná-las, ordenando-nos que desviemos o nosso espírito, que nos distraiamos seja de que maneira for; que deixemos mesmo, se a tentação é muito violenta e insistente, e se isso é possível, substituamos o trabalho que estamos fazendo por outro mais absorvente ou que mais nos distraia”*.

É pela fuga, e não pelo combate, que se vencem essas tentações às vezes tão violentas; lutar com elas é ser quase vencido. Lutando contra um mau pensamento, vós o examinais de mais perto, vós vos ocupais dele, vós o fixais no vosso espírito, e ele prolonga-se e torna-se mais vivo, e as impressões, que teriam podido ser apenas passageiras, tornam-se mais profundas. Distraí-vos, pois, passeai, cantai, se puderdes, pondo em ordem o vosso quarto; ide pedir uma licença, fazei uma visita à capela, descei ao jardim, passeai na Quinta... mas, por favor, não toqueis na lama mesmo para vos desembaraçar-vos dela: ela vos sujaria.

Não examineis, tão-pouco com excessiva minuciosidade, o consentimento que tendes podido dar a essas tentações, nem o que as ocasionou, nem como chegastes a repeli-las.

Quando a paz tiver voltado, ponde-vos na presença de Deus e perguntai-lhe simplesmente: “Meu Deus, eu sou culpada?” Deus, que viu a vossa boa vontade durante o combate, Deus que seguiu os vossos esforços, far-vos-á conhecer se estais realmente em pecado mortal. Desde que haja dúvida no vosso espírito, vós que habitualmente não quereis desagradar a Deus e que vos conservais unidas a Ele pela oração, desde que vos recordais de que sentistes pena em serdes assim tentadas e que, durante a vossa

tentação, invocastes Nosso Senhor, a Santíssima Virgem, o vosso Anjo da Guarda... conservai-vos em paz; podeis continuar as vossas comunhões. Os santos doutores são unânimes em dizer que uma pessoa duma consciência timorata deve, se depois da tentação se lembra de ter invocado o nome de Maria durante a luta, conservar-se tranquila sobre a sua culpabilidade; Maria preservou-a do pecado mortal. Dai parte desta decisão ao vosso confessor, ele a aprovará.

Nona ilusão. *Julgar-se obrigada a combater as tentações contra a santa pureza com jejuns e macerações extraordinárias.*

Em princípio, esta obrigação não existe, e, se alguns santos empregaram práticas duma excessiva austeridade, o seu exemplo é para vós um motivo de edificação antes que um modelo a seguir.

É preciso que nos santifiquemos, mas aqui, como em toda a parte, é necessário uma sábia e prudente discricção. Não é propriamente nos sofrimentos corporais, tais como os cilícios, os jejuns, a supressão excessiva do sono, que se deve procurar: essas penitências, por pouco exageradas que sejam, poderiam prejudicar a vossa saúde e diminuir as vossas forças corporais, e nem a vossa saúde nem as vossas forças vos pertencem: são de Deus e da vossa comunidade que têm o direito de se servirem delas; além disso, essas penitências, segundo os temperamentos, podem aquecer o sangue e produzir um efeito inteiramente contrário àquele que se quer obter.

Nota: Eis, em relação à castidade, uma observação muito importante tirada dum autor antigo:

“Nas tentações contra a santa virtude que vêm duma carne muito delicadamente alimentada, duma abundância de humor, duma saúde muito vigorosa; nesse caso as austeridades serão utilmente empregadas. Mas há também tentações que vêm dum temperamento seco e ardente e dum sangue acre; é preciso então empregar mitigações, e as austeridades não servem senão para excitar o sangue, agravariam o mal e aumentariam a tentação”.

Cassiano refere o discurso seguinte do santo Abade Moisés: *“É perigoso abater o corpo com austeridades indiscretas; os jejuns excessivos fazem o mesmo mal que a gula”*... Nós temos visto muitas vezes pessoas que se deixaram de tal modo enfraquecer com jejuns que as suas enfermidades e a sua fraqueza as fizeram recair sob a tirania da paixão que já tinham vencido. É por isso que, segundo S. Paulo, é preciso sabermos

servir-nos das armas da justiça, à direita e à esquerda, e bastante entre as extremidades contrárias, com uma justa moderação e uma sábia discrição.

O que há de mais sensato é não fazer nada sem licença.

O que apaziguará, duma maneira mais eficaz e sem nenhum perigo, sobretudo para o amor-próprio, a revolta dos vossos sentidos, e o que acalmará a efervescência da vossa imaginação, será o hábito da vida regular e a obrigação que vós vos imporeis de serdes fiéis a todas as observâncias da vossa regra, ainda as mais pequenas; será o cumprimento minucioso da vida de comunidade que, no dizer dos Santos, é a penitência mais dura; será o suportar silenciosamente as fraquezas, as faltas de caridade, os defeitos das vossas irmãs; será o silêncio sobre essas mil pequenas coisas que vos faltam ou que vos magoam a cada instante; será, finalmente, a constância para vos manterdes numa igualdade de génio que nada possa alterar. Nada doma a natureza, a torna maleável, a forma, como essa monotonia duma vida sempre a mesma, sempre ocupada, sempre tendendo ao mesmo fim. Ela mata o amor das comodidades, ela mata o orgulho, ela mata a ansiedade e a pressa, ela mata a vontade própria, e os sentidos não se revoltam no meio de todas essas mortes.

O que apaziguará, ainda duma maneira eficaz, a revolta dos sentidos é a dedicação cada dia renovada ao emprego que vos está confiado, é a aceitação calma, generosa e sorridente das penas anexas a esse emprego. Quantos desgostos a sofrer, quantas repugnâncias a vencer, quantas mortificações a suportar para permaneceres dez anos e mais com crianças, ou com pobres, ou com doentes! Da parte das crianças, a pouca disposição, a preguiça, a dissipação, a indocilidade, a grosseria, às vezes a falta de asseio, a falta de boa vontade e de piedade; da parte dos pobres e dos doentes: a rudeza, a ingratidão, a insensibilidade, a impaciência, as murmurações, a ignorância, as chagas nauseantes, doenças de toda a espécie, a morte com a sua agonia às vezes aterradora.

Não compreendeis quanta coragem, constância, fé, virtude, numa palavra, é precisa para suportar o que há de penoso, de fatigante, de enfadonho nessa missão, e para o suportar com um rosto calmo e sereno?

Oh! Ainda uma vez mais, aplicai-vos ao vosso dever; se o demónio da sensualidade vos ataca, aplicai-vos a cumprir esse dever com mais dedicação; esse

combate contra a delicadeza e os gostos da vossa natureza valem bem, tende a certeza disso, um jejum, uma disciplina, uma maceração fora do que exige a vossa regra

A esse trabalho, pode dizer-se quase material, juntai as diferentes práticas de vigilância de que temos falado: a oração, a sagrada comunhão, a devoção a Maria, a abertura do coração ao vosso director, a humildade... e contaí com Deus que vós servis! À hora da vossa morte, podereis cantar com o Profeta: *“Bendito seja o Senhor nosso Deus! Ele foi o meu apoio, Ele mesmo fortaleceu as minhas mãos para o combate, exercitou o meu braço para a vitória”*.²²

Décima ilusão. *Julgar-se obrigada a não permitir a si mesma nenhuma afeição e a não se apegar a nada, nem mesmo à sua comunidade.*

Esta ilusão é o produto dum espírito fraco, estreito e pouco esclarecido. Ela não é felizmente geral e, contudo, podem às vezes encontrar-se nas comunidades irmãs que sofrem a sua influência. Ela torna-as infelizes, porque as coloca num estado de constrangimento contínuo e enche o seu espírito de suspeitas injustas, de juízos temerários; ela é prejudicial à comunidade porque detém a dedicação das irmãs e, sob o pretexto duma perfeição quimérica, leva-as a apertarem o coração, a isolarem-se das suas companheiras, da sua superiora, a considerarem-se quase como estranhas à comunidade.

Este aperto, este estreitamento de coração tão oposto ao espírito religioso, pode, sem dúvida, provir doutras causas: por exemplo, da vaidade ferida, da estima exagerada que se tem dos próprios talentos e qualidades, e do despeito de não ser (...) ²³. Nada é tão tenaz num espírito acanhado, tacaño, como as ideias falsas na devoção.

O fundador das Irmãzinhas de Maria, querendo precaver as suas irmãs contra esse isolamento dos interesses da comunidade e essa falta de expansão, de desafogo, que torna tão egoístas, dava-lhes os seguintes avisos: *“Para ser feliz em comunidade, é preciso vir para ela e permanecer nela na qualidade de filhos da casa”*.

A Sagrada Escritura ensina-nos que o homem deixará seu pai e sua mãe para se ligar à sua esposa. Pois bem! O religioso também, se quiser estar contente no seu santo estado, se quiser ter todas as consolações da Religião, deve deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, suas irmãs e tudo o que há no mundo, para se ligar aos seus superiores, aos seus confrades e à comunidade que se torna a sua família. Portanto, aquele que não se dá

²² Sl.112, 3

²³ Resto de frase ilegível.

inteiramente à sua comunidade e que não trabalha para adquirir os sentimentos dum bom filho não é um religioso mas um serviçal, um criado. Ora, quereis saber qual é a diferença que há entre o irmão serviçal e o irmão que é filho do Instituto? A irmã criada considera a Superiora como uma patroa, como um polícia que a vigia, donde se segue que a receia e a teme, evita a sua presença, esconde-lhe as particularidades da sua conduta, e, ainda mais, os seus defeitos, desconfia dela, convence-se facilmente de que ela a trata mal, de que não gosta dela, de que a faz sofrer e de que a repreende e corrige sem razão. A irmã criada considera as suas irmãs como umas estranhas; por isso é para elas sem caridade, sem atenção, sem delicadeza. Toda ocupada com a sua pessoa, com os seus próprios interesses, toma para si o que há de melhor, de menos penoso, sem se preocupar se as suas irmãs sofrem, se estão excessivamente sobrecarregadas e se estão padecendo necessidade. A irmã criada é indiferente aos interesses da comunidade: pouco lhe importa que ela prospere ou que ela caia em decadência; é por isso que não exerce o seu emprego senão à maneira de quem faz uma tarefa; não tem zelo, não tem dedicação pelo bem comum; é pródiga, vê deteriorarem-se as coisas sem se inquietar com isso e deixa estragar-se a mobília e os objectos, que lhe são confiados, antes que dar-se ao incómodo de ter cuidado deles.

A religiosa que é filha da casa procede dum modo completamente diferente. Considera e estima a Superiora como uma mãe: tem inteira fé nas suas palavras e abandona-se absolutamente à sua direcção. Persuadida de que a Superiora não quer e não procura senão o seu bem, recebe os seus avisos e as suas repreensões como testemunhos de afeição, como provas da mais terna amizade. Longe de ocultar os seus defeitos ou as suas faltas, é a primeira a dar-lhas a conhecer e não está contente senão quando a Superiora conhece toda a sua conduta e todas as penas da sua alma.

A religiosa que é a filha da casa considera os membros da comunidade como suas irmãs; por isso vêem-na toda ocupada em ajudá-las, em aliviá-las, em prestar-lhes serviços; em toda a parte toma o seu partido, ampara-as, defende-as, desculpa e esconde os seus defeitos.

A religiosa que é a filha da casa não ama nada tanto depois de Deus como a sua comunidade; não tem nada tanto a peito como vê-la prosperar, isto é, desenvolver-se, conservar o seu espírito, atingir o seu fim, promovendo a glória de Deus e a salvação das almas. Considerando-se com razão como obrigada a contribuir pela sua parte para o

bem da comunidade, esforça-se por dar em toda a parte o exemplo da regularidade, da piedade, da submissão, do bom espírito, da dedicação, não temendo nem o incômodo nem o trabalho para promover o bom êxito das escolas, a boa administração do temporal das casas, e não recuando diante de nenhum sacrifício quando se trata do bem comum, da edificação, da utilidade das irmãs e do serviço da comunidade.

Só a religiosa que tem os sentimentos e o espírito de família, encontra em Religião o cêntuplo dos bens e do contentamento prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo. Como não vive senão para a sua comunidade, como se dedica ao bem das suas irmãs e não deixa escapar nenhuma ocasião de lhes ser útil, de lhes dar gosto, elas pagam-lhe com usura, restituem-lhe o cêntuplo o que ela dá: amam-na, sacrificam-se por ela, todos os corações lhe são dedicados e tem tantas criadas ou antes, tantas irmãs, tantas amigas quantos são os membros da comunidade (doçuras da verdadeira amizade).

Quanto à irmã criada, não só não tem o cêntuplo, mas não há mesmo para ela, em Religião, satisfação e contentamento de espécie alguma. Como não ama verdadeiramente nenhuma das suas irmãs e vive como uma egoísta, não tem as simpatias de ninguém; suportam-na, evitam ofendê-la, porque a caridade cristã o exige, mas não se poderiam ter para com ela as deferências e as atenções que ela não tem para com os outros, nem testemunhar-lhe os sentimentos de amizade que ela não compreende e para os quais o seu coração não foi feito. Por isso, eu não receio dizê-lo, quase que não há pessoas mais infelizes que a religiosa que não tem o espírito de família, isto é, que não é dedicada à sua comunidade, que conserva as suas afeições para aqueles que ela deixou, e que vive em comunidade como uma estranha, como tendo o seu bem e o seu tesouro noutra parte.

IV - SOBRE OS RETIROS

27 DE DEZEMBRO de 1931

Nosso Senhor acabava de passar trinta anos na vida humilde e oculta de Nazaré. Mas, a fim de nos inculcar melhor ainda a importância do retiro, antes de começar a sua vida pública, retira-se para o deserto, orando, jejuando durante quarenta dias. Decerto, pois, o retiro é uma coisa bastante necessária e bastante vantajosa para que Jesus tenha querido assim praticá-la, Ele que vinha instruir-nos com a Sua palavra e com o Seu exemplo. Imitai-O.

Consideremos a necessidade do retiro, as suas vantagens e as disposições que é preciso levar para o retiro.

I - Necessidade do retiro

Pelo retiro ou solidão de que acabamos de falar, entendamos a suspensão momentânea, durante alguns dias, dos nossos trabalhos e da nossa vida ordinária, para nos entregarmos mais intensamente às coisas santas, aos exercícios de piedade, para entrarmos no silêncio e na calma da solidão, a fim de aí conversarmos com Deus acerca de nós mesmas, das nossas necessidades, das doenças e das quedas da nossa alma, de lhe pedirmos remédios e auxílios, na intenção de nos renovarmos e de começarmos uma vida melhor.

Ora, o retiro assim entendido, que deve ter por efeito libertar-nos do espírito do mundo e reconduzir-nos à verdadeira vida religiosa, é-nos aconselhado por vários motivos graves e pode até suceder que seja para nós de estrita necessidade.

1. *A vocação cristã e a vocação religiosa.*

Desde que renunciastes a Satanás, às suas pompas, às suas obras, pelo baptismo e pela vocação religiosa, a vossa vida deveria ser uma vida de desprendimento e de abnegação. Quanto a nós, já vivemos no Céu. Em qualquer parte que vós estejais, diz Tertuliano, pouco importa, vós não sois deste mundo.

2. *Os perigos do mundo.*

Eles podem atingir as almas consagradas a Deus.

3. *A necessidade de assegurar a vossa salvação.*

O retiro purifica-vos, repara os prejuízos sofridos, faz-vos adquirir novas forças contra os perigos do mundo.

4. *O estado da vossa alma.*

Pode dizer-se que o retiro é moralmente necessário para todos. Se a alma está em pecado mortal, ressuscita-a, se é tibia, reanima o fogo do fervor, se tem a felicidade de estar em graça, ajuda-a a conservar-se e a perseverar nela.

5. *O retiro é necessário em certas circunstâncias da vida.*

Por exemplo, quando se quer fazer escolha dum estado ou fortalecer a vocação, quando se quer empreender alguma obra importante para a glória de Deus. É no retiro que o Divino Espírito Santo dá as graças de luz, de consolação e de força necessárias.

6. *Os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos Santos* convidam-nos a fazer retiro.

Recordemo-nos de Moisés e Elias, e da Santíssima Virgem no templo, dos Apóstolos no Cenáculo, dos solitários do deserto.

A Igreja recomenda-o de tempos a tempos a todos, por ocasião dos jubileus, aos seus sacerdotes cada ano.

II – Vantagens do retiro.

1. *O retiro é um tempo de repouso para a nossa alma,* que se arranca então, por alguns dias, às ocupações terrenas, a fim de procurar a Deus e de tratar com Ele do grande negócio da sua salvação. Ela é recebida em audiência divina e ocupa-se desta questão tão capital no seu entretenimento com Deus. Ela encontra-se como Moisés no Sinai, com os Apóstolos no Cenáculo, com os nossos primeiros pais no paraíso terrestre, quando Deus se deixava facilmente aproximar deles.

2. *O retiro é verdadeiramente o tempo favorável* para orar e pedir as luzes divinas, para meditar nas grandes verdades e nos fins últimos, para examinar e reconhecer o estado, as doenças, as fraquezas e as necessidades da alma.

3. *É o tempo propício* para curar as doenças espirituais e reparar as feridas que se sofreram, ver as causas dos próprios males e remediá-los, descobrir os defeitos e os maus hábitos e corrigi-los, renovar inteiramente a vida e regulá-la para o futuro.

4. *É um tempo de graças*: Deus chama a alma e fala-lhe: *Ducam animam in subtendium et sibi loquor ad cor eius*: Ele ilumina-a, instruí-a e comove-a, consola-a... Abre-lhe os seus tesouros com liberalidade: graças de escolha, capazes de transformar as almas e de as santificar. Vede Moisés descendo do Sinai com o rosto fulgurante, a Santíssima Virgem ao deixar a solidão do templo cheia de graça, os Apóstolos ao saírem do Cenáculo, S. Paulo depois do seu retiro em Damasco. Santo Inácio depois do seu retiro em Manresa, Santa Teresa, S. Carlos, S. Francisco de Sales, S. Leonardo de Porto Maurício.

5. Um bom retiro pode influir tão vivamente sobre a nossa vida, sobre a nossa vocação e, por consequência, sobre a nossa eternidade! É a chama da santidade, da salvação, do Céu.

III – Disposições para um bom retiro

O retiro pode operar maravilhas, contanto que tenham as disposições requeridas; sem isso, quantos retiros perdidos, infrutuosos! Quantas conversões falazes ou pouco estáveis!

1. Considerai o retiro como uma grande graça, uma coisa muito importante e muito necessária para vós. Fazei-o como se um Anjo viesse dizer-vos: ponde em ordem os vossos negócios, porque ides morrer; ou como o fariam as almas do Purgatório se Deus lho permitisse fazer.

2. Tomai a firme resolução de vos absterdes, durante os dias do retiro, das mais pequenas faltas. Vigilância mais cuidadosa, não ponhais nenhum obstáculo às graças do Divino Espírito Santo.

3. Tanto quanto possível conservai-vos num grande silêncio e num profundo recolhimento interior e exterior. Ponde de lado, durante esses poucos dias, as solitudes terrenas, as conversas inúteis, a fim de serdes mais de Deus e de vos entreterdes mais intimamente com Ele.

4. Orai mais que de ordinário e com mais fervor. Quantas graças a pedir! Tende uma grande confiança na bondade de Deus. Uni-vos aos Apóstolos que no Cenáculo perseveravam unanimemente na oração com Maria, Mãe de Jesus.

5. O retiro é também um tempo de combate. A graça de Deus vos ilumina e vos solicita, reclamando da vossa generosidade este ou aquele sacrifício, mas o Demónio e a carne opõem-se a isso para impedir a vossa inteira conversão e a vossa santificação. Recordai-vos da tentação de Nosso Senhor no deserto, sede fortes e generosas. “*Senhor, que quereis que eu faça?*”(S. Paulo).

6. Sede muito fiéis a todos os exercícios do retiro, sobretudo a ouvir a palavra divina, combatendo a distração e o sono. Meditai-a no vosso coração, como Maria, e ponde-a em prática.

7. Exame sério, contrição tão perfeita quanto possível, confissão sincera; procurai sair do retiro purificadas como Naaman, transformadas como os Apóstolos, transfiguradas como Nosso Senhor, tendo-vos despojado completamente do homem velho, com os seus vícios e as suas concupiscências e tendo-vos revestido do homem novo.

Conclusão: Almas queridas, que Deus vos conceda a graça de compreenderdes bem toda a importância do retiro. Empenhai todos os vossos cuidados em fazê-lo bem feito. “*Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações...*”.

Ó Jesus, tende piedade destas almas queridas, que imploram de Vós a sua cura; purificai-as, fortalecei-as contra o Demónio, santificai-as na verdade, para que doravante elas Vos amem com toda a generosidade e dedicação, Vos sirvam fielmente e mereçam ver-Vos eternamente no Céu. Assim seja!

Não julgueis, porém, que o Demónio, inimigo da vossa perfeição, vos deixará gozar duma paz perfeita durante estes dias. Ele vai talvez suscitar inquietações a respeito do passado, apreensões quanto ao futuro, ele vai semear nos vossos corações os germes da desconfiança e do desânimo. Ele vai esforçar-se por vos fazer crer que não sois feitas para subir a montanha da perfeição.

Não receeis este trabalho infame do vosso inimigo: Jesus ama-vos: quem poderia fazer-vos mal? Todavia, é preciso auxiliar o Divino Mestre, porque Ele assim o quer, cooperando com a sua graça; é preciso desprezar esses pensamentos deprimentes, não lhes conceder sequer um olhar de desprezo e repetir: Jesus, eu Vos amo, eu tenho confiança em Vós, eu creio no Vosso amor por mim.

Se uma ou outra verdade vos lança no abatimento ou na tristeza, abandonai-a imediatamente e passai a outra coisa. O que é de molde a fazer-vos desanimar não é dito para vós.

Mesmo no exame das vossas faltas, convém observar a justa medida. Não analiseis com ansiedade os vossos defeitos, não procureis distinguir os vossos progressos na virtude. Isso não serve senão para vos fazer descoroçoar e não se deve ser pusilânime no momento em que Jesus vai tomar amorosamente nas suas mãos o negócio da vossa santificação.

Ó dulcíssimo Jesus, Divino Infante de Belém, que deixastes o presépio pelo sacrário, para serdes o misericordioso samaritano da minha alma, fazendo todos os dias do meu pobre coração, pela recepção do Pão dos Anjos, um cibório vivo, ajudai-me a fazer o santo retiro, de maneira que se possam realizar integralmente os vossos desígnios adoráveis a meu respeito. Eu Vos amo, eu me entrego a Vós. Fazei em mim e de mim tudo o que quiserdes. Conduzi-me seja aonde for, ainda que seja ao cume do calvário.

Santos protectores do nosso amado Instituto, Nossa Senhora das Dores, Senhora de Fátima, S. José, S. Bento, Santa Teresa do Menino Jesus, querida e santa Ir. Maria Josefina, primeira flor de sublime encanto e de suave perfume caída para o Céu no jardim desta doce Betânia de Jesus Hóstia e do Coração Imaculado de Maria, intercedei por mim e por nós todas junto do Divino Rei de Amor. Senhora de Fátima, extremosa Mãe desta nova e humilde Congregação e da sua Oblatura, e Augusta Padroeira da Acção Católica, é a vós, especialmente, que eu confio este retiro.

Fazei de todas nós outras tantas almas vítimas e reparadoras que desagravem o vosso Divino Filho dos ultrajes e ingratidões dos homens, e atraíam sobre a nossa querida Pátria e sobre o mundo inteiro torrentes de graças e de misericórdia. Tomai conta do meu coração, transformai-o, purificai-o e enchei-o do santo Amor.

V - ILUSÕES SOBRE OS PERIGOS DA VIDA RELIGIOSA

SEGUNDO ANO DO TIROCÍNIO

A donzela que ainda no mundo se prepara para abraçar a vida religiosa não pode capacitar-se de que haja alguns perigos nessas casas que ela chama, com tanta verdade, “as casas de Deus”.

Para essa alma em experiência, toda a casa religiosa é um porto em que as tempestades nunca se fazem sentir.

É uma fortaleza em que nem o Demónio nem o mundo entram.

É um Paraíso em que se vive com Deus, se serve com Deus, se é feliz junto de Deus.

É um navio que conduz directamente ao Céu, no meio da paz, da caridade, da felicidade!

São verdadeiras estas imagens que atraem à vida religiosa a alma fiel e inocente, porque a colocam ao abrigo dos perigos do mundo, e que tranquilizam a alma que foi culpada, porque lhe oferecem a facilidade de voltar a Deus e de permanecer fiel a Deus. Mas, se a vida religiosa é realmente um porto, uma fortaleza, um Paraíso, a alma que nela vai esconder-se traz para ela as más inclinações que, no mundo, lhe faziam sentir a sua fraqueza e a humilhavam tão profundamente, o Demónio penetra lá com todo o seu ódio, com toda a sua raiva, com toda a sua astúcia; de sorte que, se na vida religiosa os perigos são menos numerosos do que no mundo, se oferecem menos atractivos, se são mais visíveis e mais fáceis de evitar, nem por isso são menos reais nem exigem, menos que no mundo, precauções minuciosas.

Infelizmente, pode-se, numa casa religiosa como do mundo, cair-se no inferno, e a queda é mais terrível, porque se tinha subido mais alto.

Pode alguém, deste paraíso descer ao inferno e enterrar-se lá mais profundamente, porque, tendo abusado de mais graças, tornou-se mais culpado.

“Não é o lugar, diz S. Bernardo, que santifica as pessoas, mas as pessoas que devem santificar o lugar”. Não é a santidade do estado, mas o estado de santidade, é só ele, que nos pode salvar; e as almas perdem-se até no estado mais santo e mais elevado.

Vede o Anjo no Céu, Adão no paraíso terrestre, Judas na companhia de Jesus. E quanto maior for o amor de Deus por uma alma neste mundo, tanto maiores serão no outro o abandono em que Deus a deixará e o castigo que lhe infligirá; quanto maior for a generosidade de Deus, tanto maior será o seu desprezo pela alma ingrata que O tiver abandonado. Esses perigos são tanto mais para recear, quanto é certo que o Demónio os esconde com mais cuidado.

1. Ele tranquiliza-vos, persuadindo-vos de que há em vós uma vontade séria de não cometer o pecado mortal. Não, vós decerto nunca o quereis directamente, mas, se viverdes habitualmente na dissipação, na leviandade, no desprezo, não formal, sem dúvida, mas contudo real, dessas mesmas observâncias, que são para o conjunto das regras o que são os fios delicados que unem entre si várias partes dum tecido; quem vos assegura que não acabareis por mostrar-vos como que insensivelmente conduzidas a cometerem um pecado mortal? Mais tarde tereis ocasião de ver que “é, geralmente pouco a pouco, sobretudo na vida religiosa, que se desce ao abismo”.

2. O Demónio tranquiliza-vos enganando-vos acerca da natureza das faltas em que nos deixamos cair e das condescendências perigosas que nos permitimos. Ele não dirá: não te mortifiques, mas dirá: “essa mortificação é prejudicial à tua saúde e tu és obrigada a conservar-te forte para bem da tua comunidade; para que é que uma pessoa serve quando está doente?” Ele não dirá: “deixa a oração”, mas dirá: “a oração tal como ela se faz é incómoda, é para ti impossível; fazê-la com a tua comunidade é muito fatigante! A assistência ao coro faz-te sofrer dores de cabeça; a capela é muito fria, é muito quente, há correntes de ar que te matam”. Ele não dirá: “É preciso que te dissipes”, mas dirá: “Tu não podes, na tua idade, proceder, andar, apresentar-te como as religiosas de idade madura ou de idade avançada; tu tens necessidade de alegria, de expansão, sem isso a casa seria um cemitério”. Ele não dirá: “Não sejas modesta”, mas dirá: “No que fazes, não há mal nenhum, é ridículo ser escrupulosa, o mal só está onde o põem”. Ele não dirá: “desobedece, não sejas caritativa”, mas dirá: “é coisa sem importância uma palavra dita de passagem, uma leve troça, um pequeno gracejo mortificante, uma maledicência sem alcance ou em momento de impaciência, de mau génio que passa rapidamente. Afinal de contas, tu estimas a Superiora, tu estimas as tuas irmãs, tu não lhes queres mal, e isso basta”.

Não estejais, portanto, nunca sem esse temor filial, dom do Espírito Santo, que vos tornará vigilantes, tímidas, delicadas, fiéis à oração, humildes para receberem uma repreensão, fortes para resistir a todas as seduições, prudentes para distinguir todas as ilusões e distinguir todos os perigos de que se irão a seguir indicar os principais.

I - Perigos provenientes da memória, da imaginação, do juízo

Esses perigos podem nascer da vossa memória, da vossa imaginação, do vosso juízo que, não sendo já guardados pela oração, pela vigilância e pela mortificação, experimentam, de tempos a tempos, uma efervescência capaz de alarmar uma consciência delicada; é essa efervescência impossível de dominar mais tarde, se não for logo no princípio, que produz esses maus espíritos tão justamente chamados os flagelos das comunidades.

1. *O espírito de dissipação*, entretido pelas palavras inúteis ditas na casa por estouvance, pela mania de falar, por desfastio; ou ditas na sala de visitas, nessas longas conversas em que se perde todo o fruto da oração e donde se sai quase sempre com um pouco menos de espírito interior.

Alimentado ainda pelos pensamentos inúteis, que vão e vêm no espírito como as nuvens vão e vêm no firmamento, que se apresentam sobretudo durante a meditação, a recitação do ofício, a visita ao Santíssimo Sacramento, e de que não podemos desembaraçar-nos porque se aclimataram em nós.

2. *O espírito de mundanismo*, alimentado pelo hábito de ver e de julgar as coisas com a luz do mundo, como se a fé não tivesse para nós uma luz que deve ser preferida, porque ela é a única verdadeira. Assim vêm-se as pessoas e esquece-se Aquele que elas representam; vê-se um acontecimento no que ele tem de penoso ou de consolador e esquece-se que ele é querido por Deus e que os seus efeitos encerram alguma coisa de divino e de útil para a nossa santificação; pensa-se no tempo presente, esquece-se a eternidade e não se diz: “de que me servirá isto para o Céu?”

Alimentado pelo hábito do desejo de ser vista, louvada, acarinhada, apreciada, de estimar os empregos que põem em evidência, de repelir tudo o que humilha e rebaixa, por pouco que seja.

3. *O espírito de curiosidade*, alimentado pelas notícias do exterior, conhecidas de mil maneiras ou por intermédio das pessoas que prestam serviço à casa ou das visitas na sala, que se ouvem com ansiedade e que se excitam a contar o que sabem do que se passa. Alimentado pelas notícias do interior, sabidas porque se espiam todos os passos das companheiras e até todos os movimentos da Superiora (onde está, aonde foi ela, que está a fazer, com quem está a falar, o que estará a dizer); sabe-se quais são as que estiveram na sala de visitas e quanto tempo lá permaneceram; sabe-se quais são as irmãs que não assistiram a um determinado exercício de comunidade, quais são as que a Superiora chamou ao seu quarto ou que espontaneamente a procuraram para lhe falar; sabe-se quais foram as cartas que se receberam e a quem eram dirigidas; pelos gestos ou pela expressão do rosto de algumas irmãs que falavam umas com as outras, adivinha-se o que elas disseram e repete-se como uma coisa certa.

4. *O espírito de crítica*, alimentado pela ideia exagerada que cada irmã tem do seu critério, do seu juízo, do seu valor pessoal, vendo tudo, examinando tudo e querendo que o que ela pensa se torne a lei de todas. Tudo passa diante do tribunal desse espírito em que já não habita Jesus, tão manso, tão humilde, tão benévolo: os Superiores, o confessor, as irmãs que exercem cargos, as irmãs doentes, as irmãs de coro ou, vice-versa, as irmãs de serviço... e é severo, duro, cruel, implacável e inexorável para todos, e muito feliz se pode considerar Nosso Senhor se consegue escapar, Ele ao menos, à acção desse terrível tribunal que julga sem contemplação nem ressalvas e de que não há apelação nem agravo...

II - Perigos provenientes do coração

Esses perigos podem nascer do vosso coração, que se desprende com tanta dificuldade das afeições do mundo, e não falo, já se vê, senão das afeições legítimas, queridas por Deus, mas a que esse coração renunciou e com que se preocupa em demasia, alimentando-as, recordando-as, excitando-as, desejando sentir ainda todas as suas doçuras. Trata-se aqui, como já podeis calcular, sobretudo da afeição pelos pais, que, permanecendo excessivamente natural, pode fazer muito mal a uma religiosa. Não, evidentemente, uma religiosa não deve esquecer nem o pai, nem a mãe, nem os irmãos, nem as irmãs; a observância dos conselhos evangélicos não destrói o preceito do quarto

mandamento, e as palavras com que Nosso Senhor Jesus Cristo convida a deixar o pai e a mãe para O seguir, e diz que aquele que ama o pai ou a mãe mais do que a Ele não é digno Dele, não significam que se devem apagar da memória e do coração. A religiosa, ao entrar na casa de Deus, comprometeu-se a amar seus pais duma maneira mais sobrenatural do que dantes, quando vivia no século, isto é, a ocupar-se especialmente da sua salvação eterna e, de modo nenhum, ou então muito secundariamente, dos seus negócios temporais, e, a não ser em casos excepcionais duma pobreza completa que exigisse para a sua subsistência o trabalho da filha religiosa, ou duma doença de tal ordem que só a filha os pudesse salvar, a religiosa não deve, senão dum modo superficial, inquirir acerca da sua prosperidade material, e, muito menos, deve “aconselhar, dar a sua opinião, empenhar-se junto doutras pessoas para lhes valerem, numa preocupação absorvente, procurar uma colocação para seus irmãos ou para suas irmãs, andar atarefada numa troca de correspondência que nunca tem fim”.

O coração assim atacado já não tem paz, já não tem devoção; já não pertence à sua comunidade, voltou para a sua família e arrepende-se por momentos de a ter deixado. É um assunto contínuo de distração e, às vezes, um princípio de perda de vocação.

Já falamos, ao explicar a primeira obrigação da religiosa, amar, dos cuidados a dar aos vossos pais, pobres. Eis, sobre esta questão que tantas vezes perturba a paz da alma, os ensinamentos que dava o fundador das “Irmãs de Maria”. “Um dos laços mais perigosos do Demónio é levar um religioso a ocupar-se dos negócios temporais dos seus pais” ou, por uma falsa compaixão, a exagerar a si próprio as suas necessidades e a julgar-se obrigado a auxiliá-los com meios que a Religião não aguenta. O inimigo da salvação chega até a fazer crer a alguns que é permitido abandonar a sua vocação para lhes assistir. É certo que um filho está obrigado a socorrer o pai e a mãe, quando não se encontram em estado de prover à sua subsistência; mas é extraordinariamente raro que um religioso esteja obrigado a abandonar a sua vocação para satisfazer a esse dever. Para que se encontre nesse caso, é preciso, segundo a opinião de todos os teólogos:

1. Que as necessidades do pai e da mãe sejam extremamente graves.
2. Que não haja outros meios de os socorrer.
3. Que o religioso, deixando uma vocação, tenha a certeza de poder ser-lhes útil.

4. Que nisso, ele não siga de modo nenhum a sua própria inclinação e não seja ele próprio o juiz da gravidade da necessidade de seus pais, nem dos meios de provir à sua subsistência, mas que proceda em harmonia com a opinião de seus Superiores, os quais somente têm direito de decidir o que o religioso deve fazer.

5. Que ele volte para a religião e retome os exercícios da sua vocação logo que as necessidades de seu pai ou de sua mãe cessem, ou por morte ou por qualquer outra forma.

Ah! Segundo a (?)²⁴ expressa de Nosso Senhor Jesus Cristo, deixemos os mortos enterrar os seus mortos. Amemos muito, mesmo muito, os nossos pais, compadeçamos-nos dos seus males, mas ensinemos-lhes sobretudo, a tirar proveito para o Céu das provações que Deus Nosso Senhor lhes envia.

Esses perigos podem nascer ainda desse pobre coração que se afeiçoa com tanta facilidade e com tanta força, às vezes tão apaixonadamente, a uma criança, a uma doente, a todas as pessoas que se interessam por ela, por pouco que seja, e que, julgando não poder viver sem uma afeição sensível, aspira sempre a amar e a ser amado.

Pobre coração! Às vezes, quando, depois de muito trabalho e ordinariamente de decepções, chegou, - ela pelo menos assim o crê, - a desprender-se das criaturas humanas e dessas amizades particulares de que já mostrámos todo o perigo, afeiçoa-se a uma ave, a um animal doméstico, que ela trata, que ela acaricia, de que não pode separar-se, e que ela chora quando a morte lho tira. Se uma tal afeição pelos animais é desarrazoada numa pessoa do mundo, muito mais o é ainda numa esposa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

III – Perigos provenientes da vontade

Esses perigos podem nascer da cobardia da vontade acostumada a flutuar entre o dever e o gozo e a examinar onde começa a falta e onde acaba o dever, para se permitir tudo aquilo que «é possível sem fazer um pecado». Como é que ela não há-de sucumbir às vezes, quando for oprimida pela paixão, ela que é tão pouco generosa quando se trata de afastar os pensamentos e os sentimentos que a perturbam durante a oração, e de evitar as ocasiões que, sem serem precisamente más, são perigosas?

²⁴ Palavra ilegível.

IV – Perigos provenientes dos sentidos

Esses perigos podem nascer dos sentidos, que parecem submetidos e que um nada basta para exaltar; que parecem num estado de morte e que um olhar, uma palavra, uma lembrança basta para electrizar. Oh! não vos fiéis nessa paz por que os vossos sentidos vos deixam, talvez já há alguns meses; não digais: sou feliz, nada me impressiona como dantes e, contando com essa insensibilidade que é apenas fictícia, não vades permitir-vos essa leitura fútil, divertida, um pouco mundana, que esconde para vós pensamentos de desgosto pela vossa vocação, essas demonstrações exteriores de amizade, que vão sobreexcitar em vós sensações que vos conduzem a desejos culpáveis, esse deixar correr na vossa atitude, nos vossos olhares, que darão entrada na vossa alma a uma multidão de pensamentos de que não podereis desembaraçar-vos senão com muita dificuldade.

Os sentidos nunca morrem; o que eles fazem é adormecer.

V – Perigos provenientes da própria Regra e do emprego

Esses perigos podem nascer:

1. Do próprio cumprimento da regra que o hábito leva a seguir por rotina.
2. Do emprego que se tem e que o cansaço leva a ser negligente nalguns dos seus detalhes.
3. Do conjunto, enfim, da vida religiosa, que se torna pesada, porque se perdeu pouco a pouco o fervor e se caiu na tibieza.

Estudemos rapidamente estas três doenças da alma, que podem atacar uma pessoa consagrada a Deus: a rotina, a negligência, a tibieza.

1º A rotina. A rotina consiste em proceder na comunidade como procede, sobre a estrada, uma máquina que é impelida; essa máquina é puramente passiva; ela vai, vem, avança, recua, unicamente porque é impelida. Há almas em comunidade que são assim; pouco enérgicas por temperamento, deixaram-se invadir pela preguiça e pelo descuido, e, como a regra dá à comunidade um movimento uniforme, elas seguem a corrente; vão à oração, ao ofício, ao recreio, ao trabalho, porque se vai... Elas operam sem reflexão, sem motivo, sem exame; quando um exercício acaba começam outro,

depois outro... eis tudo. A sua vida é maquinal, diz-se que é rotineira; talvez elas chamem a essa vida uma vida regular, mas não é verdade: uma vida regular é uma vida submissa, uma vida exacta, que tem um fim, conhecido e querido, um fim elevado, e a regularidade material não é senão um meio de atingir esse fim.

Esta maneira de viver tem graus, sem dúvida, mas em todos esses graus e, do maior ao menor, ela causa à alma um prejuízo imenso: “destrói todo o espírito interior e toda a devoção, impede o fruto das confissões e das comunhões, tira o mérito que dá a intenção a toda a boa obra feita em estado de graça e a todo o sofrimento suportado por amor de Deus, deixa a alma morrer de inanição”.

Sacode-te, pois, alma rotineira! Essa vida não é a duma religiosa, nem a duma cristã, nem mesmo a duma criatura racional. Antes de cada uma das tuas acções, diz com paz e calma: “Eu vou fazer esta coisa, desta maneira, por este motivo e, procedendo assim, quero contentar a Deus”.

2º A negligência nas pequenas coisas. Chamam-se pequenas coisas essas observâncias e essas prescrições que se encontram quase a cada instante do dia, que não exigem para ser cumpridas senão pouco tempo, cuja violação não forma, para cada uma delas, senão uma falta de pequena importância. Essas pequenas coisas encontram-se na ordem do dia: o levantar ao primeiro toque da campainha, a fidelidade em se dirigir aonde a campainha chama, a pontualidade em deixar o trabalho começado logo que a obediência manda, a marcha vagarosa antes que precipitada ao subir ou ao descer uma escada, o número de orações a fazer em determinada hora...

Elas encontram-se na atitude que exige que se caminhe habitualmente com os olhos baixos, que indica a maneira de nos sentarmos, de colocar as mãos, as pernas, os pés, de estar de joelhos ou de pé, de recitar as orações, de segurar o livro de ofício, de missa, de fazer as diferentes cerimónias prescritas para o coro, para o capítulo, de trazer este ou aquele vestido, de se vestir de certa forma...

Elas encontram-se na cela, a propósito da ordem que nela deve reinar, dos objectos que lá devem ficar; no refeitório, a propósito do momento em que se deve desdobrar o guardanapo, da maneira como se devem segurar ou colocar os objectos de que nos servimos...

Elas encontram-se nas relações mútuas de caridade ou de delicadeza: fórmulas a empregar quando se fala, quando se escreve, quando se faz um pedido à Superiora... Há

comunidades em que não se fala às irmãs senão chamando-as minha querida irmã, à Superiora senão dando-lhe os títulos de Reverenda Madre...

Elas encontram-se nas relações de amizade, proibindo mesmo que se toquem na mão mesmo por afeição, que estejam duas juntas durante o recreio, fixando as horas para irem à sala de visitas, o tempo de lá se demorarem, a maneira de lá se comportarem.

Todas estas observâncias são pequenas, não são senão laços imperceptíveis, mas unem entre si as pérolas dum colar; não são senão fios, mas unem entre si vários bocados de pano que, reunidos, formam um todo... Cortar um deles é pouco, mas é preparar uma desorganização que pode tornar-se geral, se não é detida.

A negligência nas pequenas coisas torna-se, entre as mãos do Demónio, um meio de sedução. Ele tem todo o cuidado de não propor à religiosa, que quer desviar do seu dever, faltas graves a cometer, desobediências formais, faltas sérias contra a santa pobreza; dir-lhe-á somente, ao impeli-la a algumas ligeiras infracções à sua regra, a algumas leves satisfações para aligeirar um pouco a sua vida, dura e penosa: É tão pouca coisa, e acostamá-la-á à desordem, à preguiça, à murmuração. É que o Demónio compreende melhor que nós o alcance deste oráculo dos livros santos: “Aquele que despreza as coisas pequenas cairá nas grandes faltas”,²⁵ e esta palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Aquele que peca nas coisas pequenas, pecará também nas grandes”.²⁶

A negligência nas pequenas coisas, que conduz necessariamente às pequenas faltas, ainda que não levasse uma religiosa às faltas graves, arrefece na sua alma o amor de Deus, o qual somente lhe faz sentir as alegrias da vida que abraçou, faz-lhe perder essa delicadeza de consciência que cercava a sua alma como que duma dupla sebe e a preservava dum grande número de quedas. Ela fortifica as inclinações opostas à lei de Deus que cada um de nós sente no fundo da sua alma, e essas inclinações acabam por arrastá-la sem que ela o suspeite. Ela leva-a a calcular, por assim dizer, com Deus, ligando-se ao que ela chama o essencial; e Deus por sua vez usa de reserva. Tu medes as tuas homenagens, a tua obediência, a tua fidelidade, pobre alma iludida, Deus mede a sua benevolência, a sua protecção, o seu amor... Tu recusas a Deus o que, segundo dizes, não lhe debes absolutamente e Deus recusar-te-á os auxílios privilegiados necessários à tua fraqueza nos dias da tentação e as graças de escolha reservadas aos seus amigos.

²⁵ Ecl 19, 1

²⁶ Lc 16, 10

A negligência nas pequenas coisas ocasiona pequenas feridas no vosso coração, no vosso espírito, nos vossos sentidos, feridas leves, sem dúvida, mas que, multiplicando-se, alteram o princípio da vida espiritual e ameaçam extingui-lo. Notai esta gradação: “o justo descuida-se e debilita-se; a graça diminui; o homem de pecado fortifica-se; o religioso enfraquece; o cristão desaparece”.

Sacode-te, pois, ó alma negligente; ah! se soubesses o que poderias ganhar sendo fiel nestas particularidades, nestas minudências de todos os dias que parecem passar despercebidas! Tu glorificas a Deus que vê em ti uma serva fiel e dedicada que cumpre a sua vontade até nos menores detalhes e que a cumpre com amor. Ah! É que é preciso amar muito a Deus para ser exacta e pontual em todas as coisas, para sacrificar, a um desejo expresso por Deus, uma satisfação legítima ou um trabalho começado, deixando, logo que a campainha toca ou o sinal se dá, uma obra que nos agrada, uma irmã cuja conversa nos interessa ou nos encanta, um livro que nos prende, e até uma carta principiada ou uma frase meio formada.

É preciso amar muito a Deus para lhe dar, a cada instante do dia e durante uma vida inteira, a vontade, os membros, as forças, os gostos particulares, porque tudo isso supõe uma alma heróica. Essa fidelidade constante às pequenas coisas não pode ser senão o resultado do espírito de zelo que não deixa escapar nenhuma ocasião de agradar a Deus e de O honrar, do espírito de renúncia que se presta a essa minuciosidade obscura em que os sacrifícios multiplicados pedem muito à natureza e não deixam nada à vaidade, do espírito de reconhecimento, que, comovido com a liberalidade de Deus para consigo, quer dar-lhe sempre mais, do espírito de humildade que, vendo a desproporção infinita entre o que pode a natureza e o que Deus merece, procura suprir, com a intensidade do amor e com a fidelidade de todos os minutos, a fraqueza das suas acções; finalmente, do espírito de força e de generosidade que, na atenção constante às pequenas coisas, quer fazer de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos outros tantos sacrifícios a Deus, a quem se deu, a quem se consagrou.

Tu santificas-te, e da maneira mais segura e mais inabalável, por isso mesmo é que fazes tudo, impelida pelo amor que tens a Deus. Não, decerto, não é a vaidade, não é o amor próprio que podem levar à fidelidade às pequenas coisas: é só o amor de Deus, porque só Ele vê e aprecia o que tu fazes, e o trabalho que te custa, que tu fazes.

De resto, tu bem sabes que uma acção não é realmente grande e, sobretudo, santificante, pelo ruído que produz, pelo brilho que tem, mas pela intenção com que se faz, pelo movimento da graça que a inspira, pela aprovação que Deus lhe dá e pelo valor que Ele lhe quer ligar.

Sê, portanto fiel, boa serva de Deus, e um dia Deus, teu Senhor, te dirá: Eu contei tudo e vou recompensar tudo. Os teus sacrifícios eram leves, mas tu os multiplicaste; as tuas acções não ofereciam aos olhos dos homens senão fracas aparências, mas o teu amor e a tua constância as tornaram dignas de mim: Entra no gozo do teu Senhor.

3. A tibieza. A tibieza, resultado quase inevitável da negligência das pequenas coisas, é uma falta de coragem, de força, de zelo, de boa vontade, sobretudo, no cumprimento dos nossos deveres.

É o estado duma religiosa que quer, sem dúvida, ser uma boa religiosa, que ficaria mesmo admirada se lhe dissessem que não o é, mas que não emprega meio nenhum para o ser. Ela está como que atacada duma espécie de letargia espiritual, que a deixa insensível às instruções, aos exemplos, às repreensões. Ela enfada-se na oração, que a cansa com a sua longa duração e com a sua monotonia; ela arrasta-se no trabalho, que não faz senão à força; ela surpreende-se a si própria durante longos momentos com o olhar vago e o conjunto do corpo abatido; assiste a todos os exercícios, mas sem dar conta do que se passa.

A sua alma é esse campo do preguiçoso, todo em desordem e todo coberto de silvas e espinhos, essa figueira estéril, que não produz senão folhas, esse caminho em que as ervas más sufocam as inspirações da graça, os remorsos da consciência, os bons exemplos dos outros, essa estátua, enfim, que tem ouvidos mas que não ouve, olhos mas que não vê, uma boca mas que não ora, um coração mas que não palpita por Deus. Ouvi o retrato que Cassiano faz do religioso caído na tibieza: ele teme e odeia o retiro, enfada-se na sua cela, despreza os seus irmãos, trabalha com preguiça, não tem receio nem inquietação pela sua negligência nos deveres da religião, é escravo da sensualidade, entrega-se à dissipação exterior, ocupa-se dos negócios do mundo, gosta das conversas ociosas, recebe com pena os avisos caritativos que lhe dão e procura pretextos para não os seguir, suporta com dificuldade o jugo da disciplina, conserva uma afeição desordenada pela sua casa, pelos seus bens, pelos seus pais, e permite-se familiaridades

perigosas”. De tempos a tempos, a religiosa tibia experimenta abalos que parecem conduzi-la a Deus: é durante um retiro, é em presença da morte duma companheira, é quando a casa está ameaçada duma epidemia... Mas este abalo para o bem não é senão passageiro, ela volta depressa ao seu estado. Afinal de contas, diz ela, eu não cometo faltas graves, e, de facto, dificilmente encontra, quando se confessa, uma falta bem determinada a acusar: são “distracções na oração, um pouco de preguiça no trabalho, algumas leves faltas de caridade...” Ela não vê mais nada; não é tentada, não tem nenhuma inquietação. E (?)²⁷ não há nada de surpreendente; o Demónio não tem necessidade de a impelir para o abismo, ela vai sozinha para lá.

É triste, muito triste este estado de tibieza, mais triste, num sentido, que o estado de pecado mortal. “*Provera a Deus*, diz o Espírito Santo à alma tibia, *provera a Deus que fosses completamente fria*”. Um pecado mortal, que te humilhasse profundamente e te mostrasse o inferno aberto a teus pés, espantar-te-ia e conduzir-te-ia, ao menos pelo temor, a esse Deus de quem te afastaste; mas a tua tibieza deixa-te indiferente perante o pensamento da condenação eterna, insensível às exortações que perturbam as tuas companheiras mais piedosas; ela te diz e tu aceitas estas palavras sem (?)²⁸: “Isso não é para ti”. A tua tibieza faz dizer a Deus uma dessas palavras que uma boca humana dificilmente ousaria pronunciar: “Eu vou vomitar-te...” Oh! É preciso que esse estado seja muito repugnante, porque Deus, que procura os pecadores com solicitude, que os recebe com ternura, que se senta como um amigo à sua mesa, que os abraça até como abraçou Judas, deve experimentar por ti, alma tibia, um tal desgosto que, apesar do seu amor, não pode suportar-te e está prestes a vomitar-te como se vomita um alimento que pesa no estômago. Estudemos rapidamente os efeitos da tibieza.

1º *Ela é o princípio duma enfermidade espiritual quase incurável*. Para curar uma doença é necessário conhecer a sua natureza e a sua gravidade e, pelo menos, senti-la; ora, a alma tibia não se julga tibia, irrita-se se lhe fazem ouvir que poderia sê-lo; por isso S. Bernardo estava persuadido de que “a conversão dum homem do mundo, por mais perverso que fosse, ofereceria menos dificuldade do que a duma religiosa tibia”.

2º Ela expõe-se ao perigo de pecado mortal e, o que é mais terrível, a viver em pecado mortal. Como a alma tibia comete facilmente, e quase sem remorsos, um grande número de pecados veniais, sente diminuir pouco a pouco o temor da ofensa de Deus.

²⁷ Palavra ilegível.

²⁸ Palavra ilegível.

Ela chega ao ponto de entreter a sua imaginação com pensamentos sensuais que se tornam facilmente impuros; de dar aos seus sentidos liberdades que se tornam facilmente culpáveis; de hesitar temerariamente entre a resistência e o consentimento na tentação: isto é, com certeza, permitido, isto não é permitido... E, quando vem a dúvida, se teve prazer ou não, forja para seu uso princípios fáceis, ou antes, cria razões evasivas para desculpar as suas faltas... Ah! não esqueçamos o oráculo que não engana: “Aquele que ama o perigo perecerá nele; aquele que despreza as pequenas faltas cairá nas grandes”.

Ela se expõe a uma morte pouco cristã. A morte, dizem todos os santos, é o eco da vida, e seria um prodígio morrer no fervor quando se passou a vida na tibieza. À aproximação da morte, a religiosa tibia não tem nenhum desejo do Céu; a terra prende-a com mil laços, ela não tem senão uma preocupação: curar-se. E, quando chega a hora dos últimos sacramentos, quando compreendeu que já não havia esperança de viver, oh, sem dúvida ela reza, recomenda-se a Deus, à Santíssima Virgem, ao seu Anjo da Guarda, humilha-se, pede perdão; suplica às suas irmãs que orem por ela; faz generosamente o sacrifício da sua vida, mas, como a lembrança da sua tibieza e da sua pouca dedicação deve enfraquecer a sua confiança! E diante de Deus! Diante do teu Deus que tão mal serviste, que, apesar disso, te ama porque permitiu que reconhecesses e deplorasses o teu erro, ó pobre irmã, que confusão, que pesares! E que dura expiação nas chamas do Purgatório. Sacode-te, pois, dir-te-ei pela terceira vez, alma que deixaste que a tibieza te invadisse. Foi pela negligência das pequenas coisas que esse mal começou em ti; sê fiel, fiel até à minúcia a todos os pequenos pontos da regra; é pela preguiça no teu trabalho e pela negligência em cumprir os teus deveres de todos os dias; é pela falta de submissão, pela falta de respeito para com os teus superiores que esse mal veio; torna-te activa, laboriosa, submissa, respeitosa; pede todas as tuas licenças, não permitas a ti mesma a menor falta, ainda que fosse preciso durante algum tempo fazer sobre ti uma verdadeira vigilância.

Ora, sobretudo. Ora muito; sem isso não conseguirás nada; sê franca e sincera nas tuas relações com a tua superiora e com o teu confessor, a quem darás parte da tua resolução, a quem tu pedirás que te ajude com firmeza, e a quem prestarás contas dos teus esforços, das tuas quedas, da tua coragem, da tua cobardia.

Castiga-te à mais pequena infracção; procede contigo como com uma criança rebelde, caprichosa, voluntariosa que te encarregam de dirigir.

Mas talvez seja necessário precisar bem os sinais da tibieza. Algumas almas tímidas atemorizam-se facilmente porque se sentem abatidas e sem gosto, e julgam-se túbias, e têm medo de Deus. Eis algumas particularidades que as esclarecerão:

Estar distraída nas orações, mas afligir-se com essas distrações e empregar os meios para as evitar e para as diminuir, não é ser túbia.

Experimentar muito desgosto pela oração e muita secura na comunhão, muito enfado durante a meditação, mas não deixar nem a oração, nem a comunhão, nem a meditação; fazê-las à hora querida, durante todo o tempo querido, e não se despeitar com o pouco resultado que se retira, não é ser túbia.

Cometer faltas, mesmo pouco tempo depois da confissão, mas arrepender-se imediatamente; deixar-se levar a dizer palavras vivas, a ter impaciências, mas humilhar-se e castigar-se; sentir-se egoísta, vaidosa, preguiçosa, mas reagir contra essas funestas tendências, não é ser túbia.

Tudo isso é a luta, é a vida, é o encaminhar-se para o Céu.

Fazer mal as suas orações por sua culpa, por desgosto, por negligência, omiti-las sem remorsos, é um princípio de tibieza.

Fazer leituras, não nos livros mais capazes de instruir, de iluminar, de comover, de conduzir a Deus, mas naqueles que não têm por fim senão recrear e divertir; fazer os seus exames à pressa, sem desejo de se reconhecer e sem desejo de se corrigir; confessar-se vagamente, sem exactidão, sem pesar da suas faltas e sem propósito de se corrigir; comungar sem preparação especial, mas só porque os outros comungam, porque não se ousaria ficar sem a comunhão, passar o dia da comunhão sem (?)²⁹ ocupar da felicidade que se teve pela manhã, são provas da invasão da tibieza.

Gostar de saber novidades, entregar-se à dissipação, não reter os olhares nem suprimir a mania de falar, alimentar um certo desgosto das coisas de Deus e não se inquietar com isso, não querer ter falta de nada, não querer sofrer nenhuma pena nem nenhum constrangimento, impacientar-se à menor contrariedade, cometer faltas leves e temer mais as humilhações que as seguem do que a ofensa a Deus, não ter em nenhuma

²⁹ Palavra ilegível.

conta, nem as inspirações da graça, nem os avisos dos superiores; são provas do estado de tibieza.

Depois do que acabais de ouvir, compreendereis com mais força estas palavras que há pouco vos dizia: Não estejais nunca sem esse temor filial, Dom do Espírito Santo, que vos tornará vigilantes, tímidas, delicadas, fiéis à oração, humildes para receberdes uma repreensão, fortes para resistirdes a todas as seduções e a todas as tendências desordenadas, prudentes para distinguides todas as ilusões e descobrires todos os perigos.

VI - ILUSÕES SOBRE O VALOR PESSOAL

São frequentes e tenazes as ilusões sobre o nosso valor pessoal! Nem a idade, nem a experiência, nem as decepções as dissipam por completo; e elas perseguem-nos até no nosso leito de morte.

No deserto, longe de todas as vistas humanas, o solitário surpreende-se a ouvir com complacência este pensamento: “Eu valho, em verdade, alguma coisa”; e, se viver com um companheiro, ainda que seja o seu superior, surpreende-o ainda este pensamento a despontar no seu espírito: “Eu valho, sem dúvida, tanto como ele”. Feliz quando não diz como o fariseu do Evangelho: *“Eu vos dou graças, meu Deus, por não ser como os outros homens, que são injustos, ladrões, sensuais, nem mesmo como aquele que está ali ao pé de mim”*.

Pobre, pobre natureza humana! *“A vaidade está tão entranhada no coração do homem, diz Pascal, que um marujo, um moço de fretes, um varredor das ruas gaba-se e quer ter admiradores; e os filósofos também querem; e aqueles que escrevem contra a glória querem ter a glória de haverem escrito bem; e aqueles que os lêem querem ter a glória de os haver lido bem; e eu, que escrevo isto, tenho talvez esse desejo; talvez aqueles que me lerem o tenham também”*.

E, contudo, ouvi o oráculo que nunca se engana:” Sem mim, vós não podeis nada.³⁰ Oh, quantas coisas nessa nada! Quando tiverdes feito tudo o que deveis fazer, disse: somos servos inúteis.³¹

Ouvi S. Paulo comentando as palavras do seu Senhor: “Que tendes vós, que não tendes recebido? E, se recebestes tudo, porque vos gloriáis como se não o tivésseis recebido?”.³²

Ouvi S. João da Cruz, falando de si, de vós, de todos os homens, segundo a luz que ele tinha recebido numa das suas meditações.

Eu não sou nada. Eu não posso nada. Eu não valho nada. Eu não mereço nada. Não me devem nada. Ao nada, não é preciso nada. O nada não pede nada. O nada não presta para nada. O nada não é digno de nada. O nada não se queixa de nada. O nada

³⁰ Jo 15, 16

³¹ Lc 17, 10

³² 2 Cor 4, 7

não se ofende com nada. O nada não se admira de nada. O nada não se perturba com nada. O nada não é próprio para nada. O nada não ambiciona nada. O nada não despreza nada. O nada não pode nada. O nada não considera nada. O nada não se contenta com nada. O nada não aspira a nada. O nada não toma gosto a nada. O nada não desaprova nada. O nada não é ferido por nada. O nada não tem inveja de nada. O nada não se incomoda com nada. O nada não toma parte em nada. O nada não sustenta nada. O nada não se apega a nada. O nada não se escandaliza com nada. O nada não julga nem condena nada. O nada não teme nada. O nada não deseja nada. O nada não se apodera de nada. O nada não se (?)³³ com nada.

Ouvi o Cura d'Ars dizendo de si com muita graça e com uma convicção bem sincera: “Serviram-se, para formar o Cura d'Ars, duma pata, duma perna e dum escaravelho.

Ouvi S. Francisco de Sales, dizendo daqueles que receberam de Deus a inteligência, a beleza, o saber: *“Ai, as mulas deixam de ser animais pesados e feios por serem carregados com os móveis preciosos e perfumados dum rei?”*.

E, do mesmo modo, numa carta a Santa Chantal: “Eu quisera que me conhecêsseis bem - vós dizíeis: Eis uma cana sobre a qual Deus quer que eu me apoie: eu estou bem seguro porque Deus o quer, mas, contudo, a cana não vale nada. Elogiam o bem que fazem as minhas pregações, escrevia ele ainda, mas ai!, eu sou como o criado de mesa encarregado de trincar, que distribui tudo pelos outros e não toma nada para si; como um alaúde que é surdo ao seu próprio som, como a escada que faz subir os outros até onde ela não pode ir, como as tabuletas que convidam os viajantes a entrar para comer um bom pitéu, ao passo que elas passam a noite ao frio e à chuva.

Ouvi a Imitação de Jesus Cristo dizendo-vos, por ocasião da vossa entrada em religião: Tu não vieste aqui para mandar mas para obedecer; para ser servida, mas para servir. Recorda-te de que és chamada a trabalhar e a sofrer e não a não fazer nada ou a sofrer nada. Aqui as almas provam-se como ouro na fornalha; aqui ninguém deve ter esperança de ficar, a não ser que queira, de todo o coração e por amor de Deus, viver nas humilhações...Queres aprender alguma coisa que te sirva? Gosta de ser desconhecida e tida na conta de nada.

³³ Palavra ilegível.

Eis as ideias verdadeiras do nosso valor pessoal. Nada de nós, nada nosso, tudo nos é emprestado por Deus. Orgulhar-se e glorificar-se é uma mentira e é um roubo.

“Quando nos louvarem, dizia S. Catarina de Sena, compreendei que não se fala de vós, mas dos dons do Senhor”.

Um vaso de barro, ainda que estivesse cheio de pedras preciosas, deixaria por isso de ser feito de terra e de lodo? Um homem que não vive senão de empréstimos e de esmolas pode orgulhar-se do que tem?

Oh, como são verdadeiras estas palavras: “para ser humilde basta ter bom senso; e como o Pe. Lacordaire tinha razão para afirmar que *“a humildade é uma grande parte do senso comum”*”.

Não prolongaremos estas citações que poderiam ser prodigiosamente multiplicadas, tanto os Santos estavam convencidos do desprezo que mereciam. Nem todos exprimiram publicamente os sentimentos que tinham da sua fraqueza e da sua nulidade, mas todos pensaram o que S. Vicente de Paulo dizia aos seus frades: *“Se vós conhecêsseis as minhas misérias, vós me expulsaríeis da Congregação para a qual eu sou uma carga, que eu desonro e a que eu faço mal”*.

Vamos expor:

1. Efeitos das ilusões sobre o valor pessoal

Os efeitos das ilusões sobre o valor pessoal, fruto do orgulho, são numerosos: são muito prejudiciais à alma que eles tornam abominável aos olhos de Deus diz S. Basílio e para a qual são como uma peste que corrompe tudo nela; são muito prejudiciais à comunidade em que introduzem a perturbação e a divisão e destroem o espírito de família.

Eis a rápida enumeração dos principais efeitos:

1. Preferir-se aos outros, desprezá-los, desdenhar deles interiormente e manifestar-lhes esse desdém em todas as ocasiões.

2. Ser tenaz nas suas ideias, contestando em tudo e com todos, não confessando nunca que se enganou, ainda que se saiba, bem no fundo da alma, que se enganou realmente.

3. Ter sempre observações a fazer a propósito de tudo o que se diz ou se faz na casa: duma mudança material, duma reparação, duma advertência... Basta que não se tenha sido consultado para declarar mau o que se faz.

4. Falar muito de si para mendigar um cumprimento, para mostrar a sua superioridade.

A palavra eu está sempre nos lábios da irmã orgulhosa; é sempre dela ou da sua família ou das suas amigas do mundo que ela se entretém; sempre ela ou os seus que ela gaba, que ela desculpa, que ela acha perfeitos.

5. Receber as observações de má catadura, com um silêncio afectado, com um ar de desprezo; responder e justificar-se com vivacidade e impertinência; retirar-se com altivez e ir contar às outras, exagerando, tudo o que foi dito.

6. Ser invejosa do sucesso duma companheira e dos louvores que se lhe dão, da piedade que ela mostra e que realmente tem, das graças que Deus lhe concede e da confiança que os superiores lhe testemunham; regozijar-se, pelo menos interiormente, de ver essa companheira alvo de invejas, humilhada por ser mal sucedida, por uma áspera conversa, pela importância de trabalhar em que Nosso Senhor a colocou.

7. Temer, por respeito humano, parecer piedosa, regular, sobretudo submissa, ou, por um efeito contrário, para se fazer admirar e invejar, ser a mais pontual, a mais exacta, a mais laboriosa.

8. Não obedecer, nem prontamente nem de boa vontade, porque não se estimam as superiores, dizendo que elas não estão à altura da sua posição, porque se persuade de que é mais prudente e mais avisado afastar-se das suas ordens do que segui-las, porque se gosta mais de tomar um certo ar de independência, porque se ama a própria liberdade.

9. Ocupar-se muito de se fazer valer, com os cuidados minuciosos que se tem do arranjo exterior do vestuário, com os objectos de luxo que se trazem, relógio de ouro, medalha preciosa, livro ricamente encadernado, com a sua maneira de andar, de falar, de orar, procurando em tudo e em toda a parte atrair a atenção

10. Impacientar-se à menor contrariedade e irritar-se contra tudo e que vai de encontro à sua maneira de ver, contra uma superiora que recusa uma licença, contra um confessor que exige um sacrifício que não se quer fazer, contra uma companheira que não procede como se quieria, que tem a desgraça de contradizer o que se afirmou,

contra as pessoas que nos são confiadas porque elas não fazem tudo o que se lhes diz e como se lhes diz.

11. Ser ávida de conhecer as coisas que não lhe dizem respeito: no que faz uma determinada irmã, com quem está ela na sala de visitas, porque é que a superiora a chamou, o que dizem duas irmãs que estão juntas. Empenhar-se para descobrir todos os pequenos registos da casa, a fim de poder divulgá-los, e ter a reputação de estar bem informada.

12. Desculpar-se sempre, e a cada observação, quer seja feita pela superiora, pelo confessor ou por uma companheira antiga, e não querer nunca reconhecer que não se tem razão; queixar-se de que todas se levantaram contra nós, porque não nos deixam passar nada, enquanto não se diz coisa alguma a outras mais culpadas do que nós; entrincheirar-se, pelo menos, nas intenções que se tiverem e que dizem ser conhecido só de Deus, bastam para justificar e para consolar.

13. Ser hipócrita, isto é, abandonar-se em segredo a paixões que não se podem dissimular aos próprios olhos, e esconde-las sob as aparências da virtude; é último grau do orgulho.

14. Mostrar-se duma grande susceptibilidade, ver quase sempre nas palavras e nas atitudes dos outros injúrias que nos fazem ou que nos preparam, tomando à má parte tudo o que nos dizem ou tudo o que nos fazem, ofendendo-se com uma palavra ouvida, com um gesto empreendido, com uma maneira de fazer, que contrariam, exasperando-se, zangando-se e, às vezes, deixando-se ir até ao arrebatamento.

15. Irritar-se com tudo o que nos outros não é como se quisesse e queixar-se de toda a gente, exprobrar a uma o seu carácter singular, a outra o seu ar pretensioso; a outra o seu génio triste, àquela a sua muito grande alegria e jovialidade; “ver sempre uma palha no olho daquelas que Deus Nosso Senhor deu por companheiras e não ver uma trave no seu próprio olho”.

16. Não deixar passar nada a ninguém, porque se crê sempre ferida por tudo o que a contraria: é uma palavra que escapou durante o recreio e que se considera como uma injúria, é uma recusa que se recebeu e que se considera como uma afronta, é uma contradição que não se pode suportar, é uma falta de atenção que não esquecerá.

17. Estar habitualmente descontente de tudo e de todos; não nos fazem justiça, não nos têm no devido apreço, não se servem de nós, não nos pedem nunca conselho.

18. Exagerar as suas penas, os seus incómodos, os seus abandonos; sofre-se da parte de toda a gente: dos superiores, do confessor, das companheiras, do emprego, do tempo, das enfermidades, da idade..., e ninguém se compadece dos vossos sofrimentos; deixam-vos de lado, esquecem-vos, abandonam-vos; e, contudo, não merecemos este tratamento. Ah, se nós tivéssemos sabido!...

19. Desconfiar de todos e fazer gala disso, atribuindo essa falta de humildade à penetração do espírito que faz conhecer quão poucas amigas sinceras, rectas, francas, há nas comunidades. Se todas fossem como elas, dizem essas almas orgulhosas; elas vão bem, elas, mas as outras! Elas enganam, elas atraíam... por isso guardam tudo só para elas!

20. Viver amuada depois duma observação, duma recusa, duma censura, passar dois dias inteiros sem se sorrir, sem dar um ar da sua graça, sem proferir uma única palavra, mostrando um rosto frio, seco, hirto, e responder secamente a uma palavra de afeição: “Deixe-me em paz, eu bem sei o que hei-de fazer”. Estes ataques de mau génio não são senão acessos de orgulho.

21. Falar com afectação do trabalho que se tem a fazer, do cansaço que se experimenta, do pouco tempo que se tem para tomar fôlego, do pouco auxílio e alívio que é dado, dizer muitas vezes que não se aguentará por muito tempo num trabalho tão incessante, e repetir, a todas as exprobrações que são feitas sobre a pouca exactidão nos exercícios ou a todos os pedidos dum serviço a prestar, “que não se tem tempo”.

22. Exigir mais que os outros, quer quanto aos cuidados do corpo, o alimento e o vestuário, quer quanto às dispensas, sob pretexto do cargo que se ocupa ou do emprego que se exerce; dar ordens às inferiores, às irmãs mais novas ou àquelas que estão no mesmo emprego, num tom rígido, áspero, imperial.

23. Acusar-se às vezes para obrigar os outros a fazer o vosso elogio, dizer todo o mal que se acha numa acção para se ouvir dizer aos outros que nada podia estar mais bem feito, pedir com instância que nos dêem a conhecer os nossos defeitos e zangar-se com aquela que teve a simplicidade de no-los dizer; chama-se a esta maneira de proceder: humildade de gancho.

24. Prodigalizar os conselhos, mas nunca pedi-los, pelo menos com sinceridade, desprezar os conselhos que nos dão e achar estranho e ousado que se arrisquem a dar-no-los.

25. Revoltar-se e inteiriçar-se contra toda a reprimenda, sob pretexto de que elas fazem desanimar e até cair no desespero; que já não devem ser tratadas como crianças, que, às religiosas antigas e que têm experiência, a consciência basta.

Detenhamo-nos nesta lista, já longa, das pretensões do orgulho. Qual de nós, sondando o seu coração, não poderia ainda prolongá-la?

2. Remédios para as ilusões sobre o valor pessoal

O **remédio principal**, remédio universal para todas as doenças da alma, aquele sem o qual os outros não têm senão uma eficácia passageira e sem proveito para o Céu, é a oração de todos os dias pedindo a Deus a humildade, a oração unida às reflexões sobre o vosso pouco valor pessoal.

Façamos, na presença de Deus, as seguintes considerações e deixemos que elas penetrem bem fundo na nossa alma:

Qualquer que seja o meu estado actual, posso eu saber o que serei amanhã, e talvez esta tarde, esta noite? Para cair num pecado mortal, que me é preciso? Uma tentação violenta, que pode sobrevir dum momento para o outro, e uma falta de recurso a Deus... Oh, se eu vos esquecesse, ó meu Deus! E se Deus não me concede uma graça particular, eu posso esquece-Lo! Ah, que profundidade nestas palavras de S. Filipe Nery: “Desconfiai de mim, Senhor, porque, se não me valerdes, eu sou capaz de vos atraiçoar”.

Se estou em estado de graça, posso decair desse estado, e decair de tal modo que resvale nas mais monstruosas desordens e não saia jamais desse horrível abismo. É a fé que me ensina estas verdades, e a experiência, ai, não faz senão confirma-las em demasia.

Quem jamais teria imaginado que Salomão, o mais sábio dos homens, pudesse tornar-se insensato a ponto de adorar os ídolos mais vergonhosos? Quem jamais teria imaginado que David, tão piedoso e tão santo, David, o depositário dos segredos de Deus, ao primeiro olhar dirigido sobre um objecto ilícito, cairia num crime escandaloso, cometeria um homicídio, permaneceria um ano inteiro no seu pecado sem pensar sequer que era pecador? Quem teria dito que S. Pedro, depois de ter feito ao Divino Mestre, e

com tanta sinceridade, mil protestos de amor, pudesse chegar ao extremo de O negar e de sustentar a sua perfídia com imprecações e juras?

Ah, quanto são verdadeiras estas palavras de S. Agostinho: “Não há crime cometido por uma criatura que eu próprio não possa cometer se Deus me desamparar um só instante!” E Deus pode desamparar-me para me castigar pelas minhas infidelidades! Estou como que suspensa por cima do abismo dos mais enormes pecados e dos mais enormes suplícios! E terei a loucura de desprezar as minhas irmãs, a loucura de me queixar duma falta de atenção em que a toda a hora estou em perigo, de me tornar indigna de viver com elas!

Meu Deus, Meu Deus, guardai-me!

O **segundo remédio** contra as ilusões sobre o valor pessoal é o hábito da reflexão sobre a natureza e os *efeitos da humildade*.

O **terceiro remédio** contra as ilusões sobre o valor pessoal é a *prática dos actos de humildade*.

Eis alguns:

1. Ter um desprezo interior por tudo o que tem brilho e aparato, por tudo o que tem o ar de grandeza, como sendo oposto ao estado de Jesus Cristo, que é um estado de humildade e de aniquilamento.

2. Ter, pelo contrário, muita estima e respeito por tudo o que traduz pobreza e humildade, como são as pessoas pobres, as casas pobres, etc., porque tudo isso tem mais relação com o estado pobre e humilde de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. Não procurar nem o conhecimento nem a amizade, nem o favor dos grandes do mundo e das pessoas de categoria, conversar mais de boa vontade com os pobres do que com elas, trabalhar mais de bom grado na salvação dos pecadores do que na dos ricos e dos grandes, porque há menos perigos, mais facilidade e um maior proveito a esperar.

4. Não se ingerir nos empregos ou nos negócios de brilho, que podem atrair consideração, mesmo sob pretexto de zelo, a não ser que a glória de Deus, a caridade ou a obediência convidem isso.

5. Quando se é obrigado a entrar nos negócios, tomar sobre si o que é mais custoso e menos honroso, e proceder de maneira que o êxito seja atribuído a outrem do que a nós.

6. Não falar senão o menos possível de si, não dizer nada em seu proveito, e não contar nunca o bem que se faz, a não ser que a necessidade ou a edificação do próximo a isso obrigue.

7. Não fazer nunca o bem com os olhos nas criaturas, nem para lhes agradar, nem para atrair a sua estima, não tendo em vista senão agradar a Deus.

8. Não fazer grande caso de todo o bem que se pode fazer receando sempre que a falta de pureza de intenção, o desejo de agradar aos homens, o génio e o amor próprio se misturem com as nossas melhores acções e tornem muitas vezes abomináveis aos olhos de Deus o que nos atrai a estima e a aprovação dos homens; e ainda quando se tivesse feito tudo o que se deve (e quem ousaria lisonjear-se de ter feito tudo o que deve?) julgar-se, segundo o conselho de Jesus Cristo, um servo inútil.

9. Fazer de mais boa vontade o bem que está escondido do que aquele que é manifesto.

10. Estarmos contentes com os poucos talentos que Deus nos deu e com o pouco êxito que temos nos nossos trabalhos e nos nossos empregos, persuadidos de que glorificamos muitas vezes mais a Deus com a aceitação da nossa abjecção do que o faríamos com êxitos que nos tornariam vãos e orgulhosos.

11. Evitar louvores tanto quanto possível, temê-los mesmo muito, e recebê-los com confusão e com custo, apreendendo que esses vãos louvores não sejam toda a recompensa das nossas boas acções, que eles não nos façam perder a recompensa eterna, e que, enfim, a aprovação dos homens, se nós a procurarmos ou se nos comprazermos nela, atraia sobre nós a condenação de Deus.

12. Quando Deus permite que nós tenhamos êxito, quanto maior ele for, tanto mais é preciso humilharmo-nos, confundirmo-nos e admirarmo-nos ao mesmo tempo de que, para fazer resplandecer o seu poder, Ele se digne servir-se de instrumentos tão fracos como nós, referir-Lhe toda a glória sem reservar para nós a menor parte, sem nos deixarmos ir à menor complacência, recordando-nos das palavras de Nosso Senhor aos seus discípulos: o êxito que tivestes não é o que deve fazer o objecto da vossa

complacência, mas sim, antes a esperança que deveis ter de que os vossos nomes estejam escritos no Céu.

13. Quando somos humilhados e desprezados, bem longe de nos afligirmos e de desanimarmos, devemos regozijar-nos com isso e amar a nossa abjecção, e fazer dela, de algum modo, para nós, um motivo de complacência, porque estamos então num estado de conformidade com Jesus Cristo humilhado e aniquilado.

Eis, como conclusão, os conselhos dados pelo P. Agrícola a uma religiosa que lhe expunha as suas tentações de vaidade, de amor-próprio e de complacência de si mesma:

1. Quando o demónio do orgulho vos sugerir que tendes mais espírito, mais talento, mais penetração, mais inteligência, mais luz, mais capacidade, mais destreza, mais habilidade, mais *savoir-faire* que as outras, dizei de vós para vós: Ai, tudo o que há e tudo o que pode haver em mim, de bom, não vem de Deus? Não foi da sua bondade que eu o recebi? Não é a Ele que eu devo dar graças? Não é para a sua glória e para a minha salvação que eu devo servir-me disso? E, se eu faltar neste ponto, não será forçoso que preste contas, no grande dia do juízo, ao Supremo Juiz que mo deu?

2. Quando ele vos sugerir que pensais melhor e mais espiritualmente, que falais mais correctamente e com mais sensatez, que procedeis com mais prudência e mais tacto, dizei interiormente: Onde está o meu espírito e o meu bom senso? Em que o faço eu consistir, e qual é a minha pretendida sabedoria? Eu ofendo todos os dias a Deus por pensamentos e por obras e (?)³⁴ o meu modo de pensar, de falar e de proceder?

3. Quando ele vos representar a estima e o caso que fazem de vós, a honra e o respeito que vos dedicam, a atenção e a amizade que têm pela vossa pessoa, dizei de vós para vós: De que me servirá agradar às criaturas, se tiver a desgraça de desagradar ao meu Deus? Tudo é vaidade sobre a terra, excepto somente amar a Deus e servi-Lo. Ah, se me conhecessem!

4. Quando ele quiser insinuar-vos que fazeis honra à vossa comunidade, ao vosso Instituto, à vossa família, ao vosso cargo e aos vossos empregos, dizei interiormente: Não é o bem que vejo em mim que me há-de justificar, mas as virtudes que tiver praticado, os deveres do meu estado que tiver cumprido. Os homens julgam

³⁴ Palavra ilegível.

segundo as aparências, mas Deus, que sonda os corações e os rins, julga segundo a verdade.

5. Quando ele quiser persuadir-vos de que tendes proibidade, mérito, rectidão, religião, pensai que muitas vezes merecestes o inferno, que não estais sem defeitos nem sem imperfeições, que tendes falta de amor por Deus e de caridade para com o próximo em muitas ocasiões.

6. Quando ele vos insinuar que tendes mais nobreza, mais educação, mais préstimo, mais graças, mais delicadeza, mais boas maneiras que as outras, dizei: ai, todas essas vantagens da natureza e da fortuna não servem as mais das vezes senão para ofender a Deus, senão para vos tornar culpadas a Seus olhos, senão para vos fazer perder a graça e o Céu, senão para merecer o inferno. São esses outros tantos escolhos para a salvação.

7. Quando o Demónio quiser afligir-vos, tornar-vos tristes, por vos terem recompensado mal, por vos terem repreendido e censurado, dando interpretações más às vossas boas obras e às vossas intenções, embora puras, dizei: “Eu vos dou graças, Senhor, porque me tratais como tratastes os vossos Apóstolos e os vossos Discípulos; eu vos bendigo por me reservardes a recompensa para a outra vida”.

8. Quando ele quiser induzir-vos a cumprir o vosso dever e a praticar boas obras para serdes vistas e conhecidas, para passardes por meninas piedosas e virtuosas, dizei: retira-te, Satanás, eu não quero outra testemunha senão Deus, eu não quero trabalhar senão para a sua glória; é só esse o meu último e principal fim.

9. Quando vos aplaudirem, quando vos louvarem e quando vos fizerem elogios, dizei: não é a mim, Senhor, que a honra e glória são devidas; mas só a Vós, me Deus, e ao Vosso santo Nome.

10. Quando ele vos inspirar a arranjar-vos com alguma espécie de afectação ou com um pouco mais de (?)³⁵ do que vós fazeis, dizei interiormente: uma virgem cristã não deve procurar outro ornamento senão o da virtude; todo o seu empenho deve ser revestir-se de Jesus Cristo, da sua humildade, da sua paciência, da sua modéstia, da sua doçura.

³⁵ Palavra ilegível.

VII - HUMILDADE

Vamos expôr seguidamente:

1º A natureza e o fundamento da humildade;

2º Os efeitos da humildade;

3º As condições da humildade.

1º - Natureza e fundamento da humildade

A humildade é uma virtude que, fazendo-nos conhecer a nós mesmos tais como somos na ordem da natureza e na ordem da graça, leva-nos a considerar-nos indignos da estima dos homens e da aprovação dos homens.

A humildade é a fraqueza duma alma recta que não quer senão o que ela conhece como verdadeiro, que quer e ama o que é verdade, mesmo quando a verdade a humilha.

A humildade é fundada:

1º *Sobre a nossa qualidade de natureza*, estabelecendo uma desproporção infinita entre a grandeza de Deus e a nossa baixeza, entre o poder de Deus e a nossa impotência absoluta. Esta qualidade mostra-nos a verdade destas palavras que resumem a doutrina de S. João da Cruz: “Eu não sou nada, eu não tenho nada, eu não posso nada. O meu espírito, Deus, que mo deu, pode tirar-mo; os meus membros, os meus sentidos, os meus bens naturais e sobrenaturais, Deus, que mos deu, pode arrebatá-los, e isto sem nenhuma injustiça.

2º *Sobre a nossa qualidade de pecadores*, pecando, nós descemos, degradamo-nos abaixo de tudo o que há de mais miserável, mesmo abaixo da lama, do lodo da terra, que tem, sobre nós, a honra de não se ter levantado contra Deus, contra o seu Criador.

Todo aquele que reflectir seriamente não tem dificuldade em constatar o seu estado de nada; e compreende-se que S. Tomás de Aquino, uma das inteligências mais altas que tem havido no mundo, houvesse podido dizer que nunca tinha tido um sentimento de vã complacência.

2º - Efeitos da humildade

A humildade é o fundamento de todas as virtudes; ela é a primeira e indispensável disposição para fazer bem todas as coisas: para orar, para comungar, para

obedecer, para ser caritativa, para ser dedicada. O orgulho produz o ódio da autoridade, o horror da submissão, o desprezo da igualdade, o egoísmo, a hipocrisia.

A humildade é o aroma que conserva todas as virtudes; o orgulho é o veneno que as corrompe e as estraga. Vicia as boas obras mesmo antes de serem feitas; vicia-as enquanto se fazem, vicia-as depois de terem sido feitas. Numa alma dominada e inspirada pelo orgulho, as coisas mais belas perdem o seu brilho, as virtudes mais resplandecentes o seu encanto.

A humildade atrai as vistas e o amor de Deus; Deus ama a virtude e, colocando-se a alma humilde no sentimento verdadeiro do que ela é, do seu nada, da sua pobreza, da sua miséria, Deus contempla-a com complacência e espalha sobre ela os seus benefícios. Ouvi o autor da *Imitação* contando as ternuras do amor divino por uma alma que é humilde:

“Quando Deus a vê no sofrimento, consola-a, quando a encontra abismada no sentimento do seu nada, aproxima-Se, derrama sobre ela torrentes de graças, e, à proporção que ela se humilha, eleva-a para a glória; revela-lhe os Seus segredos e suavemente a atrai a Si”.

Maria Santíssima não foi escolhida entre todas as criaturas para ser Mãe de Deus senão porque era a mais humilde.

3º Condições da humildade

A humildade deve ser verdadeira e sincera, isto é, não se contentar com essas palavras proferidas em nosso desabono e que nos desagradaria muito ouvir da boca dos outros, nem com um exterior abatido e com maneiras afectadas. A humildade, que aparece demasiado por fora, a humildade que faz pose de alguma sorte, torna-se por isso mesmo suspeita.

“Eu não chamo humildade, dizia S. Francisco de Sales, *a esse conjunto cerimonioso de gestos, de reverências, de inclinações”*, quando se faz, como muitas vezes sucede, sem nenhum sentimento interior da sua própria abjecção e da justa estima do próximo. Porque tudo isso não é senão um vão divertimento dos espíritos fracos e deve ser chamado antes fantasma de humildade do que humildade. Em muitas dessas naturezas revestidas duma camada de mel no exterior, vós encontrareis, na ocasião, uma

tenacidade de bronze, uma susceptibilidade que vos aterra Verdadeiras esponjas para o louvor e perfeitos ouriços à menor crítica. (Pe. Faber)

Para certas pessoas, a humildade em palavras consiste em dizerem muito mal de si, com a condição de pensarem muito menos, em se porem debaixo dos pés de toda a gente, com a condição de se zangarem muito quando as pisarem. A menor palavra irrita esses espíritos; um simples sinal de indiferença é uma seta que lhes penetra até ao fundo do coração. Eis a minha opinião, Filoteia, ou não digamos de modo nenhum palavras de humildade, ou digamo-las com um verdadeiro sentimento interior, conforme com o que nós pronunciaríamos exteriormente. Não abaixemos nunca os olhos senão humilhando os nossos corações. Não demos mostras de querermos ser os últimos sem que de bom grado o queiramos sê-lo.

A humildade deve ser simples. Ela terá esse carácter quando não afectar nenhuma singularidade e quando não fizer nenhuma acção extraordinária, nem nenhuma prática insólita. Os actos de humildade devem ser motivados por circunstâncias particulares e, sobretudo em comunidade, não, não devem, de ordinário, ser praticados senão com uma autorização particular. Fazei, com um profundo sentimento de vossa pequenez e da vossa culpabilidade, os actos indicados pela vossa regra, como beijar os pés das vossas irmãs, deitar-vos no chão à entrada da sala por onde deve passar a comunidade, comer de joelhos, mas não os façais mais vezes do que eles vos são impostos; não crieis, para vós em particular, novos actos de humilhação; poderíeis dar ocasião ao riso e perturbar a ordem. A abjecção é útil como exemplo e como remédio; mas, na prática, é preciso guardar sempre um espírito de conveniência e de discrição.

A humildade deve ser alegre. Ela não é, portanto, uma certa tristeza e um ar melancólico que nos leva a ver com um crepe fúnebre sobre os olhos. Seria então muito difícil ter a paz, a dilatação do coração e a alegria espiritual. A verdadeira humildade tem um duplo olhar: ao passo que um é inclinado para a nossa abjecção, o outro está fixo sobre a misericórdia de Deus, mais vasta que a vossa miséria, sobre a sua bondade, mais poderosa do que a nossa fraqueza; e deste duplo olhar resulta o que quer que seja de suave e agradável que se pode chamar o (?)³⁶ da alma exilada, unido à alegria e à confiança dos bem-aventurados.

³⁶ Palavra ilegível.

A humildade deve ser constante. Ela deve ser praticada durante toda a sua vida, porque o orgulho não se cura nunca perfeitamente. Todo o cristão deve ter o pensamento de que não está no mundo senão para se humilhar; pode-se deixar de jejuar por certas razões ou deixar de dar esmola, mas não se deve nunca deixar de se humilhar: o orgulho é o último dos vícios de que nos despojamos.

VIII - ILUSÕES SOBRE A PERFEIÇÃO

A religiosa bem sabe que é chamada à perfeição, isto é, a tornar a sua vida cada vez mais semelhante à de Jesus Cristo, e que ela deve tender à perfeição. Ela bem sabe que, se entrou em religião e se fez votos de religião; foi para ter meios mais práticos e auxílios mais abundantes para chegar a essa semelhança com Jesus Cristo; foi para que a regra, à qual ela veio submeter-se, moderasse primeiro, e depois fixasse pouco a pouco a sua inconstância natural; foi para que os votos que ela pronunciou a ligassem mais intimamente a Deus e a pusessem numa espécie de impossibilidade de não O servir.

Ela compreendeu que assim, guiada pela regra, retida pelos seus votos, sustentada pelo exemplo das suas companheiras, viveria com mais pureza, cairia mais raramente, levantar-se-ia mais depressa, caminhará com mais precauções, seria cumulada de mais graças, gozaria de mais paz, morreria com mais confiança, ganharia para o Céu uma coroa mais bela; e foi por esse motivo, ao qual se vieram juntar, segundo o atractivo da graça, outros motivos ainda mais elevados a dedicação pela glória de Deus e pela salvação do próximo - que ela quis ligar-se a Deus com outros laços mais estreitos do que os do baptismo e que se deu e consagrou ao Senhor.

Ela está firmemente resolvida a cumprir todas as obrigações que fazem a religiosa perfeita, isto é, como ela bem o compreendeu, a religiosa à qual não falta nada.

Mas são palavras vagas as palavras religiosa perfeita. No princípio da vocação compreendeu-se, duma maneira talvez um pouco exagerada e que tem necessidade duma sábia e prudente direcção; mas, se a religiosa não se conservar muito humilde sob a direcção daqueles a quem Deus a submeteu, pouco a pouco o Demónio, aproveitando a fraqueza geral do seu espírito e mesmo a fadiga que os seus sentidos experimentam, faz-lhe ver a perfeição, duma maneira sem dúvida não oposta à verdade, ele não seria ouvido, mas duma maneira que não é inteiramente conforme com a verdade. O demónio bem sabe que, exagerando ou diminuindo a verdade sobre a perfeição, acabará por fazê-la esquecer completamente; daí as ilusões que nós devemos combater.

Vamos indicar:

1º As diferentes ilusões sobre a perfeição;

2º A natureza da perfeição;

- 3º A necessidade da perfeição;
- 4º Os meios de tender e de chegar à perfeição;
- 5º Os sinais pelos quais se adianta na perfeição;
- 6º A prática da perfeição;
- 7º Os graus da perfeição;
- 8º Os principais artifícios do Demónio para desviar da perfeição.

Convém começar por expor as ilusões sobre a perfeição; feita essa exposição, compreender-se-á melhor a natureza da perfeição.

1 - Diferentes ilusões sobre a perfeição

1. *Ilusões sobre a natureza da perfeição.* A perfeição, para algumas almas ardentes, novas, sem experiência, é o repouso da alma perdoada por Deus e amada de Deus por quem ela deixou tudo tão generosamente; é o apaziguamento das paixões que, dentro dos muros do claustro, já não vêm atormentar com as suas humilhantes sugestões; é a alegria do coração junto do Sacrário e durante a suave expansão duma oração sempre fervorosa; é a felicidade da vida da família reencontrada na vida de comunidade.

Sonhou-se assim antes de entrar em religião; e, porque nos primeiros anos desta vida religiosa, que se chamava, segundo as palavras dos Santos, o paraíso na terra, se gozam o repouso da alma, a alegria do coração e a felicidade de se ver amada, porque já não se sentem as revoltas dos sentidos e se repeliram com uma facilidade extrema as tentações do Demónio, disse-se com um sentimento talvez um pouco presunçoso: eu sou feliz, nada me custa; vou para o Céu suavemente impelida pela mão paternal do meu Deus, e a religiosa imaginou que Deus estava contente, porque ela própria o estava.

Ilusão! Ilusão! Não, minha irmã, a perfeição, para a qual vós tendeis, não está em todo esse bem-estar do coração e da alma que vós experimentais. Esse repouso, essa serenidade, essa alegria não são obra vossa; vós os sentis, vós os gerais, vós não vo-los dais; e a perfeição deve ser obra vossa pessoal, auxiliada pela graça.

Esse bem-estar do coração e da alma não é senão passageiro, como tudo o que existe sobre a terra; não é senão no Céu que se encontra a paz sem perturbação, o amor sem cansaço, a luz sem sombra, a alegria sem mistura, e, em breve talvez, o sabereis à vossa custa.

Pouco a pouco, a oração vos fatigará, os exercícios quotidianos se vos tornarão pesados por causa da sua monotonia, o carácter das pessoas com quem viveis perderá a sua amabilidade, o desgosto sucederá ao entusiasmo, Deus se retirará, o Demónio mostrar-se-á mais obsidiante, mais perseguidor... e, se não houver em vós uma virtude sólida, vós vos aborrecereis, vós vos lastimareis e ralhar-vos-ão, e desanimareis e relaxar-vos-eis, e cometereis faltas graves.

Não era, portanto, a perfeição, esse estado de quietação e de felicidade. Mais adiante se dirá qual é a verdadeira natureza da perfeição.

2. *Ilusões sobre os sinais da perfeição.* São numerosas as ilusões que nos mostram a perfeição onde ela não está. Qual é a religiosa que não crê proceder muito bem deixando-se levar à prática das coisas piedosas para as quais a inclina o seu temperamento e que, contente de fazer aquilo que ela gosta de fazer, não diz que só então Deus está contente com ela?

Umam medem a perfeição pelo comprimento das orações, pela assiduidade aos exercícios, pelo uso frequente dos sacramentos. Não devem elas a Deus o seu tempo, os seus membros, as suas faculdades? E como dar-Lhe tudo isso mais directamente do que por meio da oração?

Outras colocam a perfeição na abstinência, nos jejuns e nas macerações corporais. Não vieram elas à religião para se sacrificarem, para se imolarem, para expiarem os seus pecados e os pecados dos outros? E como sacrificarem-se e expiarem com mais segurança, do que domando a sua carne e privando-se de toda a satisfação que não é absolutamente necessária?

Outras fazem consistir a perfeição nas obras de misericórdia espirituais e corporais. Não devem elas, assemelhar-se a Jesus Cristo, que veio à terra para nos fazer conhecer Seu Pai e para salvar os pecadores? E como alcançar essa semelhança duma maneira mais perfeita do que instruindo as crianças, consolando os aflitos, dedicando-se à cabeceira dos doentes, orando e reparando pelos pecadores?

Outras, finalmente, põem a sua perfeição nessas acções brilhantes e ruidosas que provam o ardor da fé e do amor. Elas invejam os mártires, esses tempos de perseguição em que era dado professar a fé no meio dos suplícios, elas lamentam não serem chamadas, como os Apóstolos, a arvorar a cruz nos países idólatras, elas quereriam, pelo menos no fundo do seu coração, ser humilhadas, caluniadas ou, como uma certa

santa de quem leram a vida que as entusiasmou, seriam felizes, a sua imaginação lho faz crer em estar pregadas durante anos num leito de dor.

Ilusão, ilusão, ainda todos esses desejos. Esses actos, tão grandes e tão generosos, são meios da perfeição, mas não são a perfeição.

Pode uma pessoa rezar, comungar, mortificar-se, dedicar-se, e não agradar a Deus. Diz S. Francisco de Sales: *“Deus não atende à multiplicidade das coisas que fazemos por seu amor, mas somente ao fervor da caridade com que as fazemos”*.

E tu, irmãzinha mal conhecida mesmo na tua comunidade, que passas toda a tua vida a ensinar às crianças os primeiros elementos da doutrina cristã, a dar lições de instrução primária ou secundária numa creche ou num pensionato, a iniciar na costura ou nos bordados as alunas rudes e ignorantes dum patronato, a assistir, como enfermeira, aos doentes, a fazer paramentos e a remendar roupa, a preparar as refeições na cozinha, a lavar a roupa, a cuidar da horta, a tratar das galinhas, dos coelhos ou dos porquinhos, a fazer as compras, a ir aos recados ou a atender à porta quem vem, e que, nesse lugar, a maior parte das vezes humilde, obscuro e desprezível aos olhos dos homens, não és vista, conhecida apreciada de ninguém, tu podes, se quiseres, dar a Deus uma glória que será para ti tão meritória como se sofresses o martírio.

Tu podes santificar-te exactamente como e, sobretudo, com mais facilidade, porque há menos perigos do que aqueles das vossas companheiras que estão em empregos mais elevados, que brilham na casa e fora de casa pela sua inteligência, pela sua habilidade, pelas suas maneiras atraentes, que são, dalguma sorte, o sustentáculo da casa e sobre as quais repousa todo o futuro da comunidade.

Reflecti um momento diante de Deus: aquela irmã não está nessa posição brilhante senão porque Deus a colocou lá, tu não estás nesse emprego sem importância, desconhecido, desprezado, senão porque Deus te pôs nele; aquela irmã não brilha senão porque Deus lhe emprestou um pouco da sua inteligência; tu permaneces desconhecida porque Deus não julgou conveniente emprestar-te o que lhe emprestou a ela, tu tens menos responsabilidade, eis tudo. Não são as jóias, os diamantes que nos emprestaram que aumentam o nosso valor pessoal. Faz bem o que tens a fazer, emprega para Deus, no teu emprego, todos os recursos que Deus te deu e, na hora das recompensas, tu ouvirás, como as que tiverem rezado mais, porque elas deviam fazê-lo, como as que tiverem trabalhado mais brilhantemente, porque tinham um trabalho mais exterior a

fazer, - ouvirás estas mesmas palavras: “Coragem, serve boa e fiel, entra no repouso que mereceste”.

3. *Ilusões sobre a necessidade da perfeição.* Não é nunca abertamente e diante das suas companheiras que uma religiosa discutirá sobre a necessidade da perfeição; será interiormente, a sós consigo, diante de si mesma, depois das repreensões maternas duma superiora que a vê tornar-se, pouco a pouco, menos regular, menos silenciosa, menos trabalhadora; será depois das advertências um pouco mais austeras, mas sempre paternas, dum confessor assustado, alarmado, que teme o enfraquecimento do espírito religioso ou que receia uma falta grave. Nada tão perigoso como esses momentos de discussão duma religiosa consigo mesma, quando está um pouco irritada, amuada, humilhada. Então, o Demónio faz ouvir algumas dessas palavras insidiosas, que perturbam só a princípio, mas que, se se deixam penetrar na alma, acabam por se mostrar com todas as aparências da verdade.

“O estado religioso não é um estado de perfeição adquirida, como é o sacerdócio; o estado sacerdotal é um estado em que se procura adquirir a perfeição, um estado que é destinado a isso, porque fazemo-nos religiosas precisamente para nos tornarmos perfeitas; porque exigir, pois, que eu seja perfeita?” Não, tu não estás obrigada a ser perfeita actualmente; Nosso Senhor tem bondade de mais para exigir tanto da tua fraqueza, e contenta-se com os teus desejos e com os teus esforços; mas obriga-te a trabalhar para que te tornes perfeita; a tua superiora e o teu confessor não exigem senão isso de ti, e mesmo no último dia, diz S. Tomás, *“Deus não te perguntará se foste perfeita mas sim se empregaste todos os teus cuidados em te tornares perfeita”*.

Ora, empregar todos os teus cuidados em seres perfeita, contentar-te de cumprir os mandamentos da lei de Deus e as obrigações escritas dos teus votos, sem te dares ao trabalho de viveres no espírito de fé, de fazeres bem feita a tua meditação, de seres pontual, silenciosa, mortificada?

É empregares todos os teus cuidados em seres perfeita não queres incomodar-te com nada, murmurares quando te expõem as tuas faltas, e não procurares corrigir-te daquilo que te repreendem? Essa disposição em que estás é muito perigosa. Ouve o que ela supõe:

1º Que não és de Deus senão a meias e que te divides entre Deus e as tuas comodidades, entre o Céu e a terra;

2º Que retractas de algum modo com a tua conduta e, com os teus actos, a oferta de ti mesma, que fizeste tão generosa e tão completa no dia da tua profissão (ou quando vieste para a Obra) e que quase te arrependes de ter dado tanto a Deus.

3º Que abusas das graças anexas à tua vocação e que não fazes quase nenhum caso dos convites, das carícias, das promessas e das recompensas de Jesus Cristo.

Sem dúvida, não é necessário tender para a perfeição por meio de todas as acções que poderiam servir para adquiri-la; basta tender para ela pela prática das virtudes cristãs e dos votos de religião e pela observância das Constituições do teu Instituto, - mas, se ligas pouca importância e se tomas pouco a peito os meios que te são sugeridos para praticares as virtudes e cumprires os votos, não é para recluir que caias em faltas graves? *“Aquele que não é fiel nas pequenas coisas, não será fiel nas grandes”*.³⁷

Sem dúvida, para tender à perfeição basta evitar as faltas graves; mas para evitar as faltas graves, é muito importante evitar, tanto quanto possível, as faltas veniais.

Sem dúvida ainda, segundo S. Tomás, as transgressões da regra, ainda que renovadas, não constituem, por si mesmas, o desprezo das regras, mas é muito de temer que esse desprezo nasça insensivelmente e que seja difícil, na prática, dizer se ele existe ou se ele não existe. Mais adiante se falará da necessidade de tender para a perfeição.

Mas, se eu não avanço, também não recuo. Grave ilusão essa! Decerto não se pode dizer dum modo absoluto e formal que, em teoria, não avançar é recuar: é preciso ainda uma certa vida para permanecer estacionária no meio duma corrente, e essa vida pode bastar para permitir a uma alma não desanimar, mas, praticamente, e segundo o ensinamento de todos os santos, fundado na experiência, não avançar, e sobretudo não querer avançar, é recuar.

Porque neste mundo não há nenhum estado de estabilidade, essa vantagem não pertence senão a Deus e só a Deus, no qual não há nem pode haver nem mudança nem vicissitude. Porque, inclinados ao mal como somos, precisamos dum auxílio contínuo e duma grande atenção para não pecarmos. O nosso coração é uma terra maldita que, por si mesma, produz más ervas; as paixões não tardam a invadi-la se a cada instante as não reprimirmos.

³⁷ Lc 16,10

Porque, diz S. Gregório, *“sucede-nos a nós, que marchamos na vida espiritual, o mesmo que sucede a um homem que nada no meio dum rio rápido: se ele interrompe o movimento dos seus membros, recua, é arrebatado pela corrente”*.

O caminho da perfeição que nós temos de percorrer é tão contrário à torrente da nossa natureza corrompida pelo pecado, que aquele que não se esforça por avançar sempre será arrastado pela impetuosidade das suas paixões.

Mas a perfeição é uma coisa toda interior; nem a minha superiora nem o meu confessor vêem o que se passa em mim.

A perfeição é interior, é verdade, mas os seus efeitos manifestam-se exteriormente, duma maneira mais ou menos sensível, e é pelos seus efeitos que os teus superiores podem julgar dos teus progressos ou do teu relaxamento. Eles deixam a Deus o juízo da tua consciência; eles dizem-te que a tua conduta não é a duma religiosa.

Quereis conhecer alguns dos efeitos que indicam os progressos duma alma na perfeição?

Se os reconhecerdes em vós, bendizei o Senhor; se não os virdes, humilhai-vos e sede mais dóceis à correcção.

Uma noviça deve ter-se tornado mais piedosa, mais calma no seu proceder, mais modesta no conjunto da sua atitude, mais delicada, mais mansa, mais suave nas suas relações do que uma pessoa secular.

Uma professa deve ter-se tornado mais interior, mais silenciosa que uma noviça.

Uma professa de vários anos deve ter-se tornado mais regular, mais paciente, mais unida a Deus do que o era no ano da sua profissão ou nos primeiros anos da sua profissão.

Esse carácter, naturalmente altivo e orgulhoso, deve ter-se tornado, pouco a pouco, sob a influência da graça, mais moderado, mais humilde, mais benévolo, mais complacente.

Essa vontade que se revoltava só com o ouvir pronunciar a palavra “dependência”, deve ter-se tornado insensivelmente mais submissa e mais respeitosa.

Esse coração de tendências tão naturais deve ter-se tornado mais sobrenatural e, ao mesmo tempo, mais dedicado a todos.

As paixões em geral devem ter-se tornado mais mortificadas, a obediência deve ser mais pronta, a caridade mais doce e mais expansiva, o recolhimento mais fácil, a piedade mais viva e mais activa.

Os esforços para ser perfeita produzem necessariamente esses efeitos, mais ou menos, sem dúvida, mas produzem-nos sempre. Mais adiante veremos outros sinais pelos quais podereis conhecer se vos adiantais na perfeição.

Mas os santos tinham defeitos. Citam-se até de S. Francisco de Sales, estas palavras: há mais de um santo com quem eu não teria querido viver; pode-se, portanto, ser santo e ter defeitos

Sim, com certeza, pode-se ser santo com defeitos; pode-se caminhar para a perfeição sem ser perfeito, porque a perfeição sobre a terra é menos, por assim dizer, uma perfeição consumada e isenta de defeitos involuntários do que uma perfeição de vontade, a qual basta para proceder actualmente duma maneira tão perfeita como Deus o exige duma alma.

Às almas que tendem com mais coragem a adquirir a perfeição, Deus deixa muitas vezes defeitos:

Para as conservar atentas e vigilantes e impedi-las de se relaxarem, exigindo delas um combate quase contínuo.

Para as conservar na humildade e impedi-las de se gloriarem das graças extraordinárias que Deus lhes concede.

Para lhes dar sentimentos mais caritativos, mais compassivos, mais misericordiosos, para com aqueles que, em volta delas, têm também defeitos.

Mas, se se pode ser santo com defeitos, é sob a condição de os reprimir com cuidado e de trabalhar quase incessantemente em corrigi-los.

Pode-se ser santo não só com defeitos, mas ainda com imperfeições voluntárias em que às vezes se cai, ou por fragilidade, ou por uma ignorância que nem sempre é desculpável; mas ainda é preciso estar no hábito de as combater.

Pode até suceder que uma alma santa e perfeita, tanto quanto se pode ser neste mundo, caia num pecado venial sem que por isso se possa dizer que ela o não seja. É o sentimento de Bento XIV, que diz expressamente que uma falta venial de surpresa não impede a verdadeira santidade; proposição autorizada por estas palavras de Santo António: *“Se acontece que os santos do Senhor, que se esforçam por terminar os seus*

piadosos combates e por correr pela estrada da salvação, caem às vezes como homens, mais por fragilidade da natureza do que por inclinação ao pecado, levantam-se para correr com mais ardor, e a vergonha da sua fraqueza anima-os a mais rudes combates; de sorte que a sua queda, longe de ser um obstáculo à sua carreira, parece ter-lhes dado uma nova agilidade”.

2 – Natureza da perfeição.

Chama-se perfeito, diz S. Tomás, *“um ser ao qual não falta nada para ser aquilo que deve ser”*.

Um cristão que pertence a Jesus Cristo pelo baptismo e que se obrigou por isso mesmo a conhecer, a servir e a amar Jesus Cristo, será perfeito se conhecer Jesus Cristo, se O servir e se O amar tanto quanto lhe é possível.

Uma religiosa, isto é, uma cristã que, pelos votos de religião que voluntariamente pronunciou, renunciou à sua vontade, aos seus bens, à sua família, às alegrias que lhe proporcionaria uma família por ela constituída, para servir mais fielmente a Jesus Cristo e para O amar com mais generosidade e mais dedicação, será perfeita, se praticar a obediência, a pobreza, a castidade, tanto quanto lhe é possível.

A perfeição consiste, pois, para as criaturas, sobre a terra, em se esforçarem por alcançar o fim para o qual foram criadas ou que se propuseram alcançar segundo a sua natureza.

Nota: A perfeição, segundo S. Tomás, compreende três coisas:

A *primeira*, que não se tenha nenhum defeito nem nenhum vício, porque todo o vício e todo o defeito é oposto à perfeição.

A *segunda*, que se possuam todas as virtudes, porque todas elas contribuem para a perfeição.

A *terceira*, que se possuam essas virtudes num grau excelente; porque não se diz que uma virtude medíocre é perfeita, do mesmo modo que não se diz que uma obra é perfeita quando as partes que a compõem, ainda mesmo que não falte nenhuma, são medíocres.

Eis a razão porque não há ninguém sobre a terra que seja inteiramente perfeito, porque não há ninguém que esteja sem defeito, nem que possua todas as virtudes num grau eminente.

Eis porque nós dizemos que há obrigação de tender para a perfeição e não de ser perfeito. Ora, esse objectivo é estarem unidas a Deus como seu único fim; a caridade é o vínculo da perfeição;³⁸ e como é o pecado que afasta de Deus, e como são as virtudes que aproximam de Deus, é preciso para chegar a essa união:

- 1º - Aplicar-se a evitar todo o pecado, mesmo venial;
- 2º - Esforçar-se por praticar as virtudes;
- 3º - Procurar possuir essas virtudes num grau eminente.

Uma só palavra resume estes meios: tender a unir a nossa vontade com a de Deus, porque Deus quer que evitemos o pecado, Deus quer que pratiquemos a virtude, a união da nossa vontade à de Deus, levando-nos a obedecer-Lhe em tudo, eis, portanto, a perfeição; ela está toda nisso, ela não está senão nisso; e, quanto mais íntima for essa união entre as duas vontades, e quanto mais inclinados nós estivermos a obedecer não só aos mandamentos de Deus mas aos seus conselhos e aos seus simples desejos, tanto maior é a nossa perfeição. Nós sentimos isso de tal maneira que o simples pensamento de estarmos unidos a Deus, a esse ser infinitamente grande, infinitamente bom, infinitamente misericordioso, a esse ser poderoso, eterno, imutável, e o desejo posto em prática de querer o que Ele quer, nos tranquilizam, nos dão segurança, nos apaziguam, nos dão repouso, nos tornam felizes; e nós estamos inquietos, atormentados, agitados, todas as vezes que fazemos um acto que nos separa, mesmo momentaneamente, Dele. Falta-nos alguma coisa, somos imperfeitos.

A união da nossa vontade com a vontade de Deus está compreendida no mandamento do amor de Deus.

Amar, e unir-se é, de dois seres, tender a não fazer senão um, pela vontade.

Amar a Deus sobre todas as coisas, de maneira que se exclua toda a ofensa grave, é um começo de perfeição. É um preceito comum a todo o cristão.

Amar a Deus sobre todas as coisas, de maneira que se evita a mais pequena falta, é um grau mais adiantado de perfeição, mas não é ainda a perfeição completa, porque é um preceito que obriga todos os homens, embora mais levemente.

Amar a Deus sobre todas as coisas, de maneira que se exclua tudo o que Lhe desagrade ou Lhe agrada menos e se procura fazer tudo o que Lhe é agradável, eis a perfeição completa e especial.

³⁸ Col 3,14

É essa que devemos desejar, é para essa que devemos tender; e foi para a alcançardes que vós, almas eleitas, abraçastes a vida religiosa.

Esta doutrina é a de todos os santos.

A perfeição consiste numa só coisa, diz S. Vicente de Paulo: “*em fazer a vontade de Deus*”.

Se, no dizer de Nosso Senhor, basta para ser perfeito renunciar-se, levar a sua cruz e segui-Lo, quem é que se renuncia mais a si mesmo, leva melhor a sua cruz e segue mais de perto Jesus Cristo, do que aquele que se aplica a não fazer nunca o seu querer próprio, mas sempre o de Deus. Vede, pois, quão pouco é preciso para ser santo: nada mais do que habituar-se a querer, em todas as ocasiões, o que Deus quer.

A desgraça, diz S. Francisco de Sales, “*é que nós entendemos servir a Deus à nossa maneira, não à sua maneira, segundo a nossa vontade e não segundo a Dele*”.

Quando Ele quer que estejamos doentes, nós queremos estar de boa saúde; se Ele entender que O sirvamos nos sofrimentos, nós queremos servi-Lo por meio de obras activas, quando quer que pratiquemos a caridade, nós queremos praticar a humildade, quando quer de nós a resignação, queremos a devoção, a oração mental ou qualquer outra virtude; e isso são pequenas coisas que nós queremos que Lhe sejam mais agradáveis, mas porque elas são mais do nosso gosto. Eis certamente o maior obstáculo que podemos opor à nossa perfeição; porque é indubitável que, se quisermos ser santos segundo a nossa própria vontade, não o seremos nunca. Para sermos verdadeiramente santos, é preciso sê-lo segundo a vontade de Deus.

Esta doutrina é a de Jesus Cristo, que no-la pregou com as suas palavras e com os seus exemplos.

A conformidade da Sua vontade com a vontade de Deus enchem a Sua vida inteira: ela foi o Seu alimento, isto é, o que entreteve, sustentou n’Ele a Sua vida de Homem de Deus. As primeiras palavras que pronunciou à Sua entrada no mundo foram estas; “*Eis-me aqui, ó meu Deus, Eu venho para fazer a Vossa vontade*”, como para nos dizer que isso é tudo para Ele.

Pois que, diz Mons. Gay, não vem Ele pregar, trabalhar, sofrer, morrer, vencer o inferno, fundar a Igreja e salvar o mundo por meio da Sua cruz? É verdade, é certamente essa a Sua tarefa, a Sua missão. Ele o sabe: ao abrirem-se os Seus olhos viram tudo, e tudo o que os Seus olhos viram, o Seu coração o abraçou imediatamente. Ele quer

cumprir tudo, até um iota. Ele o quer com um querer cheio de sinceridade, de amor e de eficácia; e quanto a Si, tudo é consumado logo que é proposto. Mas se Ele quer tudo isso, é porque tal é a eterna vontade de Seu Pai. É só essa vontade que O move e O decide. Vendo tudo o mais, é só ela, contudo, que Ele contempla; é só dela que fala, é só dela que pretende depender. Princípio, fim, razão, luz, apoio. Morada, alimento, recompensa, essa vontade divina é tudo para Ele. Nela Se coloca, a ela se reduz, nela Se encerra; e, fazendo mais tarde tantas coisas tão elevadas, tão inauditas, tão sobre-humanas, não fará nunca senão esta coisa muito simples, em que até as criancinhas são capazes de O imitar: Ele fará a vontade do Pai Celeste; a ela Se entregará sem reserva e nela viverá completamente abandonado.

A conformidade da nossa vontade com a vontade de Deus, eis, portanto, o que nos aproxima de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, da perfeição; e a nossa perfeição será tanto mais consumada, quanto essa conformidade for mais íntima.

3 - Necessidade de tender à perfeição

Todos os cristãos são obrigados a tender à perfeição numa certa medida, proporcional à sua condição, porque todos são obrigados a amar a Deus de todo o coração, com todas as suas forças e sobre todas as coisas.

“É a vontade de Deus que vós sejais perfeitos”,³⁹ escrevia S. Paulo aos fiéis. *“Sede perfeitos como meu Pai Celeste é perfeito”*, dizia Jesus Cristo a todos aqueles que O cercavam e a todos os homens.⁴⁰

Os meios de que os seculares se devem servir, para tender à perfeição de preceito, são guardar exactamente os mandamentos de Deus e cumprir fielmente os deveres do seu estado.

Os religiosos são obrigados a tender a uma perfeição mais alta que os seculares, por causa da santidade do estado que abraçaram, estado pelo qual se comprometem a guardar, não só os mandamentos de Deus, mas também os conselhos contidos nos três votos ordinários de pobreza, de castidade e de obediência. Estes três votos acrescentam as suas obrigações de cristãos e impõem-lhes novos deveres; formam para eles deveres de estado que devem cumprir fielmente.

³⁹ 1Tes.4, 5

⁴⁰ Mt 5, 28

Os religiosos não são, todavia, obrigados a ser perfeitos, como já se disse, mas a trabalhar para o serem, logo que aceitaram essa obrigação pela profissão. Se renunciassem, directa ou indirectamente, à intenção que tiveram, fazendo a profissão de tender à perfeição, e se não conservassem a vontade de tender para ela, estariam num estado criminoso; violariam as promessas sagradas que fizeram na sua profissão.

Os religiosos não são obrigados a tender à perfeição por todas as espécies de acções que poderiam servir para a adquirirem, mas só pela prática das virtudes cristãs e dos votos de religião, e pela observância da sua regra.

Seria uma grande ilusão, e haveria nisso desordem para a comunidade, se uma religiosa se julgasse obrigada, ou mesmo se, sem se julgar obrigada, se aplicasse a praticar tudo o que é indicado nos livros de piedade, a fazer tudo o que os santos fizeram, a abraçar todas as devoções que a Igreja aprova, a fazer parte de todas as associações recomendadas, e a multiplicar o número das suas orações. Qualquer que seja o fervor duma religiosa, ela não deve empreender nada além do que é ordenado pela sua regra, sem uma permissão da sua superiora e, em certos casos, do seu confessor.

Os autores estão de acordo, diz Croisson, em que uma religiosa que guarda os seus votos e é fiel a tudo o que lhe é prescrito sob pena de pecado grave, tende verdadeiramente para a perfeição. Se tivesse apenas a vontade de evitar as faltas graves e a disposição formal de cometer as faltas veniais que se apresentassem, muitos autores pensam que essa disposição seria moralmente criminosa, porque conteria o desprezo do preceito; mas, segundo S. Afonso, é mais provável e mais geralmente admitido que, mesmo nesse caso, nem sempre há falta grave contra a obrigação de tender à perfeição; pois que, se tende para ela por isso mesmo que se observam os votos e porque a disposição de que falamos pode provir doutra coisa diferente, do desprezo formal do preceito, e pode ter a sua origem, por exemplo, na ideia que se formou de que não é necessário para a salvação evitar as faltas leves, ou no amor das comodidades, ou no receio de incómodos exercícios.

Todavia, diz o mesmo Santo, se a religiosa em questão não peca gravemente contra o preceito formal de tender à perfeição, dificilmente poderá estar ao abrigo de falta grave sob outros pontos de vista, tanto por causa do perigo a que muitas vezes se expõe de cair em pecado mortal, como pelo de prejudicar consideravelmente a religião e

de infligir um golpe na disciplina regular com os seus maus exemplos e as suas infracções contínuas às regras do seu Instituto.

4 - Maneira de tender e chegar à perfeição

A obrigação de tender e de chegar à perfeição, imposta por Deus, supõe da parte de Deus, os meios de conseguir a perfeição; ora, esses meios, Deus os colocou com profusão em torno da religiosa.

Os objectos que ela vê, as palavras que ela ouve, os exemplos que ela tem sob os olhos, tudo a leva à perfeição. As suas irmãs edificam-na, os seus superiores mantêm-na no dever com a sua vigilância, dirigem-na com os seus avisos, impedem com a sua solicitude que ela caia, ajudam-na a levantar-se com a sua suave e prudente correcção.

Os exercícios da comunidade excitam-na e sustentam-na continuamente. Oh, como ela tem que agradecer a Deus!

Esses meios, para ela, resumem-se na observância exacta da regra. A regra é, para toda a religiosa, a manifestação da vontade de Deus, essa vontade à qual ela deve, para ser perfeita, unir-se da maneira mais íntima.

Nós veremos, mais adiante, as vantagens da observância da regra; contentamo-nos de proclamar aqui estas palavras de S. Francisco de Sales: *“A predestinação das religiosas está ligada à observância da regra”*; *“É, acrescenta S. Afonso, o caminho mais directo para chegar à santidade, é até o único; qualquer outro não conduzirá ao fim”*.

Por mais que uma religiosa se imponha numerosas penitencias, longas orações e outros exercícios de piedade, se ela transgredir habitualmente os mais pequenos pontos da sua regra, não fará o menor progresso na perfeição. Ela trabalhará, ela rezeirá, ela mortificar-se-á, mas Deus não aceitará nada disso, porque Deus não o queria, ou não o queria dessa maneira, ou não o queria nesse momento.

“Eu ousou afirmar, diz o Pe. Guilbré, que toda a perfeição duma religiosa não é senão ilusão sem a observância das regras, pela razão que não há verdadeira perfeição que não seja inspirada pelo espírito de Deus”. Ora, o espírito de Deus que inspirou, Ele próprio, as regras, não pode levar à sua inobservância sem estar em contradição consigo mesmo. Portanto, se Deus leva uma pessoa a um plano de vida que sai dos mais

comuns, começará por a levar à prática das regras que é o aperfeiçoamento das almas religiosas.

Se uma religiosa, por mais santa que ela pareça, não é fiel à prática das suas regras, eu não receio dizer que não é o espírito de Deus que lhe inspira a perfeição a que ela pretende chegar. As suas austeridades, as suas longas meditações, o seu zelo pela salvação do próximo, e tudo o mais em que ela põe a sua confiança não é senão uma pura ilusão. Uma prova do que afirmo é que essas pessoas que pretendem ser conduzidas por vias extraordinárias, fora das regras, são muitas vezes voluntariosas e teimosas nas suas ideias, dedicadas e apegadas às suas preferências e às suas pequenas comodidades, não podendo suportar nada da parte do próximo, susceptíveis e fáceis de se magoarem.

Esses meios oferecidos pela regra são fáceis de conhecer. A religiosa não tem que procurar o que tem a fazer nem a pedir: ela o vê, ela o sabe, ela o conhece; cada momento do dia lhe dá ocasião de fazer um novo progresso.

Eles são preciosos. A regra não deixa nada ao arbítrio de cada um; determina tudo, abrange tudo. Estão ao alcance de todos. A regra é composta com sabedoria e com medida por pessoas que conhecem a fraqueza humana; tem mitigações para aquelas que são fracas, tem dispensas para aquelas que não podem cumpri-las inteiramente.

São seguras. A regra santificou todos os religiosos que estão no Céu, e um Papa chegou a dizer que não pediria outro milagre para a canonização dum religioso senão a garantia da sua fidelidade perfeita a todos os pontos da regra.

São fecundos em virtudes. A observância da regra edifica; não supõe a vanglória; oferece a cada instante praticar a doçura, a humildade, a paciência, a renúncia à própria vontade, o suportar os defeitos do próximo; faz adquirir a cada momento tesouros inapreciáveis de graças e de méritos. Por isso, vêm-se todos os dias nas comunidades religiosas pessoas fiéis e fervorosas que, sem fazerem nada de extraordinário, por uma grande fidelidade em guardar as suas regras, chegam a uma eminente santidade

É por isso, conclui o Pe. (?)⁴¹ que se pode dizer a cada religioso o que Moisés dizia ao povo de Israel: Os meios que vos proponho para vos santificardes não estão, nem acima das vossas forças, nem tão altos que não possais alcançá-los, nem tão

⁴¹ Palavra ilegível.

distantes que não possais conhecê-los: eles estão diante dos vossos olhos, eles estão nas vossas mãos, eles estão na vossa regra.

Para serdes santas, vós não tendes, portanto, senão que guardar essas regras como é preciso.

5 - Sinais pelos quais se pode conhecer que se adianta na perfeição

Entre os sinais que são de molde a tranquilizar a religiosa sobre o seu adiantamento na perfeição.

Mas são sobretudo *interiores*:

- Uma religiosa pode, sem receio de ilusão, crer que está no caminho da santidade, quando sente crescer em si o desejo de se tornar mais santa, e esse desejo é fundado sobre o conhecimento que tem dos deveres do seu estado e sobre a ideia de que, quanto mais santa for, tanto mais glorificará a Deus.

- Quando tende todos os dias a reprimir as suas inclinações, o seu amor próprio, o seu carácter difícil, a sua sensualidade, o seu espírito de independência, no pensamento de ser mais digna de Deus a quem ela se deu.

- Quando assiste aos exercícios de comunidade com piedade, com assiduidade, com felicidade e se sente venturosa de viver com as suas irmãs, de estar unida a todas elas, sob o olhar de Deus.

- Quando é fiel às mais pequenas observâncias e evita a mais leve falta de propósito deliberado, no pensamento habitual de agradar a Deus e de contentar a Deus.

- Quando não se perturba com as imperfeições que comete todos os dias, mas se humilha por causa delas com simplicidade, aceita em paz as exprobrações que lhe são feitas e, em vez de desanimar, retoma a sua vida calma e activa.

Os outros sinais de perfeição são *exteriores*

Podem resumir-se nesta só palavra: os santos não se queixam. À medida que se aproxima de Deus, à medida que se torna mais santa, a religiosa aprende a suportar e a estar contente em tudo e com todos.

Ela não se queixa nem do tempo, nem da intempérie das estações, aceitando com calma e em silêncio os pequenos sofrimentos que o frio e o calor lhe ocasionam. Não é ela que murmura a propósito duma porta mal fechada ou duma corrente de ar que a incomoda.

Ela não se irrita contra a dor, mas suporta-a sem repetir a toda a gente o que o seu estado de saúde tem de penoso e triste.

Ela não se queixa do seu emprego, e, seja ele qual for, estima-o, porque Deus, pela boca da sua superiora, lho confiou. É penoso? Ela estima-o dobradamente, porque é mais meritório. É humilde? Ela estima-o mais, porque a mantém no seu lugar e longe do olhar dos outros. Nunca lhe ouvem dizer: “Não sou feita, não sirvo, não tenho jeito para esse emprego; ele é inteiramente oposto aos meus gostos e às minhas aptidões; ele é demasiado penoso, ele impede-me de orar...”.

Ela não se queixa da sua superiora, porque não vê nela senão a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, e recebe as suas ordens e seus avisos, as suas repreensões, como vindo do próprio Deus. Ela não diz que a sua superiora tem falta de prudência, de competência, de experiência; que tem uma maneira de mandar muito firme, muito exigente, muito autoritária, muito absoluta...Tudo o que vem dela parece-lhe bem.

Ela não se queixa das suas irmãs, suportando os seus defeitos com um sentimento de misericórdia e com o pensamento de que as suas irmãs a suportam a ela também, suportando o seu carácter, por mais difícil que seja, e não deixando nunca transparecer o esforço, a violência, o constrangimento que tem de fazer a si mesma para permanecer boa, afável, atenciosa, suportando as suas enfermidades corporais e prestando-lhes todos os serviços que lhes pode prestar

Ela não se queixa nem do ordinário da casa, nem da maneira como a tratam, quer quanto ao vestuário, quer quanto ao alojamento, quer quanto ao lugar a ocupar nos diferentes exercícios. Os sensuais, diz um piedoso autor, encontram e haurem o mau espírito no refeitório, ao passo que os santos encontram e haurem nele o espírito de mortificação e grandes méritos para o Céu. Tudo é bom para os santos; e, longe de se queixarem, eles desejam e procuram por toda a parte o que há de pior e de mais penoso.

Ela vive numa paz quase contínua, e essa paz torna-a afável, sorridente, complacente, leva-a a aceitar com simplicidade os pequenos confortos e lenitivos que lhe oferecem, a ser, sobretudo, cheia de reconhecimento por tudo o que fazem por ela.

Ela vive também numa alegria e num contentamento quase contínuos; ora, a santa alegria e o contentamento no serviço de Deus são uma grande prova de sólida virtude e de santidade; e S. Boaventura não receia afirmar que a alegria espiritual é um sinal de que a graça santificante habita numa alma. O descontentamento, a melancolia,

as queixas, a tristeza, pelo contrário, são um mau sinal; quando virdes uma religiosa atacada por essa doença espiritual, lamentai-a e rezai por ela.

6 - Prática da perfeição

Como os meios de alcançar a perfeição se resumem na observância exacta da regra, e a regra abrange cada uma das acções dos nossos dias, é preciso, na prática, aplicar-se a fazer bem feito cada uma dessas acções.

Vamos indicar:

1º. *Os princípios para fazer bem feitas as acções do dia.*

Para que as nossas acções sejam bem feitas, isto é, meritórias para o Céu, é preciso fazê-las:

Com pureza de consciência

Se houver em nós um pecado mortal, todas as acções, mesmo as mais santas, são sem mérito aos olhos de Deus e sem valor para o Céu; e que prejuízo, que perda para nós, que trabalhamos todo o dia! Não é que essas acções sejam completamente inúteis, se realmente são boas em si mesmas; elas dispõem a Deus, sempre tão bom para aproveitar todas as ocasiões que nós oferecemos à sua misericórdia, a conceder-nos graças de conversão, e dispõem-nos a nós mesmos a voltar para Ele; mas são obras estéreis, obras mortas, pelas quais nós nunca receberemos nenhuma recompensa. Oh, permaneçamos, portanto, em estado de graça; logo que nos sintamos culpados, mesmo duma falta venial, humilhemo-nos, apaguemos essa falta com os meios abundantes que a Santa Igreja põe à nossa disposição: um sinal da cruz feito piedosamente com água benta, um acto de amor de Deus dito com um profundo sentimento de pesar, de afeição, de dedicação, de submissão... e se, por desgraça, tivéssemos cometido um pecado mortal, vamos confessar-nos o mais depressa possível; ao menos, não nos deitemos nunca sem fazermos um acto de contrição perfeita, profundamente sentido.

Com pureza de intenção

É a intenção que dá o valor às nossas acções, ainda as mais insignificantes; fazê-las por Deus e para Deus, oferecê-las a Deus, é comunicar-lhes alguma coisa de divino; Deus, aceitando-as, torna-as em certo modo dignas Dele. Oh, que dia bem cheio, um dia

dado a Deus! Que glória para este divino Mestre, uma serva que faz tudo o que Ele quer, como Ele quer, e que Lhe oferece com amor tudo o que ela faz.

Operar, proceder, agir por instinto, por capricho, por inclinação, por costume, por respeito humano, por hipocrisia, por ostentação, por interesse, é trabalhar sem nenhum resultado para o Céu, é muitas vezes trabalhar manchando a própria consciência.

Com ordem e exactidão

A ordem e a virtude são duas palavras que significam quase a mesma coisa. Qualquer que seja o bem que façais, se não o fizerdes na ordem, não o fazeis como deve ser feito. O instinto dirige os animais; a razão dirige o homem; o Evangelho o cristão; a regra o religioso; a ordem todos os seres.

É a ordem que faz o paraíso; é a desordem que faz o inferno.

A razão quer, às vezes, sem dúvida, que se deixe a ordem prescrita, mas é para seguir uma ordem mais perfeita que nos é declarada pela necessidade, pela enfermidade, ou pela obediência.

A exactidão é o sustentáculo da ordem. Ela consiste em fazer as acções que entram no nosso dever, no tempo, no lugar, e da maneira que nos foram prescritas.

Não fazer as próprias acções com ordem e exactidão é, dalgum modo, desnaturá-las; é, pelo menos, torná-las imperfeitas e assim diminuir mais ou menos o valor que elas poderiam ter.

Com fervor

Proceder com fervor, é proceder com prontidão e com coragem; não precisamente com gosto, prazer e ardor sensível.

O fervor é bem ordinariamente acompanhado desse gosto sensível, mas não é inseparável dela. Pode uma pessoa ser muito fervorosa e ter um desgosto natural pelo que faz, sentir repugnância por isso e não encontrar nisso senão dificuldade, sacrifício e frieza. O fervor está sobretudo na vontade, é ele que faz proceder, apesar de tudo. E então é mais sólido e mais meritório, porque nós não operamos senão porque é esse o nosso dever.

Proceder com fervor é não fazer nada por metade, nada com esse deixar correr, composto de leviandade e de indolência, que é o flagelo da perfeição religiosa. Quando se opera assim, dizia um santo religioso, ousa-se um pouco, mas não se ousa bastante.

Bem se quereria, fazendo alguma coisa, fazer calar importunos remorsos, mas é preciso que isso não custe muito. Tudo se faz a medias, pouco mais ou menos, à ligeira, por hábito, por rotina. Nada tem esse cunho da obra concluída, acabada. Não se visa, não se aspira em coisa nenhuma ao que é perfeito. Em vez de caminhar, a alma rasteja; em vez de agir, faz propósitos; em vez de executar, concebe planos; em vez de pegar no dever com ambas as mãos, mal lhe toca; em vez de meditar, sonha, devaneia; em vez de rezar, murmura ou mastiga.

Com perseverança

Isto é, com continuidade; isto é, fazer até ao fim o que é mandado, fazê-lo todos os dias, se é mandado todos os dias; fazer tão bem a última linha duma página de escrita como a primeira, o último ponto duma costura como o primeiro, encher o último minuto dum dia tão bem como o primeiro.

Nada tão difícil como essa perseverança no trabalho; a monotonia causa tão facilmente o desgosto; o cansaço trás consigo tão facilmente o relaxamento. É preciso tomar algum repouso, sem dúvida, mas é preciso também cada dia levantar o ânimo, retomar coragem e contemplar o Céu, donde nos vem todo o auxílio e onde encontraremos a nossa recompensa inefável e eterna.

2º A aplicação desses princípios a cada uma das acções do dia.

É um simples quadro que vamos expor: indicar resumidamente as intenções que devemos ter e os actos que devemos praticar para nos aproximarmos cada vez mais da vontade de Deus e, por essa forma, chegarmos à perfeição que a nossa vocação religiosa exige.

O levantar.

Prontidão, modéstia, primeiro pensamento para Deus, oferta a Deus de todo o seu ser, felicidade de ter ainda um dia para dar ao serviço de Deus, orações marcadas ou lembrança do assunto da meditação, enquanto se põem em ordem as coisas no quarto.

A meditação.

Ir com toda a boa vontade fazê-la; a alma vai oferecer-se a Deus, vai ouvir a Deus, vai receber as ordens de Deus; posição do corpo respeitosa; calma, paz, concentração do espírito se ele se distrai ou se dissipa, previsão do que pode acontecer de extraordinário durante o dia, sujeição antecipada a tudo o que Deus permitir.

A oração vocal.

Sempre um pouco lenta e um pouco reflectida, quer ela seja longa quer seja breve, sinal da cruz, sobretudo, feito com espírito de fé; não omitir nenhuma oração por preguiça; não se perturbar quando a obediência ou a caridade obriga a deixar uma parte.

A Santa Missa.

União com o Sacerdote ou meditação dos mistérios da Paixão e dos mistérios do Rosário; comunhão em estado de graça e com intenção recta; a alma não deve sair da Santa Missa sem estar fortificada para todo o dia.

O trabalho.

Que ele seja feito por um sentimento de obediência, por mais penoso que seja, feito sob o olhar de Deus que quer que nós o façamos; feito com ordem, com constância, com cuidado, feito às vezes em espírito de penitência ou em espírito de amor, feito em união com Jesus e Maria que se ocuparam e trabalharam como nós.

A refeição.

Recolhimento durante as orações que precedem e que se seguem, atenção à leitura, evitar a pressa, servir-se do que se apresenta, asseio por espírito de caridade, atenção e delicadeza para com os outros, leve mortificação de todos os dias nalguma coisa que lisonjeie a nossa sensualidade, nada de singularidades.

As recreações.

Honestidade, benevolência de acções e de palavras, jovialidade, afabilidade, paciência para com o próximo, nada de contestações, nada de barulho, não tomar nada à má parte; prestando-se de boa vontade a tudo e a todas, não procurar dominar, mas procurar dar gosto e entreter e divertir; não perder a Deus de vista, praticar alguns actos de virtude, acabar no momento marcado.

O deitar.

Silêncio profundo, para a cama sem demora logo que se está livre, esperar o sono com os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos que quereríamos levar ao tribunal de Deus.

A Confissão e a Sagrada Comunhão.

Sempre Deus directamente em vista, Deus que me vai perdoar, Deus que vai dar-Se; antes de tudo e mais que tudo humildade e reconhecimento; preparar-se para esses

actos, desde a véspera, ao recitar o terço e o ofício; guardar o fruto da confissão e da Sagrada Comunhão, propor-se sempre uma intenção particular em cada comunhão.

Os aborrecimentos, as penas, as contradições.

Suportá-los com paz, por mais dolorosos e por mais longos que sejam. Deus os permite, Deus às vezes os envia directamente, eles têm sempre uma virtude santificadora. Ser insensível não é possível; ser submissa, resignada, paciente, é sempre possível à alma que vive unida a Deus; um dia sem nenhum sofrimento não é melhor para o Céu.

As penitências feitas em público.

São aquelas que são impostas no capítulo das culpas ou por ocasião dalguma falta accidental, ou mesmo que são simplesmente autorizadas pela Superiora: rezar com os braços em cruz, lembrança da atitude dolorosa e da oração de Jesus sobre a cruz; beijar os pés das irmãs, lembrança de Jesus prostrando-se aos pés dos seus Apóstolos ou lavando-lhes os pés, mesmo a Judas; beijar o chão, lembrança de Jesus oprimido, caindo no chão no jardim das Oliveiras; prostrar-se à porta da capela ou do refeitório, enquanto a comunidade passa, lembrança de Jesus carregado com os pecados dos homens e humilhado-se profundamente diante de Seu Pai.

Fazer todas estas penitências com pontualidade, simplicidade e espírito de fé.

Caridade.

Doce, compassiva, obsequiadora, prevendo e prevenindo necessidades; nada de contos e mexericos, nada de maledicência, nada de troça; sofrer tudo e de todos; evitar fazer sofrer os outros, saber humilhar-se para prestar um serviço e para o aceitar com simplicidade, perdoar com generosidade, nunca conservar a menor reserva, o menor ressentimento, o menor rancor.

Obediência.

A todos aqueles que têm autoridade, sem distinção, sem demora, sem réplica, sem murmuração.

Castidade.

Sem constrangimento, mas acautelada, guarda dos sentidos, do receio das mais pequenas liberdades, fuga das ocasiões nas nossas relações com as nossas irmãs, com os nossos parentes, na sala de visitas, mesmo connosco quando estamos sós.

Pobreza.

Dependência nas menores bagatelas, prescindir de tudo o que não é necessário, sempre menos que mais; procurar simplificar-se em tudo, mas nunca singularizar-se.

União com Deus.

Ver Deus habitualmente ao pé de nós, connosco, dentro de nós; ver Deus ao pé das nossas companheiras e em cada uma das nossas companheiras; vê-Lo nos nossos superiores, nas crianças que educamos, nos doentes que tratamos; ver sobretudo, Jesus Cristo no Tabernáculo; daí: respeito habitual, paz habitual, alegria habitual.

Oh, como é feliz a alma que tende a preencher assim cada uma das horas do dia, e a realizar, com as intenções indicadas, as acções que enchem essas horas! Quantos méritos nas mais pequenas das obras que ela pratica! Quanta glória dada a Deus! Quantas graças atraídas sobre a comunidade, sobre a povoação em que reside essa comunidade, sobre toda a Igreja!

Para excitar o vosso ardor e sacudir a vossa cobardia nas horas de desfalecimento, fazei estas reflexões: Porque deixei eu o mundo? Não foi porque me sentia frouxa no cumprimento dos meus deveres, não tendo nada que me forçasse a cumpri-los? Porque tinha razões graves para desconfiar da minha imaginação que nada retinha, do meu coração que o mundo cativava, dos meus sentidos que, pouco a pouco, ma arrastavam? Porque, numa palavra, eu tinha medo de me condenar? E aqui, queria ainda viver no temor de me condenar? Ah, esse temor seria fundado, se eu desprezasse a minha regra, que me força a cumprir os deveres do meu estado; se eu pouco me importasse, ou pouco me esforçasse, em ser obediente, pontual, piedosa, em refrear a minha imaginação, em reter os meus sentidos, em empregar, numa palavra, os meios tão úteis, tão práticos, tão certos que vim procurar na vida de comunidade.

E se eu não quero ser mais santa e mais perfeita do que teria sido no mundo, valia a pena abandonar os meus pais, a minha família, os meus bens e esse futuro risonho que se me apresentava? Valia a pena impor à minha família uma dor e um sacrifício de que ela sente ainda a amargura? Valia a pena renunciar à minha liberdade, para me sujeitar a uma regra que, apesar de tudo, é pesada? Deixar a minha vida calma e tranquila por uma vida de trabalho incessante e que é tanto mais custosa quanto menos santa eu sou?

7 - Graus de perfeição

O Pe. Granet exprimiu, por meio de imagens vivas e fortes, os diferentes graus de perfeição que, sobre a terra, podem conduzir-nos à união com Deus, prelúdio da união inefável e eterna que faz a felicidade do Céu.

Primeiro grau: *ser como um peregrino*.

Um religioso deve considerar-se sobre a terra como um peregrino que faz uma viagem e que regressa à sua querida pátria que é o Paraíso; é a qualidade que dá a todos os cristãos o Príncipe dos Apóstolos. Ora, um peregrino usa das coisas de passagem: não se afeiçoa nem se prende à sua hospedaria, não faz despesas para a mobilar e para a enriquecer, sabendo perfeitamente que tem de a deixar dentro de poucos dias. Um peregrino caminha sempre e com actividade, sobretudo quando os dias são curtos e os caminhos estão maus: *“Meus irmãos, diz S. Paulo, avançai a passos largos no caminho da perfeição porque o tempo é breve, a morte aproxima-se, o sol põe-se e os caminhos são perigosos”*.

Segundo grau: *ser como um crucificado*.

Um religioso deve ser mais que um peregrino sobre a terra, deve ser um crucificado: *“Aqueles que são de Jesus Cristo, diz S. Paulo, crucificaram a sua carne com os seus vícios e as suas más inclinações”*. *“Ora, ser crucificado, diz S. Bernardo, é considerar como delícias o que o mundo chama cruces, é considerar como cruces o que o mundo chama delícias”*. Ser crucificado é fazer da necessidade virtude e da virtude necessidade. É estar pregado tão solidamente à vontade de Deus com os cravos do temor, da esperança, e do amor, que nada possa jamais arrancar-vos ao seu serviço. A qualquer proposta que o afastasse, mesmo levemente, do seu dever, o crucificado deve dizer: *“Eu não posso”*.

Um peregrino pode ir aonde quiser, pode avançar ou recuar quando lhe apraz; um crucificado está privado do uso dos seus membros, deve permanecer onde Deus o colocou e permanecer lá com amor.

Terceiro grau: *ser como um morto*.

Um religioso deve ser mais que um crucificado; aquele que está na cruz vê ainda o que está diante dele, ouve o que se diz, tem o uso dos seus sentidos. Um religioso, para ser perfeito, deve estar morto para a vida sensual. Ora, um morto, já não vê, já não ouve, já não saboreia, já não teme, já não deseja. Se lhe batem, se o injuriam, se o

cortam em bocados, não sente o mal que lhe fazem, não se ofende com isso. Decerto não é possível sobre a terra ser assim insensível, mas é possível, com o auxílio da graça e por efeito do hábito constante, mortificar-se, lutar contra as suas paixões, reprimi-las, não conceder aos sentidos senão o necessário, viver sob a mão de Deus como um morto que não tem outro movimento senão o que se lhe dá.

Quarto grau: *ser como sepultado*.

Um religioso deve ser mais que um morto; deve ser como um sepultado. Um morto ainda se vê; prestam-se-lhe honras, leva-se para a cova com pompa e aparato; mas uma vez sepultado a sua lembrança apaga-se pouco a pouco, e em breve é completamente esquecido. O religioso, também deve chegar ao ponto de ser como sepultado, isto é, desconhecido, desprezado, esquecido, abandonado. Deve gostar, deve comprazer-se em viver sem honras, sem glória, sem prazeres; não que ele procure precisamente e directamente o desprezo e a desonra, mas que os aceite com paz, com coragem, com constância, com acção de graças, quando Deus permite que essa prova lhe esteja reservada.

Quinto grau: *ser como um condenado às trevas*.

É o último grau de perfeição. É aquele que nos faz depender inteiramente de Deus; aquele que nos faz viver na nudez completa de todas as coisas espirituais por um efeito especial da vontade divina sobre nós: sem luzes, sem consolações, sem apoio; é a privação da presença sensível de Deus, é o exílio do coração, e às vezes, o abandono às potências do inferno.

Queridas almas provadas, permaneçei em paz firmemente unidas a Deus que nunca abandona na realidade as suas criaturas amadas como vós o sois; vivei sem desconfiança, sem murmuração, esperai alguns dias; o divino Salvador permaneceu três dias nas trevas do túmulo, depois veio para Ele a ressurreição gloriosa; ela virá para vós também, essa ressurreição gloriosa e será eterna como a de Jesus.

8 - Principais artifícios do demónio para desviar da perfeição

Os principais artifícios de que o Demónio se serve para nos desviar da perfeição, são:

1. As piedosas indiscrições na conduta.

O Demónio leva as almas religiosas, ávidas de serem perfeitas, a entregar-se às mortificações extraordinárias: são disciplinas ou cilícios além do que indica ou tolera a regra, é a privação do sono para multiplicar as orações, é uma cama que se tornou mais dura ou mesmo áspera, é a diminuição do alimento... Faz-lhe experimentar, nesses actos, atractivos e doçura, e impede que falem deles ao seu director, sob pretexto de que não ousam, não são capazes de o fazer, e de que, afinal de contas, isso não é necessário.

Ora, o empenho e o gosto que elas têm nessas mortificações fora da regra desviam-nas das mortificações mais importantes, resultado do cumprimento do seu dever, da atenção em se corrigirem dos seus defeitos, em serem doces nas suas palavras, simples nas suas acções, obedientes às ordens dos superiores, livres de todo o apego ao seu juízo, desprendidas de todas as afeições desordenadas.

Se a religiosa assim exagerada é dum temperamento ardente, se ela é levada ao orgulho, essa tentação do Demónio torna-se muito perigosa. Ela não suportará por muito tempo esse género de vida que não é regulado, nem pela prudência, nem pela humildade, nem, sobretudo, pela obediência, e do que é excessivo passará depressa ao insuficiente; e, desse andaime, desse palanque de mortificações orgânicas ou orgulhosas, não restará senão um amor-próprio irritado ou uma preguiça que achará fatigante todo o género de trabalho, ou uma fraqueza de saúde que impedirá de trabalhar. Acautelai-vos, desconfiai de tudo o que é feito fora da regra e de tudo o que o Demónio vos diz que oculteis ao vosso confessor ou à vossa superiora, qualquer que sejam as razões que ele vos dê.

2. As resoluções imprudentes.

Qual de vós, sobretudo depois dum bom retiro, não tomou as mais belas resoluções? Qual de vós não se comprometeu a ser santa, a sê-lo imediatamente, e por isso não quis reformar interiormente a sua conduta? Era belo e perfeito de mais, e eis porque, passados alguns dias, nós nos cansámos e voltámos a ser o que éramos antes. Não queirais abranger muitas coisas ao mesmo tempo; em vez de contar as vossas resoluções, pesai-as; procurai as mais essenciais, as mais fecundas, as mais práticas, as mais activas; fazei-as sancionar pelo vosso confessor ou pela vossa superiora e cingi-vos rigorosamente à sua observância.

Uma resolução por retiro é muito, se é bem observada: “Se todos os anos desarreigássemos um vício ou um defeito, um só, diz a *Imitação*, em breve seríamos santos.

3. *A espera duma mudança de posição para começarmos a ser perfeitas.*

O Demónio, no mundo, faz crer a muitas pessoas que, se não tivessem uma determinada preocupação, um determinado sofrimento, uma determinada tentação, se certas circunstâncias de situação mudassem, se não vivessem mais tempo com uma certa pessoa, se os seu negócios se regulassem, pôr-se-iam generosamente a trabalhar na sua perfeição.

O Demónio dá o mesmo pensamento a muitas religiosas; elas imaginam que, se não estivessem nesse emprego que as absorve, se não tivessem essa superiora que não lhes agrada, se não fossem obrigadas a viver com essa companheira que lhes é antipática... elas seriam mais piedosas, mais bem comportadas, mais perfeitas.

Ilusões, pobres almas! Em primeiro lugar, não é dentro dum mês, dentro duma semana, que deveis começar a trabalhar no vosso aperfeiçoamento, mas hoje, mas nesta hora mesmo; e, em seguida, a vossa situação, o vosso emprego, o vosso cargo, o vosso meio, as vossas provas serão precisamente os meios que Deus vos dá para vos tornardes perfeitas.

Não se trata de mudar as coisas, mas de vos servirdes do que é, como doutros tantos degraus para subirdes até Deus; trata-se unicamente dessa página que ledes nesta hora, do trabalho a que vos entregais por obediência, das relações que tendes com uma determinada companheira, das orações que fazeis; oh!, ponde, pois, em tudo isso, a intenção e a perfeição que Deus pede.

Talvez não sejais bem sucedidas no trabalho que vos está confiado; talvez sejais humilhadas sem razão, repreendidas injustamente; eis uma excelente ocasião de não procurar senão Deus, de desprender o vosso coração, de fazer morrer o vosso amor próprio.

Talvez essa irmã, com quem a obediência vos manda trabalhar, seja a graça de que a Providência se quer servir para vos santificar; é vivendo com ela, é sofrendo por causa dela e por meio dela, é sendo mansa e humilde de coração com ela, que encontrareis o tesouro escondido da perfeição.

Ah! não digais pois: “Eu começarei quando estiver em tal ou tal situação; digei: eu começo imediatamente, e pela acção que tenho de praticar neste momento”.

IX - OBRIGAÇÃO DA RELIGIOSA: SOFRER

Os dias da minha peregrinação sobre a terra são de cento e trinta anos, dizia o patriarca Jacob ao vir do Egipto; muitos males os atravessaram e esses dias foram breves e maus (Gen 47). Estas palavras são o resumo mais fiel de toda a vida humana. Nós nascemos para sofrer, e, do berço até ao túmulo, a vida para todos quase que não é outra coisa do que um luto mais ou menos sombrio, uma aprendizagem do sofrimento, uma luta sem tréguas nem descanso com a dor. *“Viver muito tempo, diz S. Agostinho, é sofrer uma tortura mais longa”*.

Esses sofrimentos e essas dores e essa tortura pesam sobre todos os homens sem excepção: “O homem nascido da mulher, diz o Espírito Santo, vive poucos dias e é cheio duma multidão de misérias” (Job 4).

Exporemos:

- 1º A necessidade do sofrimento;
- 2º A natureza e as causas do sofrimento;
- 3º As diferentes formas de sofrimento;
- 4º A maneira de suportar o sofrimento;
- 5º Os efeitos do sofrimento.

1º. Necessidade do sofrimento.

1. A necessidade do sofrimento é fundada, para todos os homens em geral, *sobre a nossa natureza*, tornada acessível à dor e condenada ao sofrimento em castigo do pecado original.

O homem não foi criado para sofrer, foi para ser feliz que Deus o colocou sobre a terra; e essa felicidade que ele experimentou durante alguns dias, ficou sendo o móbil de todas as suas acções, a tendência invencível de todo o seu ser, a incessante aspiração da sua alma! Ai! ele já não encontra senão como que de passagem a sua inefável doçura!

É que o homem se revoltou contra Deus e, em castigo desse pecado, Deus amaldiçoou a terra e pronunciou contra o homem essa sentença fulminante: *“Comerás o teu pão com o suor do teu rosto”* (Gen 3); e depois, a humanidade caminha, arrastando

no exílio a longa cadeia das suas desgraças e levando na frente os estigmas do anátema e da decadência.

O sofrimento foi o pecado que o fez, como fez a morte: eles são, um e outro, o soldo, o estipêndio do pecado, e a vida já não é senão um hospital onde todos nós somos colocados para sermos tratados, diz S. Francisco de Sales; quando não tivermos mais que sofrer, sairemos de lá como se faz sair um doente do hospital logo que se acha curado; e é só pelo sofrimento que a nossa cura se opera.

Regulai todas as vossas coisas segundo o vosso capricho, diz a *Imitação de Cristo*, pois encontrareis sempre e em toda a parte que, por bem ou por mal, há algum sofrimento a suportar: sempre encontrareis a cruz, quer nas dores corporais, quer nas aflições do espírito.

A cruz! ela está sempre erguida diante de nós; ela está sempre à nossa espera! Voltai-vos para cima, para baixo, para dentro, para fora, em toda a parte a vereis; em toda a parte, se quereis a paz do coração e a vida eterna, ser-vos-á preciso levá-la com paciência.

O Espírito Santo resume em duas palavras a vida do homem sobre a terra: *Labor et Dolor*, trabalho e dor, e dá a razão disso: punição e expiação.

2. É fundada, para todos os homens em geral, *sobre os pecados pessoais* que eles cometeram e que devem necessariamente expiar.

Todo o pecado é uma injúria feita a Deus, desobedecendo-Lhe ou preferindo-Lhe uma criatura, ou a sua própria satisfação; ora Deus, que é a justiça e a santidade por excelência, deve a Si próprio que essa injúria seja reparada; e, como todo o pecado é um gozo do espírito, do coração ou dos sentidos, procurado contra a vontade de Deus, é preciso que esse gozo seja expiado por uma pena do espírito, do coração ou dos sentidos, que restabeleça a ordem violada.

A dor tem sempre a justiça de Deus por autor e o pecado do homem por causa. O sofrimento segue o pecado, como a sombra segue o corpo, diz Mons. de Ségur. Às vezes não o segue imediatamente, às vezes até parece ser-lhe poupado neste mundo; mas, cedo ou tarde, ele virá, tanto mais terrível quanto tiver sido mais retardado.

O pecado, diz S. Paulo, *é a raiz de todos os males*⁴². “A concupiscência, diz S. Agostinho, *é a origem de todas as misérias que oprimem as criaturas racionais: origem*

⁴² 1Tim 6, 10

da doença, origem do desgosto, origem do terror, origem da humilhação, origem de dificuldades sem número”.

Sem dúvida, pela contrição das suas faltas e pela absolvição, o homem recuperou a inocência; mas nem por isso recuperou a paz completa e a ausência das dores: *“Se alguém pretender, diz o Concílio de Trento, que a remissão da falta traz consigo a remissão de toda a pena devida ao pecado, seja anátema”*. Daí, o dogma da satisfação fora do tempo; daí o dogma da satisfação no tempo: daí a dor reparadora de que havemos de falar.

Podemos ser às vezes tentados a crer que sofreremos sem causa. Entremos então dentro de nós mesmos, sondemos diante de Deus e à sua luz as pregas mais ocultas dos nossos corações. A primeira coisa a fazer, quando uma desgraça vem precipitar-se sobre nós, é examinarmo-nos; reconheceremos em breve que somos justamente punidos. Porque, qual é o homem que sinceramente pode dizer com verdade: Eu nunca pequei? A justiça humana pode às vezes ferir um inocente; a justiça de Deus, nunca.

Para a espécie humana como para o indivíduo, todo o mal é uma pena, um castigo... Mas, no entanto, fixemos bem isto: para o indivíduo, toda a pena (excepto a última) é infligida tanto pelo amor como pela justiça. Deus é sempre Pai, sobretudo quando castiga, e não Se resolve a perder eternamente o pecador, senão quando vê a invencível obstinação dele no pecado.

3. É fundada, para todos em geral, *sobre a obrigação de combater* o que ficou anteriormente estabelecido e provado.

Como combater:

1º *Usar de precauções*, isto é, velar sobre os nossos sentidos e sobre as nossas faculdades para impedir que os agentes exteriores os atraíam para fora do dever;

2º *Lutar contra as nossas tendências* para moderar o seu ardor e contê-las, apesar de tudo, nos limites prescritos pela lei de Deus; não é possível, sob esse ponto de vista, deixar de sofrer.

Os nossos sentidos, as nossas inclinações, o Demónio são inimigos encarniçados e poderosos em demasia para não se irritarem com a nossa luta e não resistirem à violência que lhes fazemos, e nós somos por demais delicados para não sentirmos os efeitos dessa resistência, isto é, sofrer. Quando S. Paulo nos diz: *“Revesti-vos de todas as armas de Deus, a fim de poderdes defender-vos dos embustes e dos artifícios do*

Demônio, porque temos de combater, não contra homens de carne e de sangue, mas contra os principados e as potências infernais, contra os príncipes do mundo, contra os espíritos de malícia espalhados no ar”,⁴³ anuncia-nos este combate contínuo, e o sofrimento, consequência necessária desse combate.

4. É fundada *sobre a obrigação de merecer o Céu*. O Céu é um reino a conquistar. Jesus Cristo no-lo disse expressamente: “O reino do Céu sofre violência e só os violentos podem conquistá-lo”;⁴⁴ ora, esta violência a empregar, indicada duma maneira tão geral, estendendo-se a todas as idades da vida e de todas as situações, não indica o sofrimento, que é a sua consequência necessária, suportado em todas as idades da vida e em todas as situações?

Para conquistar o Céu não há outro meio: Ninguém, diz S. Paulo, será coroado se não tiver corajosamente (rigorosamente) combatido.⁴⁵ Não receeis aceitar e levar a cruz, acrescenta a *Imitação*. A cruz é a salvação, é a vida. A cruz é a muralha que nos põe em segurança. A cruz é a fonte das suavidades celestes, é a força da alma e a alegria do espírito. Sem a cruz não há salvação, sem a cruz não há esperança de vida eterna.

5. É fundada, para quase todos, e para os religiosos em particular, *sobre a obrigação de se assemelharem a Jesus Cristo*.

Todo o cristão é outro Jesus Cristo. Um cristão não será admitido no Céu senão enquanto houver uma certa semelhança entre a sua vida e a de Jesus Cristo. Foi para que esta conformidade fosse possível que Jesus Cristo passou trinta anos sobre a terra, vivendo uma vida sem brilho, dando a todos exemplos das virtudes mais simples, pedindo a todos que O imitassem, cada um segundo o seu estado, e a nós, que Ele chamou para nos unirmos mais intimamente com Ele, pedindo dum modo muito especial que continuemos a sua obra de Salvador para a qual veio à terra. Ora, foi pela cruz e pelos sofrimentos que Jesus Cristo salvou o mundo; e é pela cruz e pelos sofrimentos que poderemos continuar sua obra, nós todos, que temos a honra de ser escolhidos por Ele e que temos o sobrenome de apóstolos, seja qual for o género de missão que nos seja dado: missão de oração contínua, missão de anunciar a palavra de Deus, missão de dedicação ao alívio das dores, e qualquer que seja o nome que nós tenhamos: sacerdotes, religiosos, missionários, religiosas. Ouvi a palavra do Divino

⁴³ Ef. 11, 12

⁴⁴ Mt 11, 12

⁴⁵ 2 Tim 2, 5

Mestre dirigindo-se directamente a nós: *“Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, fica só e sem fruto, mas, se morrer, produzirá frutos abundantes”*⁴⁶. Esta comparação exprime já bem claramente o pensamento do Divino Mestre; mas, para tornar impossível qualquer mal entendido, Ele próprio se apressa a dar a explicação: *“Aquele que amar a sua vida, perdê-la-á, e aquele que odiar a sua vida no mundo, encontrá-la-á de novo na eternidade. Aquele que pretender servir-Me, caminha após de mim, e onde Eu estiver, esteja também o Meu ministro”*.⁴⁷)

Jesus Cristo não podia dizer-nos mais claramente que não podemos conquistar as almas por outros meios a não ser aqueles que Ele pôs em prática. Ora, por mais eficaz que seja a Sua palavra, por mais meritórios que sejam os seus trabalhos, por mais poderosas que sejam as suas orações, é, contudo, aos seus sofrimentos e à sua morte que a salvação das nossas almas é especialmente atribuída, quer por Ele próprio, quer pelos Seus intérpretes autorizados, os Profetas e os Apóstolos: *“Nós encontramos nossa cura nas suas feridas”*, diz Isaías.⁴⁸ *“Ele incorporou em si os nossos pecados, diz S. Pedro, e fê-los subir consigo à cruz, a fim de que, mortos para o pecado, vivêssemos para a justiça”*.⁴⁹ *“Não há remissão para vós, dizia S. Paulo aos Hebreus, mostrando-lhes Jesus crucificado, se para vós não há sangue derramado”* (Heb 9).

O próprio Divino Mestre exprime-se com mais energia quando nos diz que, para entrar como nosso chefe, na glória eterna, foi preciso que sofresse tudo o que sofreu.⁵⁰

6. É fundada, para os religiosos em particular, sobre a obrigação em que os colocou os seus votos, de serem vítimas.

Jesus Cristo, cabeça divina do seu corpo místico que é a Igreja, perpetua-Se, diz o Pe. Lyonard, e prolonga-Se de algum modo em cada um dos seus membros sob algum dos traços característicos da sua existência.

No simples fiel, Ele continua a sua vida privada e, por assim dizer, a sua vida doméstica de Nazaré.

No sacerdote, Ele continua a sua vida pública de pregador e a sua função de sacrificador.

No religioso, na religiosa, Ele continua a sua vida e a sua função de vítima.

⁴⁶ Jo 22,2

⁴⁷ Jo 12,25-26

⁴⁸ Is 53,19

⁴⁹ 1 Pd 2,24

⁵⁰ Cf. Lc 24, 26

Tronco divino, cepa divina, a vida de Cristo vai-se, pois, comunicando como uma seiva fecunda, formando três grandes ramos estreitamente unidos, os quais, unificando-se por sua vez, vão levar a vida divina de Cristo até ao último e mais pequeno ramo dessa árvore misteriosa.

O primeiro é a vida de Cristo continuada nos fiéis: *é a vida cristã*;

O segundo é a vida de Cristo, doutor e sacerdote, continuada nos sacerdotes: *é a vida sacerdotal*;

O terceiro é a vida de Cristo, vítima e obediente, e crucificado, continuada nos religiosos: *é a vida religiosa*.

Todo o religioso, qualquer que seja a natureza do seu ministério, é, pelo simples facto da sua profissão religiosa, oficialmente deputado e destinado a perpetuar sobre a terra o sacrifício de Jesus Cristo, na qualidade de vítima associada à divina vítima do Calvário para a salvação do mundo.

Chamam-se religiosos, diz S. Tomás, aqueles que se dedicam totalmente ao serviço divino e que se oferecem a Deus como um holocausto. Efectivamente, o estado religioso pode ser considerado como um holocausto, pelo qual uma pessoa se oferece a Deus inteiramente, com tudo o que possui. Oferecem-se a Deus os bens exteriores, pelo voto de pobreza voluntária; consagrando-se-Lhe o bem do próprio corpo, principalmente pelo voto de continência, oferece-se-Lhe, enfim, o bem da alma pela obediência, porque se Lhe faz desse modo o sacrifício da vontade própria.

Um religioso é, pois, pela sua vocação, uma vítima, ou, quem diz vítima, diz um ser votado ao sofrimento e à imolação.

S. Francisco de Sales indicava-o claramente a uma jovem professa a quem escrevia: *“Eis-vos sobre o altar sagrado, em espírito, a fim de serdes aí sacrificada e imolada, e mesmo consumida em holocausto... Eis-vos docemente, toda morta para o mundo, e o mundo todo morto em vós; é uma parte do holocausto; restam ainda duas: uma é esfolar a vítima, despojando o vosso coração de si mesmo, cortando e quebrando todas essas pequenas impressões que a natureza e o mundo vos dão; a outra, queimar e reduzir a cinza o vosso amor próprio e converter inteiramente, em chama de amor celeste, a vossa querida alma”*.

Mais que todos os outros, ó religiosos, esperai, pois, sofrer, não só por consequência directa das privações a que vos submetestes por meio dos votos, mas por

uma vontade expressa de Deus, que continua, por meio de vós, a vida padecente de seu Filho Jesus Cristo.

Lembrai-vos de que a vítima já não vive para ela, mas para Aquele que recebeu o seu sacrifício; a glória de Deus a reparar é o seu pensamento único. Tornando-a o pecado de que ela se carregou, indigna de todo o direito, ela não se queixa nunca de que lhe fazem mal. Tendo-se abandonado à justiça divina, a sua tendência universal é ser entregue passivamente à acção de Deus, como, por assim dizer, joguete da sua vontade e, por consequência, (?)⁵¹ à das criaturas mais pequenas. Ela está num estado habitual de expectativa, calma, tranquila, submissa, generosa.

E não só a vítima espera e aceita o sofrimento, mas às vezes também o pede com simplicidade. Uma alma dedicada, uma menina, em 1866, oferece a sua vida por Pio IX e Deus chama-a a si; Mons. de Ségur, na sua primeira Missa, pede a enfermidade mais cruciante que não impedisse o exercício do seu ministério, e Deus envia-lhe a cegueira. Súplicas como estas dão grande honra a Deus, mas requerem um atractivo especial e, sobretudo, a submissão a um director prudente.

É tão belo, tão grande, tão generoso este estado de vítima. A vítima voluntária é um composto de força e de amor, e a alma que possui esta força e este amor num grau superior, pode, diz um religioso, decidir diante de Deus da sorte duma nação; ela é, acrescenta Luís de Alois, mais útil à Igreja numa hora do que as outras, qualquer que elas sejam, em muitos anos. Sede, pois, felizes em terdes sido escolhidas para serdes vítimas, Ribet, felizes de sofrer, felizes de continuar a obra de Jesus Cristo. É a lei do cristianismo, diz o P. que a restauração do homem decaído se realiza pelo sofrimento voluntário. Jesus Cristo glorificou Seu Pai e resgatou o homem, sofrendo, e quer prolongar nas almas mais santas a sua reparação e a sua redenção pela dor.

7. É fundada, para algumas almas em particular, *sobre a escolha que Deus Nosso Senhor teve a bondade de fazer delas como vítimas particulares.*

Deus, diz o Pe. Lyonnard, para fins que Lhe são conhecidos, escolheu para Si vítimas especiais e comunica-lhes, para salvação de seus irmãos, uma larga participação nos sofrimentos de seu divino Filho e, por consequência, no seu título e na sua função de vítima.

⁵¹ Palavra ilegível.

Percorrendo os anais da Igreja, seria fácil demonstrar esta afirmação com factos numerosos que a poriam em evidência. Com efeito, Deus escolheu para Si, em todos os tempos, almas fervorosas para fazer delas vítimas agradáveis a seus olhos; sobre elas aprouve-Lhe descarregar os golpes que a sua justiça reservava, quer a uma cidade, quer a uma nação, quer mesmo à sua Igreja, por causa da infidelidade de seus filhos. É assim que Ele tinha descarregado sobre a inocente vítima do Calvário, seu Filho amado, os rigores que a sua justa cólera reservava à sua humanidade culpada

Dizer o terno amor, a terna predilecção que Deus Pai tem a essas almas a quem deu um traço muito particular de semelhança com seu Filho crucificado, é coisa impossível.

Para lhes dar gosto, não há milagres de graça que Ele não esteja disposto a conceder às suas orações, sobretudo quando elas Lhas apresentam misturadas com lágrimas, com sangue e com as agonias de Jesus, assim como com as suas próprias lágrimas e as suas próprias agonias.

Ora, se Deus escolheu para Si, indistintamente, vítimas especiais em todas as classes da sociedade cristã, é todavia certo que as escolheu mais numerosas nas comunidades religiosas, nessas comunidades chamadas, com tanta justiça, por um Bispo, pára-raios que afastam para longe das cabeças culpadas e que recebem sobre si mesmas os raios da cólera divina prestes a explodir e a puni-las.

8. É fundada, para algumas almas em particular, *sobre a afeição inteiramente especial que Deus Nosso Senhor tem por elas.*

Deus castiga aqueles que ama.⁵² Eis uma palavra que será eternamente o escândalo do homem de carne e sangue. Ele não compreenderá nunca o amor que fere, que tortura; e, contudo, é o amor do Pai que corta, apesar das lágrimas do seu filho, o membro gangrenado desse ser muito amado que o mal ia matar; é o amor da mãe, para tornar a sua filha bela, muito bela, não teme fazer-lhe sofrer uma operação dolorosa a fim de lhe tirar do rosto o que o afeitava.

Nós não temos que entrar aqui na exposição desse estado da alma que os místicos chamam as purificações passivas e que fazem passar a alma, que Deus favorece assim, “por uma série de tribulações exteriores e interiores que a encham de angústias, a entregam a todos os assaltos da concupiscência, dos homens e dos demónios, a lançam

⁵² Hebr 12, 6

num cadinho ardente que consome as suas manchas, os seus instintos carnaís, a sua vida própria, e donde ela sobe, pura, resistente e brilhante como o ouro, animada duma vida nova, inteiramente dócil à acção e às inspirações de Deus” (Ribet – *Mystique divine*).

Essas provações honrosas, que Santa Ângela de Foligno teria trocado por todos os tormentos desta vida, e que igualam, segundo o testemunho do Cardeal Bona, os suplícios suportados no inferno, não são a partilha senão dum pequeno número, e nós não devemos falar disso por enquanto.

Contentar-nos-emos de levantar uma ponta do véu, que cega até muitas almas consagradas a Deus, e de lhes mostrar a acção do amor mais terno nessas provações que, suportadas ao serviço dum Deus tão bom e tão paternal, lhes parecem uma verdadeira contradição.

1º É uma lei geral que aquele que Deus ama deve ser submetido às provações

É a lei do Antigo Testamento: *“Porque eras agradável a Deus, diz o Anjo a Tobias, foi necessário que fosses provado”*.⁵³

É a lei do Novo Testamento: *“O discípulo não é mais que o mestre, nem o escravo mais que o seu senhor. Basta ao discípulo ser tratado como o seu mestre e ao escravo ser tratado como o seu senhor. Se, portanto, deram ao Pai de família o nome de Belzebu, com maioria de razão tratarão assim os servos”*.⁵⁴

É a lei publicada pelos Apóstolos: *“Todos aqueles que querem viver em Jesus Cristo, com piedade serão perseguidor”*.⁵⁵

É a lei proclamada pelos santos Doutores e que esta palavra de Bossuet resume: *“Deus tomou a resolução de afligir os Santos”*.

É inútil, portanto, procurar iludir-nos: toda a alma que abraça generosamente e plenamente o partido da virtude, deve esperar ser provada: *“Meu filho, diz o Espírito Santo, quando entrares ao serviço de Deus, permanece firme na justiça e no temor do Senhor, e prepara a tua alma para a provação”*.⁵⁶

2º Esta lei é o resultado do amor de Deus e dum amor inteiramente especial. Querendo Deus, enquanto elas se conservam sobre a terra, tornar algumas almas privilegiadas mais santas, dignas Dele, mais unidas a Ele, começa esta união íntima da

⁵³ Tob 12,13

⁵⁴ Mt 10, 24

⁵⁵ 2 Tim 3, 12

⁵⁶ Ecl 2, 1

sua natureza com a natureza delas purificando-as pelas provações como um dia teriam sido purificadas pelas chamas do Purgatório.

Como as almas que saem dos seus corpos têm de ser preparadas para a glória passam, passando pelo Purgatório para ali se purificarem completamente e tornarem-se dignas do Céu, assim, diz S. Teresa, *“nesta vida, antes de chegarem à perfeita união com Deus, as almas têm geralmente necessidade de passar por provas extraordinárias, a fim de serem por essa forma purificadas e tornadas capazes de gozar Deus”*. É, de algum modo, as penas do Purgatório que elas sofrem.

E então, a essas almas assim purificadas, Deus, mesmo sobre a terra, une-se duma maneira tão íntima e tão inefável, que este estado de sofrimento é para elas o Céu. *“Elas gozam verdadeiramente de Deus, diz o Pe. Surin, e participam dum bem que não se pode compreender”*. *“Oh, que felicidade sofrer, e sofrer sempre, escrevia Santa Margarida Maria. Nada é capaz de me agradar senão a cruz do meu Divino Mestre; uma cruz como a sua, ignominiosa, pesada, sem alívio, sem consolação. Que outros façam consistir a sua felicidade em subir o Tabor. Quanto a mim não quero senão o sofrimento, nada mais que o sofrimento. Oh, que felicidade poder sofrer em silêncio e morrer sobre a cruz, no meio de todas as tribulações do corpo e do espírito”*.

E essas almas, logo que se separem do seu corpo, não tendo mais nada a expiar, lançam-se e mergulham, com a violência do amor mais ardente, no seio de Deus, que Se abre subitamente diante delas e que as recebe para a eternidade.

Foi uma graça de escolha que Deus lhes concedeu; nós a compreenderemos ao estudar os efeitos do sofrimento.

9. É fundada, para a religiosa em particular, *sobre a obrigação de conservar, em toda a sua pureza, o amor que ela tem por Deus*.

Amar a Deus é, como dissemos, a obrigação essencial da religiosa, aquela, de resto, que melhor corresponde à sua natureza. Foi o amor de Deus que, tendo-lhe feito ver os amores da terra como muito frágeis, bem pouco em relação com essa necessidade que ela sentia de amar sempre, de amar até ao sacrifício, a conduzia a Deus, que é o amor puro, o amor verdadeiro, o amor completo, o amor eterno.

Ela abraçou a vida religiosa para ser sempre virgem e para amar mais e, fazendo esse acto, ela não julgou fazer um acto nem admirável, nem heróico: ela obedeceu ao impulso da graça em relação com a sua natureza.

Nela, o amor e o sacrifício confundiram-se num mesmo pensamento, porque o amor verdadeiro é o esquecimento absoluto de si mesma, para se ocupar unicamente do seu amado e sacrificar-lhe tudo o que ela pode. O amor, para ela, era a abnegação; ela não entrou na casa religiosa senão para amar, para se dar, para se renunciar.

E isto a tal ponto, que essa alma, se fosse demasiado feliz, tremeria, imaginando não amar ou, ao menos, não saber testemunhar o seu amor; ela crê que é preciso sofrer para ter a certeza de se ter dado; o coração menos puro quer gozar nas suas afeições, o coração puro não quer senão sofrer.

Todo o amor verdadeiro tem fome e sede de sofrimentos. Ele teme, e com razão, que as mais puras alegrias o alterem, o enervem o diminuam; e teme-as quase como outros temem o pecado. Pode haver exagero, mas há o sentimento delicado da conservação da inocência. Para amar bem, é preciso ser muito puro, e a pureza não conserva toda a sua frescura senão no meio das tribulações: é o lírio entre os espinhos. O coração mais bem guardado é aquele que os sofrimentos guardam.

A alma gasta-se facilmente em desafogos excessivamente prolongados; ela não será capaz de os suportar senão no Céu, porque lá será mais forte; ela cansa-se também; mas que alma generosa jamais se cansou de sofrer por causa da sua ternura? Que coração se queixou jamais de se dedicar sempre? Diz-se basta, à alegria; não se diz nunca basta, à dedicação que custa. O sofrimento alimenta, exalta, reaviva e santifica o amor.

Sofrei, pois, com felicidade, as dores que Deus vos envia; elas são para vós, almas consagradas a Deus, o que são as tempestades para as ondas; elas vos conservam puras e amantes, elas vos dão a satisfação tão doce de sentir que vós amais a Deus!

2º A natureza e as causas do sofrimento;

1. O sofrimento, em geral, é tudo o que faz experimentar uma sensação ou um sentimento penosos.

Ele é físico ou moral, segundo afecta especialmente o corpo ou a alma, mas, quer tenha a sua sede especial no corpo ou na alma, todo o ser sente os seus dolorosos efeitos.

2. O sofrimento vem sempre de Deus, ou enviado directamente por Ele, ou permitido e medido por Ele.

Diz-se que vem directamente de Deus, quando Deus opera sobre a alma ou sobre o corpo sem intermediário: é para o corpo uma doença que não tem causa conhecida; é para a alma, para o espírito, para o coração, um estado de enfado, de secura, de abandono, de inquietação, de apreensões contínuas, de tentações horríveis e incessantes.

Nota: O fim do nosso trabalho não nos permite entrar, relativamente aos sofrimentos da alma, nas particularidades que dão os autores místicos. Essas particularidades têm o que quer que seja de espantoso. Representam bem o que o Pe. Surin chama o purgatório e o inferno da alma, e o que S. Teresa diz não poder comparar melhor do que com os sofrimentos dos condenados. Encontram-se nas obras de S. João de Cruz, de Fr. Tomé de Jesus, no seu livro da contemplação, na vida de S. Teresa, de S. Maria Madalena de Pazzi, do Btº Henrique Suzo, nos escritos da Beata Angela de Foligno... De resto, as almas que Deus favorece com esses sofrimentos têm menos necessidade de livros do que dum director experimentado. Diz-se que o sofrimento vem indirectamente de Deus quando dá às criaturas a permissão ou mesmo a missão de nos fazer experimentar alguns efeitos dolorosos; mas então nós sabemos que ele traça limites que essas criaturas, por mais encarniçadas que estejam contra nós, não podem ultrapassar; que ele mede a intensidade da dor pelas forças que nos deu, e o tempo da dor pelo grau de perfeição ao qual nos quer fazer chegar.

O sofrimento pode, pois, ter por agente, sob a dependência de Deus:

1º. *O Demónio*, a quem Deus permite que nos tente e nos atormente mesmo fisicamente, e de que Deus se serve para nos provar e nos santificar pela dor, como vemos na história de Job. O homem não caiu no pecado senão por instigação do Demónio, e Deus castigou-o abandonando-o, numa certa medida, ao poder do Demónio.

2º. *A nossa Superiora e o nosso confessor*, contra os quais às vezes experimentamos sentimento de antipatia, que não tem razão de ser mas que exige de nós uma verdadeira violência cada vez que devemos aproximar-nos deles, contra os quais nós temos prevenções, que, na nossa imaginação exaltada e enganada pelo Demónio, supomos não terem afeição por nós ou serem injustos para connosco.

Deus Nosso Senhor pode ainda permitir que os nossos Superiores, como vamos dizer, tenham prevenções contra nós, que nos julguem desfavoravelmente, que nos julguem culpados e se mostrem severos para connosco.

3°. *As nossas companheiras*, que podem ser uma ocasião de sofrimento, quer voluntariamente, quer, sobretudo e quase sempre, involuntariamente, pelo seu carácter oposto ao nosso, pela sua maneira de ser. Pelo seu critério mais ou menos recto, pela antipatia toda natural que sentem por nós, mesmo pela sua piedade, que pode ser para nós um motivo permanente de pequenos sofrimentos, pelas exigências da sua natureza, de que elas não têm consciência e que nós achamos insuportáveis.

4°. *O nosso emprego*, que pode ser oposto aos nossos gostos, às nossas aptidões, à nossa saúde.

5°. *O nosso temperamento*, que é delicado, fraco, impressionável, doente (moralmente afectado).

6°. *O nosso carácter*, que é susceptível, desconfiado, ciumento, impaciente do jugo, instável, inconstante, irascível.

7°. *Os nossos amigos*, que nos deixam, nos abandonam, nos atraíam e às vezes nos caluniam.

8°. *Os acidentes de todos os dias*, que são para nós, a cada instante, uma causa de inquietação, de contrariedades, de incómodos, de privações, de humilhações.

9°. *A velhice* ou as *enfermidades precoces*, que produzem a fraqueza dos membros ou dos sentidos e a caducidade do espírito, que detêm a nossa actividade exterior, nos tornam um objecto de compaixão, às vezes de desprezo e de desgosto para as nossas companheiras, obrigando os nossos superiores a tirar-nos todos os empregos, a pôr-nos de lado, a deitar-nos, como nós dizemos com um sentimento de amargura, para o cesto dos papéis velhos ou para o caixote do lixo.

3° As diferentes formas de sofrimento⁵⁷

Vamos estudar algumas das diferentes formas de sofrimento e falaremos:

1. Das securas e das angústias da alma;
2. Das humilhações;
3. Das tentações;
4. Das doenças e das enfermidades;
5. Dos escrúpulos.

⁵⁷ Este capítulo não está completo: falta o desenvolvimento ao item n.º 5 “*Dos escrúpulos*”.

1. As securas e as angústias da alma

I - É ordinariamente pela subtracção das consolações sensíveis que começam as provações dos amigos de Deus. Não é preciso que Deus acostume a alma, que se consagrou tão ardentemente ao serviço, a amá-LO a Ele e não apenas as consolações e as alegrias que Ele dá? Não é preciso que essa alma, que conhece as perfeições infinitas de Deus e que sentiu tão vivamente a sua bondade para com ela, O sirva por reconhecimento, mais que por interesse? Sem dúvida, Deus não quer que a alma exclua do seu pensamento a recompensa que Ele prometeu aos que O servem, mas quer ser servido e amado mais por Ele do que por essa recompensa. Deus mereceria ser servido e amado ainda mesmo que não promettesse nada.

Eis a razão por que Deus, depois de ter atraído uma alma pelas consolações e pelas delícias espirituais, se retira e a deixa durante um certo tempo apenas em face do dever que se lhe apresenta, em face da sua secura.

O efeito desta provação é designado pelos autores místicos com o nome de noite, e este nome indica perfeitamente o estado em que Ele põe a alma. Nada se assemelha a um dia luminoso como o tempo das consolações; então a luz abunda, o caminho a seguir está perfeitamente traçado, a alma sabe para onde caminha, a alegria que a inunda dá-lhe de algum modo asas para voar até às alturas da perfeição... mas que a noite sobrevenha, isto é, que essa alegria divina que transporta o coração chegue a desaparecer, que estranha e dolorosa mudança! Os olhos dessa alma, ainda há pouco tão clarividentes (perspicazes), turvam-se; o seu espírito, que se ocupava de tão boa vontade de Deus, já não encontra nada que o fixe; o seu coração tão ardente de amor, já não sente nada, o desgosto substitui o ardor que sentia pelo bem; ela não vê senão trevas, senão fantasmas horrendos; ela tem medo de Deus.

II – Ouvi S. Teresa dando-nos conta do que ela experimentou: *“Há momentos, escreve ela, em que me encontro sem nenhum fervor espiritual. Então o passado apaga-se de tal modo da minha memória que me parece que não fiz bem algum na minha vida. Tudo me parece um sonho; os meus sofrimentos físicos oprimem-me, a minha inteligência obscurece-se; já não penso em Deus e já não sei onde estou. Se pego num livro, não compreendo uma palavra do que leio; vejo-me cheia de imperfeições, sem amor pela virtude, e todo o entusiasmo que antes sentia pelos sofrimentos diminui a tal ponto que seria incapaz, ao que me parece, de resistir à menor tentação, que não me*

reconheço boa para nada, que recuaria diante da mais pequena coisa um pouco difícil e que eu engano todos aqueles que fazem bom conceito de mim. Quisera então poder esconder-me nalgum sítio onde ninguém me visse; o meu único alívio no meio de tantas penas é a graça que Deus me concede de não O ofender mais que de ordinário; e o pensamento de que, longe de Lhe pedir que me livre dum tão grande tormento, estou disposta a sofrer até ao fim da minha vida, se tal for a sua vontade. Submeto-me a ela de bom grado e peço-lhe apenas que me assista, para que de modo nenhum o ofenda”.

Ouvi as queixas horríveis que S. Afonso sofreu no fim da sua vida. Deus que queria prová-lo como o ouro no cadinho; submeteu-o, durante os últimos anos da sua vida, às aflições mais cruciantes e mais amargas que se podem imaginar. Há sofrimentos mais cruéis que a morte para as almas dedicadas a Deus: é o temor contínuo de pecar, uma violenta sugestão para o mal e a terrível angústia de se sentirem afastadas de Deus. Ora, todos estes males extremos Deus permitiu que desabassem sobre o seu servo. A sua inteligência permanecia obscurecida, e ele próprio, abandonado no meio das mais espessas trevas, não via por toda a parte senão pecados, ocasião e perigo de pecar; e como estava sempre na incerteza se tinha ofendido a Deus ou se ia ofendê-LO, o bom velho estava numa agonia sem par e sem tréguas. Ele que tinha dirigido milhares de almas, ele que as consolava com uma só palavra, estava então reduzido a não poder dirigir-se a si próprio. Tudo lhe fazia sombra, tudo lhe inspirava receios e todo o receio tornava-se para ele uma montanha horrível e impossível de transpor. Desse receio nasceu no Santo a desconfiança da salvação. *“Quem sabe, dizia ele chorando, se estou em estado de graça e se me salvarei?”* Depois, voltando-se para o crucifixo, exclamava todo debilhado em lágrimas: *“Meu Jesus, não permitais que eu seja condenado!”* E não sabendo se era culpado ou não: *“Senhor, repetia ele em pranto, não me deixeis cair no inferno, porque não se ama no inferno”.*

Um dia em que lhe perguntavam como se achava: *“Acho-me, dizia ele, debaixo da vara da justiça de Divina”.* E voltando-se para o crucifixo: *“Ah, Senhor, exclamava, castigai-me, castigai-me como mereço, mas não me excluais da vossa presença”.* Além dos escrúpulos, tinha de sofrer tentações tão variadas como perigosas: era-lhe preciso sofrer as revoltas dos sentidos, a vaidade dos pensamentos, a presunção e a incredulidade. Mas, se todas as tentações eram para ele um grande tormento, as que atacavam a sua pureza redobravam o seu martírio. *“Tenho oitenta e oito anos, disse ele*

um dia, e o fogo da minha mocidade ainda não está apagado". A sua castidade experimentava tão violentos assaltos, que às vezes ele bradava durante a noite: "*Meu Jesus, fazei que eu morra antes que vos ofenda. Ó Maria, se vós não me valeis, posso fazer pior que Judas*". O seu único alívio tem sido a oração; mas ela não lhe proporcionava as mais das vezes nenhuma consolação. "*Eu converso com Deus, dizia um dia ao seu confessor, e parece-me que ele rejeita cada uma das minhas palavras. Eu digo: Meu Jesus, eu vos amo! e ouço-o a responder-me: isso não é verdade*". Neste estado, duas coisas resplandeceram, no dizer do seu director: uma cega obediência e um completo abandono nas mãos de Deus. Ele tinha uma tal fé na obediência que, não podendo ter perto de si o seu confessor ou não querendo incomodá-lo, mandava-lhe expor as suas perturbações e as suas angústias por um criado ou pelo irmão que lhe assistia. Achava um grande lenitivo em se confiar assim à misericórdia divina, porque ele mesmo dizia ao seu director: "*O meu único recurso nas minhas angústias é abandonar-me nas mãos de Deus; encontro nisso a paz e o conforto. Espero que Jesus Cristo, não escutando senão a sua bondade, não quererá lançar-me no inferno*".

III – Que fazer neste estado tão triste e tão desolado? Continuar uma vida regular e submissa; arrastar-se, se for preciso, à oração, à meditação, à comunhão, ao trabalho, mas não deixar nada voluntariamente; forçar os lábios a dizerem a Deus os actos de fé, de esperança, de amor, de arrependimento que o coração parece recusar-se a sentir; tornar a dizer a Deus com toda a energia da vontade as palavras tão amorosas de S. Francisco de Sales: "*Eu quero ao menos amar-Vos nesta vida, se tenho de ser bastante desgraçado para não Vos amar na outra*", e acima de tudo obedecer cegamente ao sacerdote a quem Deus Nosso Senhor confiou o cuidado da nossa alma.

Julguemos, de resto, útil, prevenir que as securas nem sempre são uma provação querida directamente; elas podem vir:

1. Dalguns apegos secretos que ferem o Coração de Nosso Senhor e que impedem a sua inteira familiaridade com a alma infiel. Ó vós, que sofreis e que vos queixais, olhai bem para o fundo do vosso coração e, se nele houver uma lembrança ou uma afeição que esteja no lugar que Deus deve ocupar, sede generosas; expulsai tudo isso e deixai lá Deus, unicamente Deus.

2. Duma maneira de ser puramente física e dum comunicar com simplicidade o vosso estado ao vosso director e seguir os seus conselhos quanto à vossa alimentação, quanto ao vosso descanso durante a noite, quanto às vossas horas de distração.

2. As humilhações

I – A humilhação é um sofrimento doloroso. Deus não o poupa aos seus amigos. Aqueles santos que nesta hora são para nós e com justiça modelos de doçura, de pureza, de zelo, de humildade: S. Francisco de Sales, S. Francisco de Assis, S. João da Cruz, S. Teresa, S. Pedro Cláver, S. João Baptista de La Salle, S. Margarida Maria... e tantos outros, oh!, como Deus, no seu amor, os purificava pela dolorosa provação da calúnia, do desprezo, do abandono, das repulsas mais esmagadoras! Não nos parece útil contar minuciosamente as humilhações pelas quais passaram os santos: temeríamos escandalizar algumas almas.

A humilhação é, sem dúvida, o castigo ou o remédio do orgulho que está tão profundamente enraizado no nosso coração, mas é também um meio enérgico de nos desprendermos das criaturas e de nos unirmos a Deus. Ah, quando nos sentimos o refugio de todos, quando nos vemos repelidos e desdenhados pelos nossos amigos mais íntimos que deveriam proteger-nos, a quem é que então iremos senão a Deus, a Deus que tem sempre um olhar de misericordiosa compaixão para a alma mais culpada e mais vil, quando se arrasta humildemente até Ele, a Deus que acolhe com tanta benevolência a alma desamparada que o invoca?

Um dia em que o Btº Suzo saboreava em paz, na sua cela, as delícias da oração mental, ouve uma voz de criança que, partindo do exterior, o chama e lhe diz: “Henrique, vem ver isto. O santo corre à janela e procura com o olhar essa criança cuja voz o fizera estremecer até ao íntimo da sua alma. Não vê ninguém; apenas os seus olhos se fixam num cãozinho que brincava no canto dum pátio com um bocado de pano. Umaz vezes esse animal rasgava o farrapo com os dentes, outras vezes atirava com ele ao ar para o receber em seguida nas fauces, outras vezes arrastava-o para um charco lamacento que havia ali perto e pisava-o aos pés. Henrique voltou para a sua cela sem compreender o que tal facto podia ter de misterioso. Mas o Anjo, aquela criança era um Anjo, o Anjo que o tinha convidado a considerá-lo, revelou-lhe a sua significação: “Henrique, disse-lhe ele, viste tudo o que aquele cão fez do farrapo? O farrapo és tu

mesmo; o cão significa os teus amigos e os teus irmãos que se vão levantar contra ti, e doravante, tu te tornarás como que o seu brinquedo e o seu divertimento”. O Beato prostrou-se com a face contra o chão, aceitando de bom grado todas as provações que o Senhor lhe preparava e rendendo-lhe mil acções de graças por se ter dignado preveni-lo com antecedência para lhe dar tempo para se aparelhar para a luta.

Vós estais prevenidas, também vós, almas eleitas, amadas por Deus dum modo muito especial; preparai-vos para a humilhação.

II – Essa humilhação que vos está preparada, donde é que pode vir? Questão esta, importante e delicada. As humilhações virão de todos os lados, vós sereis humilhadas por Deus, pelos vossos superiores, pelos vossos amigos, pelo vosso pai espiritual, finalmente, por todas as criaturas. Mas não vos assusteis. Deus estará convosco e, com Deus, vós tereis sempre a força para não fraquejar e a graça para tirar proveito dessa rude provação.

1º Deus

Deus humilha uma alma permitindo que ela cometa, por esquecimento, por irreflexão ou leviandade de carácter, por (?)⁵⁸ de memória, por erro completamente involuntário, faltas exteriores que umas vezes perturbarão a ordem da comunidade, outras vezes a farão andar atrasada, outras vezes lhe ocasionarão reais desobediências, e isto à vista e com o conhecimento de toda a gente; daí, necessariamente, repreensões em particular e em público; daí, uma reputação de cianice, de cabeça no ar, de leviandade, de dissipação, que é exteriormente fundada; daí, pouco a pouco, o quase nenhum caso que se faz do que ela diz; daí, pouco a pouco, o esquecimento ou mesmo o desprezo em que a deixam. (Tentações: descontentamento e desânimo).

2º Os Superiores

Os Superiores, vendo uma religiosa cair frequentemente em faltas exteriores, acabarão, pouco a pouco, por formar a respeito dela uma opinião desfavorável. Sem dúvida, as faltas cometidas por essas religiosas que Deus Nosso Senhor quer fazer viver na humilhação, são mais aparentes que reais; é só a vontade que constitui a malícia do pecado e, nelas, a vontade está mais unida a Deus que nunca, mas os superiores não podem julgar senão segundo o que se manifesta exteriormente: só Deus penetra nos segredos dos corações. Daí vem que, com a melhor intenção do mundo, por uma

⁵⁸ Palavra ilegível.

permissão muito particular de Deus, eles atormentam essa pobre alma de todas as maneiras, acusando-a umas vezes de ilusões, outras vezes de má vontade. Como a julgam cega acerca dos seus defeitos, corrigem-na asperamente, esperando assim abri-lhes os olhos; depois, vendo que com o rigor não conseguem nada, desesperam, de alguma sorte, da cura duma pessoa com a qual teriam contado outrora, e tratam-na como um ser doravante inútil. Decerto, os Superiores que têm sempre alguma coisa de paternal no coração, não tomam de modo nenhum uma resolução tão extrema sem experimentar um vivo desgosto; e isso é para a alma provada um acréscimo de tortura. Ela estima os seus superiores; não há sacrifício que não fizesse de bom grado para lhes agradar, eis que se torna para eles, ela bem o sente, um motivo de tormento.

Que fazer num lance tão doloroso, num sofrimento tão cruel? Quando o coração já não pode suportar, interiormente só, o peso das suas mágoas, é natural que vá procurar algum alívio junto dos seus superiores. Ai! Por uma permissão ainda toda divina, em vez de encontrar consolações, não encontra senão amargura e decepção.

Nota: “Os espíritos estreitos, e orgulhosos, sobretudo, encontram-se às vezes alguns destes nas comunidades, poderiam facilmente abusar do que fica dito e julgar-se num estado de perfeição unicamente porque são punidos pelos seus superiores; que eles notem bem:

Que as almas provadas assim por Deus não vejam nos castigos e nas repulsas uma simples provação, mas uma punição real que lhes é devida, quer pelas suas faltas actuais quer pelas suas faltas passadas.

Que os Superiores, procedendo com rigor, vejam sempre uma falta a punir, um carácter a sujeitar, uma desobediência a expiar. Deus pode permitir que procedam por um sentimento de antipatia, mas a alma que sofre as consequências do seu erro, do seu exagero ou do seu carácter, se é realmente santa, sofre em silêncio, não se considera nunca nem como uma vítima, nem como uma dessas almas de elite que Deus faz passar pelas provações, mas humilha-se cada vez mais diante daqueles que a dirigem. A murmuração destrói ordinariamente todo o bom efeito duma provação enviada por Deus.

3º Os amigos

Os amigos, sempre por uma permissão divina, afastam-se da pobre alma que Deus quer humilhar para a atrair unicamente a Ele. Qual é a causa desse abandono? Ela

é toda divina: é, pouco a pouco, que ela se verifica; a pobre alma continua a ser amante e dedicada, mas torna-se involuntariamente um pouco mais tímida, um pouco mais reservada; talvez Deus permita algumas leves contradições, e a amizade que lhe tinha arrefece; vem a indiferença, depois o esquecimento; às vezes a suspeita.

Esta mesma alma, diz o Pe. Grou, que pouco tempo antes passava por uma santa em toda uma comunidade, vê-se de repente objecto de desconfiança; perde-se o bom conceito que se tinha dela; é olhada como uma hipócrita; as suas palavras inocentes são interpretadas em mau sentido; as suas acções mais santas são julgadas criminosas; abandonam-na, fogem dela; os seus próprios amigos, os seus mais íntimos confidentes voltam-se contra ela.

“O que é mais sensível à alma privilegiada, diz S. Teresa, é que os seus amigos se afastam dela e são precisamente aqueles que proferem a seu respeito palavras mais mordazes”.

Eu conheço uma pessoa, escreve a mesma santa, e é de si mesma que ela fala, que se viu reduzida a temer não encontrar nenhum confessor que quisesse ouvi-la, tantas coisas tinham dito contra ela.

Nós, que seríamos tão felizes em viver com uma Santa Teresa, uma Santa Angela de Foligno, como um S. Pedro de Alcântara ou um S. João das Cruz, não podemos imaginar, senão com dificuldade, o isolamento e o abandono em que Deus Nosso Senhor permitiu que eles vivessem durante um certo tempo. Ah, se tivérmos de sofrer a mesma pena, saibamos, como eles, unir-nos a Jesus abandonado, a Jesus traído; sofrer em paz e derramar silenciosamente as nossas lágrimas diante do sacrário.

4º O Confessor

O confessor não abandona nunca; pai espiritual, ele é a imagem da bondade divina sobre a terra e Deus comunicou-lhe o que quer que seja de sua paternidade. Não, ele não se apartará de vós, almas provadas, nem mesmo quando todos vos abandonarem; mas Deus permitirá, ou que sintais para com ele um aperto de coração que impedirá toda a abertura de consciência, ou que até suspeiteis que ele tem prevenções contra vós, ou que ele próprio não encontre nada para vos dizer. Ele, que antes vos compreendia tão bem, ele, que lia na vossa alma como num livro aberto, já não vê nada nela hoje; e, desde o momento em que já vos não compreende, apesar de todo o interesse que a sua caridade tem por vós, que quereis que ele faça? Orar por vós e

calar-se. Oh, sim, é uma terrível provação essa! Permanecei, permanecei muito humildes, muito pequeninas; sobretudo não vos lamenteis, não murmureis, não conteis as vossas mágoas, não vos deixeis levar a duras exprobrações, mas continuai com simplicidade a confissão das vossas faltas e das vossas imperfeições; aceitai os conselhos que vos são dados, ainda que eles vos pareçam completamente inúteis para a vossa alma. Esforçai-vos por segui-los e esperai: Deus virá quando a provação tiver cumprido a sua missão.

5º As criaturas em geral

Chega às vezes uma hora em que parece que as leis do mundo mudaram relativamente às almas que Deus quer especialmente provar. Nada lhes corre bem. Em tudo são mal sucedidas. As coisas mais simples deixam de o ser e eriçam-se de dificuldades; a menor empresa que tentam encontra obstáculos invencíveis; tudo aquilo que elas tocam perece nas suas mãos e esses resultados sempre infelizes, mesmo onde a prudência mais invulgar os prevêem felizes, acabam por produzir nelas uma tal timidez, que já quase que não ousam dizer nem fazer nada.

Sem dúvida, o que acabo de expor não é ordinário; todavia, julguei conveniente expô-lo, e, ainda que não tenha descrito esse estado peculiar a algumas almas em toda a sua extensão, tenho a esperança de que, com a graça de Deus, estas palavras tranquilizarão algumas almas, mostrando-lhes apenas uma provação onde talvez o Demónio lhes mostrasse um abandono de Deus.

III – Conduta geral nas acusações que nos são feitas.

1. Não nos desculpemos nas pequenas repreensões de todos os dias acerca do nosso pouco cuidado, da nossa pouca ordem, da nossa pouca regularidade.

Não nos desculpemos tão pouco numa censura pública. Deixar a humildade fazer na nossa alma a sua obra de purificação e de perfeição. Quando parecer que há, todavia, graves motivos para não nos deixarmos condenar sem resposta, não fazermos nada antes de termos pedido conselho e de termos recuperado a nossa liberdade e a tranquilidade do coração.

Em princípio, não improvisemos de modo nenhum uma desculpa. Oh, quanto é mais sensato e mais santo, a exemplo de tantos santos caluniados, e de S. Francisco de Sales entre outros, “deixar a Deus o cuidado de nos justificar, de continuar, sob o peso da suspeita ou da calúnia, a nossa vida regular, calma e pacífica, e dizer com paz: Deus

é o Senhor da minha reputação; se vir que ela me é necessária, saberá muito bem restituir-ma”.

2. Não falar das humilhações recebidas senão ao director da nossa consciência para aprender a suportá-las; nunca deixar escapar uma palavra de crítica ou de desfavor a respeito dos autores desses sofrimentos.

A consolação do Céu desce até ao âmago deste sofrimento da alma, ao pé do altar, no silêncio tranquilo da oração mental. Não querer senão só Deus como consolador é ganhar o coração desse Pai misericordioso e atrair as suas mais íntimas carícias.

De resto, as consolações dos homens são mais que impotentes para aliviar o coração; elas cavam nele o vácuo, mancham as suas afeições e abrem a porta a muitos defeitos. As consolações celestes, pelo contrário, trazem consigo a humildade, a caridade, a obediência, a mortificação, a paciência, a paz profunda: “Eu recordei-me de Deus, diz David, e fui consolado” (Sl 76).

3. Quando fordes acusadas dalguma falta que tenhais cometido, diz S. Gregório, humilhai-vos profundamente; se a acusação é falsa, desculpai-vos com doçura, supondo que sejais culpadas porque, deveis essa reverência à verdade e à edificação; mas, se continuam a acusar-vos, não vos perturbeis de modo nenhum e colocai a vossa reputação nas mãos de Deus; vós não podereis garanti-la melhor doutro modo. Convençei-vos bem da verdade destas palavras de S. Francisco de Sales: *“O mal e a aflição sem objecção incham muitíssimas vezes o coração em vez de o humilharem”*.

3 - As tentações

A tentação propriamente dita é tudo o que solicita ao pecado. Ela tem por causa a inclinação para o mal que existe em nós, a malícia do Demónio, o atractivo das criaturas, os maus exemplos.

Para uma alma que ama realmente a Deus, é um doloroso sofrimento esse estado de tentação quando é levado a um certo grau de intensidade ou de continuidade. Ela sente-se impelida ao mal com uma violência que lhe parece às vezes irresistível; parece-lhe que quer o mal, que faz mesmo o mal, e, todavia, sente que no fundo do seu ser ama a Deus, que não quer ofender a Deus, que preferiria morrer mil vezes antes que desagradar-lhe; mas tudo isso é confuso; ela não pode conhecer se realmente não

ofendeu a Deus; então, como para S. Paulo, a vida é para ela uma carga; deseja morrer, pede a Deus que seja liberta desse corpo de morte... e Deus responde-lhe: A minha graça te basta!... Oh, sim, é uma provação muito dolorosa esse estado de tentação.

Vamos ver:

1. Os motivos pelos quais Deus permite a tentação;

Os mestres da vida espiritual assinalam cinco motivos particulares, pelos quais Deus deixa uma alma que lhe é cara presa das tentações:

1º É para a provar. Quando a alma está em paz, não se sabe se a fidelidade nela é virtude ou se procede dum natural bom e do gosto que pode ter este ou aquele exercício; mas, quando, combatida pelo Demónio, persevera no bem, mostra claramente que o faz por virtude e por amor de Deus.

2º É para a humilhar, a virtude da humildade não se adquire nunca tão bem como pela via das tentações. Quando uma alma é assaltada por longas e fortes provações e se vê a ponto de sucumbir, toca com o dedo a sua própria fraqueza e fica com isso profundamente humilhada, porque reconheceu a necessidade do auxílio contínuo de Deus; recorre, pois, a Ele com mais solicitude e mantém-se com mais precaução para não se expor a ocasiões de queda lamentável.

3º É para a purificar dos seus defeitos e das suas imperfeições e torná-la, por consequência, mais bela e mais agradável a seus olhos. *“Do mesmo modo, diz Gerson, que um mar batido pela tempestade repele para longe todas as imundícies que pôde receber, assim a alma presa das tentações: desfaz-se de todas as imperfeições de que se carregou num tempo de calma”.*

4º É para a frutificar na virtude, uma alma que, temendo cair no momento da tentação, se põe a detestar o vício, a multiplicar as suas boas resoluções, a mortificar a sua carne, a enternecer Nosso Senhor com fervorosas orações e com os actos de virtudes heróicas que ela nunca teria praticado em tempo ordinário, fortifica-se e fixa-se solidamente na virtude! S. Paulo pedia instantemente ao Senhor que o libertasse dos estímulos da carne que o molestavam tão cruelmente: “Não, respondeu-lhe o Salvador, não é vantajoso para ti seres liberto deles; a minha graça te basta e a tua fraqueza é para ti uma causa de maior perfeição”.

5º É para aumentar os seus méritos e tornar mais bela a sua coroa, cada vez que a alma triunfa da tentação, adquire um aumento de graça que lhe valerá um

acréscimo de glória no Céu: Nosso Senhor disse a Santa Mechtilde: “Quanto mais tentações a alma provada vence com o meu auxílio, tanto mais pérolas põe em volta da sua cabeça”.

2 As diferentes espécies de tentação;

Indicar-se-ão somente aquelas que atormentam mais dolorosamente a alma religiosa:

1º *Tentações contra a fé.* Estas tentações são muito penosas e muito desanimadoras. Elas tiram à piedade todo o seu encanto e à oração toda a sua consolação; elas têm como efeito afastar de Deus, sobretudo da Sagrada Comunhão. Por isso é preciso combatê-las energicamente e, em conformidade com o conselho e as indicações do confessor a quem se deve sempre expô-las, actuar contra elas em todas as circunstâncias. Depois, dissei de vós para vós que a palavra de Deus é imutável e que ela não engana e que não serão nem os vossos sentimentos nem a vossa maneira de ver que mudarão a realidade das coisas. Assim, pois, que Jesus Cristo disse que estava na Eucaristia, Ele está lá realmente e todos os vossos raciocínios e todas as vossas impressões não impedirão a verdade e a realidade da sua palavra. Ainda mesmo que vos pareça que já não tendes fé, procedei sempre e em tudo como se realmente tivésseis muita fé.

Almas mais santas do que nós foram tentadas contra a fé, S. Hugo, Bispo de Grenoble, foi atormentado durante uma grande parte da sua vida com tentações de blasfémia contra a Providência. Abriu-se acerca desta tribulação com o Papa S. Gregório VII que o tranquilizou e lhe disse que Deus não permitia essa provação senão para seu bem. S. Maria Margarida de Pazzi foi também atormentada com essas tentações a tal ponto que inspirava compaixão. “*Rezai por mim*, dizia ela às vezes às religiosas do seu convento, *para que eu não blasfeme contra Deus*”. Esta cruz durou cinco anos. S. Francisco de Sales, numa das suas doenças, teve uma tentação tão forte e tão perigosa contra o adorável sacramento da Eucaristia que nunca quis dar a conhecer em que ela consistia com o receio de que a sua exposição abalasse algumas almas fracas. S. Vicente de Paulo experimentou também tentações do mesmo género e foi para lhes responder com as suas obras que ele fez todas essas coisas que assombram e que ainda hoje são objecto de grande admiração. Ele escrevia todos os dias a sua fé nas suas obras, e respondia com as suas acções aos falsos raciocínios do tentador. É o que é

necessário imitar em tal caso. Não se deve discutir interiormente; deve-se orar, fazer actos de fé breves e simples e praticar as boas obras.

2º *Tentações contra a pureza.* Esta tentação, quando não for provocada por alguma imprudência, não prejudicará mais a alma que qualquer outra provação. Uma vez tomadas as precauções em uso, isto é, a modéstia e a mortificação dos sentidos, a fuga das ocasiões perigosas, uma abertura cheia de fé e de simplicidade na confissão, a alma, em vez de se manchar nesse estado, adquirirá mais delicadeza, mais desconfiança, mais desprezo de si mesma, mais humildade; por consequência, estará talvez mais afastada do que nunca das faltas deste género e mais perto do Coração de Deus que ama os humildes, os pequenos, os que já não contam consigo e não têm esperança senão nele. “*Onde estáveis vós, Senhor, durante as cenas abomináveis que acabam de perturbar a minha imaginação*”? dizia a Nosso Senhor S. Catarina de Sena. “*Minha filha, eu estava no teu coração*”, respondeu Jesus. É esta a história das almas fiéis nas tentações de que se trata. A devoção para com a Santíssima Virgem, o cuidado de trazer com simplicidade medalhas benzidas são admiráveis remédios neste género de estado. (O afligir-se é pior). (Sujam a imaginação, não mancham a alma).

3º *Tentação de orgulho.* O Demónio não tenta com o orgulho as almas devotas como tenta as almas mundanas; mas nós não sabemos em que caso a vitória é mais difícil de alcançar. Há no orgulho das pessoas devotas o que quer que seja de subtil e de tão sedutor que não se pode escapar-lhe senão com uma graça muito especial da bondade de Deus. Deste género de orgulho nascem os juízos temerários sobre o próximo, muito rigor e muitas exigências, um zelo inoportuno, uma grande inclinação a queixar-se, um prazer secreto em ouvir dizer mal, a confiança nas próprias forças, uma avidez imprudente e presunçosa dos estados extraordinários da alma e todas as ilusões que acompanham essa espécie de avidez. Nesse estado, e desde que se concebe a menor suspeita dele, a alma deve humilhar-se muito, por essa razão, na oração mental e nos momentos de recolhimento, exercitar-se nas coisas que causam vergonha, tomar a peito confessar as suas faltas sem nenhum disfarce, afrontar alguma humilhação em acções ou em palavras, mas não seguir nisso senão o conselho do director, porque os erros do amor próprio poderiam ainda nisso tornar-se perigosos. Nunca falar de si senão por necessidade e não ter empenho nem pressa em dar a sua opinião.

4º Tentação de desespero. Esta tentação, levada a um certo grau, é espantosa e exerce até sobre o corpo terríveis devastações como se viu em S. Francisco de Sales quando era estudante em Paris. Sabe-se por meio de que heróica disposição triunfou dela, com o auxílio da Santíssima Virgem.

Se Deus vos submeter a esta terrível tentação, se vos parecer que toda a esperança está perdida para vós, que sois destinadas ao inferno, que viveis em estado de pecado mortal, repelidas por Deus, pela Santíssima Virgem, por todos..., ah, por favor, não vos deixeis abater; ide prostrar-vos aos pés do Santo Tabernáculo e dizei a Jesus como Job dizia a Deus: *“Ainda que me matásseis, esperaria ainda em vós”*; dizei-lhe com S. Francisco de Sales: *“Se tenho de vos odiar durante toda a eternidade, deixai-me ao menos agora dizer-vos que vos amo”*!

Esta tentação, vencida, deixa chegar à alma o amor mais puro, as luzes mais vivas e graças de toda a espécie. Os defeitos mais subtis corrigem-se, a natureza morre para dar lugar à fé, e esses dias e esses anos de angústias horríveis produzem às vezes, ainda antes do Céu, delícias que as palavras da língua humana são incapazes de exprimir.

Os meios de combater esta tentação são uma extrema fidelidade aos exercícios de piedade, a frequência assídua dos sacramentos, ainda que fosse preciso arrastarmos, como S. M. M. de Pazzi, à comunhão, a humildade e a devoção para com a Santíssima Virgem.

3 A conduta prática a observar para com as tentações;

1º. Não peçais a Deus que vos livre da tentação, pedi-lhe somente a graça de não sucumbirdes; aquele que recusa o combate, renuncia à coroa. Abandonai-vos, quanto ao combate, à santa vontade de Deus; ela não permitirá nunca que sejais tentadas acima das vossas forças, e, durante a luta, se ao menos o vosso olhar se dirigir para Ele, Ele combaterá convosco e por vós.

2º. Deixai correr o vento, diz S. Francisco de Sales, e estai certas de que todas as tentações do inferno não são capazes de manchar um espírito que não as ama, que não gosta delas. Há no fundo da alma um fundo ainda mais íntimo em que o Demónio não pode penetrar: Deus reservou-o para Si, é o Seu santuário. O Demónio agita-se, faz barulho, excita a imaginação, cansa mesmo os sentidos, mas, nessa parte superior da alma, reside a paz, porque Deus se encontra lá. *“Que o Demónio actue, opere sobre os*

meus sentidos e sobre a minha imaginação, ele pode fazê-lo ainda que eu não queira, dizia um santo, mas a minha vontade não pertence senão a mim, não pode nada sobre ela; por mais que me diga que eu quero o mal, responder-lhe-ei sempre não”.

3º. Vós receais ser culpadas, porque confundis a impressão com o consentimento, e porque, tomando um estado passivo da vossa imaginação por um acto da vossa vontade, julgais ter cedido à tentação, porque a sentistes vivamente; tranquilizai-vos: a imaginação exerce-se de ordinário fora dos limites do nosso poder. S. Jerónimo tinha-se retirado para o deserto, tinha fugido para não continuar a ser testemunho dos escândalos do mundo, e a sua imaginação representava-lhe as damas das matronas romanas; ele macerava o seu corpo, como S. Paulo reduzia-o a uma dura escravidão, e o fogo da concupiscência torturava ainda o seu coração. No meio dos seus combates terríveis, sofria, mas não pecava; era atormentado, mas não era culpado, e a dor que experimentava era uma prova do seu ardente amor para com Deus.

4º. Compenetrai-vos bem desta doutrina que servirá para tranquilizar a vossa alma se o temor de ter pecado mortalmente vier perturbá-la. Para constituir um pecado mortal, é precisa a reunião de três circunstâncias:

Que a matéria seja grave.

Que o espírito tenha conhecimento pleno da culpabilidade da acção que se pratica ou da omissão que se permite ou do perigo a que se expõe.

Que a vontade se decida plenamente com uma preferência criminosa pela acção proibida, omissão culpável ou ocasião perigosa.

Se uma destas três circunstâncias vier a faltar, não há pecado mortal.

A segurança perfeita não pode e não deve vir senão da obediência; deveis, portanto, com simplicidade e candura, expor o estado em que vos encontrais ao vosso director e, quando, depois de vos ter ouvido, o vosso director falou, deveis submeter-vos à sua decisão, confiar nele com uma imperturbável tranquilidade e repelir todo o receio de não terdes sido compreendidas ou de não vos terdes explicado completamente.

5º. O estado da vossa alma, por mais atormentada que ela tenha podido ser, pode expor-se em três palavras: ou eu estou certamente culpada e acuso-me da minha falta; ou certamente não estou culpada e não falo disso na confissão, ou não posso certificar-me se estou culpada ou não: lutei, combati, e acuso-me tal como Deus Nosso Senhor me vê. Todas as palavras que podereis dizer, podem sempre resumir-se numa destas.

Lembra-vos de que, para as almas que querem sinceramente ser de Deus, o que importa, na confissão, não é explicarem muito, mas serem muito humildes, muito submissas e quererem sinceramente evitar as menores ocasiões de pecado.

6º. Que deveis ir procurar junto dum director esclarecido? A graça do Sacramento e uma direcção conforme com os desígnios de Deus sobre a vossa alma.

Estas duas coisas importantes não faltam nunca, mas não bastam à vossa natureza ávida de contentamento. A vossa alma quereria ser como que desoprimida, descarregada do peso que a oprime; que a esmaga, encontrar um apoio que a ajudasse a elevar-se acima das suas misérias e a sair das provações, interiores e exteriores; ela quereria sentir-se levada no caminho do Céu para evitar toda a fadiga e toda a dificuldade. É então a ocasião de recordar esta palavra bem fecunda nas suas aplicações: se assim fosse, onde estaria o martírio da vida?

Em geral, a missão do director é esclarecer a alma, actuar sobre ela, tanto quanto julgar a propósito, para a conduzir a Deus, e, segundo a expressão de Bossuet, para a não deixar respirar senão do lado de Deus. Não lhe peçais outra coisa.

4 As doenças e as enfermidades

I – A doença assusta, aterra as pessoas do mundo; ela deve ser para a religiosa um motivo de alegria.

A doença é um dom muito especial do amor de Deus. Ouvi uma alma profundamente compenetrada desta verdade: “Oh, como com S. Paulo eu me comprazo nas minhas enfermidades, nas minhas dores e nos meus sofrimentos, porque é Deus que mos envia. Amo-os porque me mantêm na humildade e na dependência e me desprendem da vida. Amo-os porque me dão a ocasião de testemunhar a Deus o meu amor e a minha fidelidade. Amo-os e adoro-os como sacramentos que trazem a graça ao meu coração, me purificam das minhas faltas, me enriquecem com um tesouro de méritos, me conduzem à perfeição, me aproximam do Céu, me sacrificam à glória do meu Deus, me tornam uma vítima da sua grandeza e do seu amor, me unem finalmente a Jesus Cristo e me tornam semelhante a Ele”.

O sentimento que se apodera de mim quando me aproximo da cabeceira dum doente, escreve uma santa alma, é um sentimento de respeito. Nesse leito de sofrimento vejo mais que um irmão, mais que um amigo na provação, vejo uma alma que o Senhor

pôs à parte para a formar Ele mesmo com as suas mãos, e porque tem alguma coisa a dizer-lhe e alguma coisa a dizer-me por meio dela

Na doença, a mão paternal de Deus mostra-se duma maneira mais visível que nos outros sofrimentos.

Expor-se-ão:

1º As vantagens da doença;

2º As ilusões da doença;

3º Os conselhos práticos na doença.

A doença expia os pecados. Ela faz o que fará um dia o Purgatório, se a morte, ao ferir-nos não encontrar em nós esse profundo amor de Deus que purifica e que é tão raro sobre a terra; e ela o faz, apesar das suas torturas, com uma doçura e uma moderação desconhecidas para além desta vida. Ah, quanto é mais suave apagar os pecados numa cama do que expiá-los no meio do fogo! E, graças à misericórdia infinita de Deus, quantos anos de Purgatório podem ser suprimidos por alguns dias de doença, se o doente se resigna, tem paciência e se une à santa vontade de Deus! A doença é um purgatório de misericórdia.

A doença é o mais expiatório dos sofrimentos, porque pode abrangê-los todos: ela actua ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a alma; tortura os membros; atinge todos os sentidos; priva do sono e do alimento; oprime com aborrecimentos, temores, inquietações; coloca-nos às vezes sob a dependência absoluta dos outros; faz sofrer às vezes as penas do desprezo, do abandono, do esquecimento.

A doença dá-nos uma esperança quase certa da nossa salvação. Há poucos meios mais eficazes para a salvar uma alma, porque ela afasta quase todas as ocasiões de pecado e dá os meios de praticar todas as virtudes. Oh!, como um doente tem pouco que fazer para se santificar! Reconhecer simplesmente que é a mão de Deus que o fere e que o fere com justiça; pedir-lhe a sua cura, sem dúvida, tomar os remédios que são receitados, mas submeter-se com amor a tão santa e tão sábia vontade divina e unir os seus sofrimentos aos sofrimentos de Jesus Cristo.

Diversos santos passaram a sua vida em sofrimentos contínuos; eles não podiam fazer longas orações, nem seguir uma regra, nem entregar-se a nenhuma obra de zelo:

eram submissos, sofriam com amor olhando para o seu crucifixo e, na sua aparente inacção, entreteciam para o Céu uma esplêndida coroa.

X - EUCARISTIA

Presença real de Jesus Cristo na Eucaristia

322 *É necessário avivar a fé para crer firmemente na presença real e demonstrar essa fé com a devida compostura diante do Santíssimo Sacramento.*

Prática. Procurar ter sempre diante de Jesus Sacramentado aquela veneração que teríeis se O vísseis com os vossos olhos. Ao fazêdes a genuflexão, entendei sempre fazer um acto de fé na presença de Jesus Cristo e um acto de verdadeira adoração.

Exemplo. A genuflexão de Mons. Marmillod, protestante convertido, bispo; antes de ser bispo; visita, sermão, genuflexão; senhora protestante.

323 *Por dois motivos vemos que Jesus Cristo está verdadeiramente presente na Eucaristia:*

a) Porque Ele mesmo disse que eram Seu Corpo e Seu Sangue o pão e o vinho consagrados. Jesus Cristo é também Deus; como Deus, é Onnipotente e a Verdade por essência. Por isso, não quer, não pode enganar-nos. Além disso, a Sua palavra opera sempre aquilo que significa. Devemos, pois, crer firmemente na Sua palavra, a qual adquire maior valor se a relacionarmos com a promessa da Eucaristia, que tinha feito cerca de dezoito meses antes;

b) Porque assim nos ensina a Igreja. Ela foi instituída por Jesus Cristo, mestre infalível da Verdade. Ela ensina-nos, em nome Dele, tudo o que devemos crer para nos salvarmos. Acreditou e ensinou sempre a presença real. Quem não crê, é herege. Definição do Concílio de Trento: excomunhão. A Igreja rendeu sempre a Jesus na Eucaristia culto de adoração.

Observação. Se as palavras de Jesus não se devem interpretar à letra, Ele tinha o dever de o dizer claramente. Cristãos, as melhores almas, idolatria, equívoco dos discípulos acerca do fermento dos fariseus, equívoco mais grave, permitir que muitos O abandonassem.

O catecismo acrescenta que a Eucaristia é um mistério, e um grande mistério.

Prática. É maior o mistério de amor.

Exemplos: A promessa da Eucaristia (S. João, 6).

Deste discurso se conclui:

a) Que Jesus Se chama o pão da vida, pão que desceu do Céu; e que os Judeus murmuram;

b) Que Jesus diz abertamente que o pão que dará é a Sua carne, e que os Judeus disputam a respeito destas palavras;

c) Que Jesus promete a ressurreição final e a vida eterna ao que come a Sua carne e ameaça com a privação da vida eterna o que não come a Sua carne; e que muitos discípulos O abandonam:

d) Que Jesus pergunta aos Apóstolos se também eles se querem retirar; e que S. Pedro, em nome dos Apóstolos, confessa que Jesus Cristo é o Filho de Deus e, portanto, onipotente, e chama às palavras de Jesus palavras de vida eterna.

Disse-o Jesus Cristo (O'Connel)

Quem tem razão? Interpretação dos hereges das palavras: “Isto é o meu corpo”. Definição do Concílio. de Trento: verdadeiramente, não em figura; realmente, não por fé, substancialmente, não por efeito e virtude.

Isto é o meu corpo – Com este pão há o meu corpo – Isto significa o meu corpo. O quadro é conservado na cidade de Ollobeuren, na Suábia, e foi reproduzido em muitas imagens (...) ⁵⁹

324, 325, 326 – *Pão de trigo* – maneira um pouco diversa do pão ordinário. O pão-hóstia é feito com massa não fermentada e cozido sem forno. São igualmente pão, antes da consagração, as hóstias levadas para o altar na píxide. Feita a consagração, não existe já o pão. A hóstia parece pão, ou melhor parece hóstia, porém, da hóstia-pão já não existe a substância, mas só as espécies, as aparências externas; na realidade, é o corpo de Jesus Cristo, vivo e verdadeiro.

Misturam-se no vinho algumas gotas de água, porque (Concílio. de Trento) crê-se que também Jesus Cristo fizesse o mesmo e porque da chaga do lado do Salvador brotou, juntamente com o sangue, também água. Igualmente esta união de algumas gotas de água no vinho figura, não só a união da natureza humana com a divina em Jesus Cristo, mas também a do povo fiel com Jesus Cristo., Sua cabeça. Depois da consagração.

⁵⁹ Restante frase ilegível.

328 *A Transubstanciação opera-se no acto e no instante preciso em que o sacerdote pronuncia, na Santa. Missa, as palavras da consagração.* Operam o que significam. Poder de Jesus. Criação. Poder igual. Santo Ambrósio escreve: “Como é que então a palavra de Deus, que do nada chamou à existência as coisas que antes não existiam, há-de ser impotente para fazer que aquilo que existe se converta nalguma coisa que antes não era? Por certo, não se requer menor poder para dar a existência às coisas do que para converter o ser das coisas já subsistentes num outro ser”. (*De Mysteriis*, cap. IX)

Prática – Na Missa, depois do *Sanctus*, preparação para adorar. Ao toque da campainha, acto de fé viva e adoração humilde.

Acaso fazer do nada coisas novas é menos do que mudar a natureza das que existem? (Morebout).

Dogma da presença real Prova:

1ª. Promessa da Eucaristia feita por Jesus.

2ª. Instituição da Eucaristia.

3ª. Palavras de S. Paulo.

4ª. Tradição universal da Igreja.

Instituição: Os discípulos, que acreditaram na promessa sem talvez lhe compreender todo o sentido. Jesus, que vai em breve morrer. (Nossa Senhora e Santa Maria Madalena, que Jesus chama com o olhar ao assomarem à porta do Cenáculo. Um moribundo não engana e não quer que as suas palavras sejam enganadoras.

Substância: Bolota. Na bolota há a substância do carvalho; o carvalho está todo neste germe. Vemos a bolota tornar-se uma árvore de ramos múltiplos e cobertos de folhas; o que vemos são os acidentes, mas a substância que estava nessa bolota e que está agora em todo o carvalho escapa aos nossos sentidos.

Uma criança, cresce, não muda a substância.

Na Eucaristia, Jesus Cristo está presente pela Sua substância; as suas propriedades accidentais não estão n’Ele por si mesmas. Por consequência, as questões de dimensão, de quantidade, não podem pôr-se, porque dizem respeito aos acidentes.

Jesus Cristo está presente todo inteiro em cada uma das partes da hóstia consagrada e em cada gota de sangue do cálix. A substância da água mostra-se toda

inteira numa gota de água, como em todo o Oceano; a substância do pão encontra-se em todas as migalhas de pão, como no pão todo inteiro.

Os textos evangélicos

Mt 26, 26 -29; Mc 14, 22 -25; Lc.22, 19 - 21.

Notas sobre estas passagens do Evangelho.

Estes textos, e o contexto, provam que Jesus não fala em sentido figurado. Nosso Senhor disse: “Isto é o meu corpo”, e não isto representa o meu corpo; isto é o meu sangue e não isto representa o meu sangue. Como o pão e o vinho não são sinais apropriados para representar o corpo e o sangue, é preciso tomar à letra as palavras de Jesus.

Testemunho de S. Paulo: 1 Cor 11, 23- 30. Cerca do ano 57.

Notas sobre este texto.

As palavras de que S. Paulo se serve: “*Todo aquele que comer o pão ou beber o cálix do Senhor indignamente, será culpado para com o corpo e o sangue do Senhor*”, não podem explicar-se, se não se admite a presença real.

322. *Se se tivesse conservado o Santíssimo Sacramento no Cenáculo...*

Prática: Procurar ter sempre aquela veneração que teríeis se O vísseis.

Genuflexão: acto de fé e de adoração.

323. Jesus disse. A Igreja diz.

Jesus Cristo disse: - como Deus, é onipotente e a Verdade por essência. Por conseguinte, não quer, nem pode, enganar-nos. Além disso, a Sua palavra opera sempre aquilo que significa.

A Igreja ensina assim. Ela é a mestra infalível da Verdade. Quem não crê no ensino da Igreja é herege. Definição do Concílio de Trento.

Mistério grande: Jesus, presente na Hóstia consagrada, ainda mesmo no mais pequeno fragmento; presente em todas as Hóstias consagradas; presente, ao mesmo tempo, no Céu e em tantos lugares da terra; presente sem Se manifestar externamente por nenhum modo, e conservando as espécies do pão e do vinho, que se tornam como que um véu misterioso da sua pessoa adorável.

Prática – É grande o mistério Eucarístico, mas é ainda maior o mistério de amor.

330. *As espécies são conservadas prodigiosamente para nosso bem.* Suspende um milagre: Jesus oculta-Se sob as espécies.

331. *Hóstia consagrada* – vinho consagrado são as espécies do pão e do vinho. Eram convenientes as duas espécies porque melhor nos recordam, no sacrifício da Missa, a morte de Jesus. Mas Jesus está todo inteiro debaixo de cada uma das espécies.

332. *Corpo imortal* e impassível: não Se divide. Está Jesus, porém, em cada fragmento, como se cada um fora consagrado separadamente. Espelho.

Jesus está na Eucaristia dum modo especialíssimo, está sem aquela (?)⁶⁰ que é naturalmente própria do corpo. Toda a espécie, contanto que seja sensível, é capaz da presença sacramental de Jesus.

Exemplos. As visitas de S. Vicente – Adorar a Jesus – Uma aldeia modelo.

Perguntas:

- 1ª- Porque é que acreditamos na presença real de Jesus na Eucaristia?
- 2ª- Porquê as duas espécies?
- 3ª- Porquê a mistura da água com o vinho?
- 4ª- Porquê, à conversão, se chama Transubstanciação?
- 5ª- O que é a Hóstia consagrada? O que é o vinho consagrado?
- 6ª- Pode dizer-se que Jesus Cristo está na hóstia consagrada?
- 7ª- Porquê, dividindo-se a hóstia, não se divide o corpo do Senhor?
- 8ª- Como está Jesus Cristo na Eucaristia?
- 9ª- Porque é este o maior de todos os sacramentos?
- 10ª- Se no Cenáculo se tivesse conservado uma hóstia, Jesus estaria vivo ou morto na hóstia, entre a morte da cruz e a ressurreição?
- 11ª- É válida a consagração em pão fermentado?
- 12ª- O que significa Eucaristia? Acção de graças, benefício.
- 13ª- Outros nomes: a Santa Hóstia, o Santíssimo Sacramento, o Sacramento dos Altares, o Pão dos Anjos, a Sagrada Vítima, o Viático, a Comunhão, o nosso Pão, o Senhor, Jesus-Hóstia. Explicação.
- 14ª- Porque é um Sacramento? Sinal sensível – Instituição de Cristo – A graça (e o Autor dela).

⁶⁰ Palavra ilegível.

15ª- Porque se diz realmente? Não em símbolo, não em figura, não em representação, mas verdadeiramente, no seu Ser, com tudo o que Ele é, isto é, todo inteiro. Realmente em pessoa, em todo o seu ser.

16ª- Quais as figuras da Eucaristia no Antigo Testamento? Melquisedec oferecendo o pão, o Cordeiro Pascal, o maná do deserto.

17ª- Promessa da Eucaristia.

18ª- Instituição da Eucaristia.

19ª- Como deu Jesus aos Apóstolos e aos sucessores o poder de fazer o mesmo?

Sagrada Comunhão

335. *Para matarmos a sede ou sermos iluminados, não basta a água e o sol. É necessário que bebamos a água e que a luz chegue até nós.*

336-337. *Melhores disposições, maior fruto, por isso, purificação dos pecados veniais por meio dum acto de contrição.*

O *pecado venial* simplesmente passado, pelo qual se não conserve nenhum afecto actual, não impede o fruto da Comunhão. Como fruto, ela apaga também os pecados veniais. Se, porém, o pecado venial é cometido no acto da Comunhão, por ex. uma distracção voluntária, o propósito de continuar num hábito levemente mau não impede totalmente, mas diminui o fruto da Comunhão, que é menor se é menos perfeita a disposição de quem recebe o Sacramento. Além disso, quem comunga com um pecado venial cometido nesse acto, peca venialmente contra a religião pela irreverência feita ao Sacramento.

O sacrilégio:

1) Ultraja Jesus Cristo, porque leva Jesus, santidade por essência, a um coração escravo do Demónio; abusa indignamente do maior favor que Jesus nos faz; antes, serve-se do maior favor que Jesus nos faz para Lhe fazer o maior ultraje, e porque causa a maior alegria ao Demónio.

2) Ultraja o Eterno Pai, que ama Jesus e O vê ofendido, que deu Jesus para nossa salvação e O vê tornar-Se causa da maior condenação; que Se compraz em Jesus e vê atentar-se contra Ele.

3) Ultraja o Espírito Santo, que quis que Jesus habitasse no seio duma virgem toda pura.

Considerar ainda a atitude do sacrílego, a causa por que ele pratica tal delito e as funestíssimas consequências que daí resultam.

Exemplo: Os filhos da família de Jacob. A Arca da Aliança e o Êxodo. *Amice, ad quid venisti?* O assassinio de Mons. Sibour, Arc. de Paris.

338. *Disposições* – Preparação e acção de graças. O tempo da Comunhão é um tempo preciosíssimo.

Exemplos: a fé (?)⁶¹ de Simão de Monfort – Farei a acção de graças.

339-340. (normas já ultrapassadas)

⁶¹ Palavra ilegível.

ÍNDICE TEMÁTICO

I - Ilusões sobre a Obediência	3
II - Ilusões sobre a Pobreza	21
III - Ilusões sobre a Castidade	39
IV - Sobre ao Retiros	62
V - Ilusões sobre os perigos da Vida Religiosa	67
VI - Ilusões sobre o Valor Pessoal	82
VII – A Humildade	93
VIII - Ilusões sobre a Perfeição	97
IX - Obrigação da Religiosa - SOFRER	125
X - Eucaristia	155